Lendas e Narrativas

POR

A. HERCULANO

TOMO II

Edição definitiva conforme com as edições da vida do auctor, dirigida por

DAVID LOPES

Professor da Faculdade de Lettras da Universidade de Lisboa

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO — S. PAULO
BELO HORIZONTE

RB183045

Lendas e Narrativas

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/lendasenarrativa02herc

Lendas
E
Narrativas

POR

A. HERCULANO

23.ª EDIÇÃO

TOMO II

Edição definitiva conforme com as edições da vida do auctor, dirigida por

DAVID LOPES

Professor da Faculdade de Lettras da Universidade de Lisboa

LIVRARIA BERTRAND
73 — Rua Garrett — 75
LISBOA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
S. PAULO — BELO HORIZONTE

Impresso na Imprensa Portugal-Brasil — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

A DAMA PÉ-DE-CABRA

Rimance de um jogral

SECULO XI

Trova primeira

I

Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, assentae-vos aqui ao lar, bem junctos ao pé de mim, e contar-vos-hei a historia de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia.

E não me digam no fim: — «não pode ser.» — Pois eu sei cá inventar cousas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o auctor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares.

É uma tradição veneranda; e quem descrê das tradições lá irá para onde o pague.

Juro-vos que, se me negaes esta certissima historia, sois dez vezes mais descridos do que S. Thomé antes de ser grande sancto. E não

sei se eu estarei de animo de perdoar-vos como Christo lhe perdoou.

Silencio profundissimo; porque vou principiar.

2

D. Diogo Lopes era um infatigavel monteiro: neves da serra no inverno, soes dos estevaes no verão, noutes e madrugadas, disso se ria elle.

Pela manhan cedo de um dia sereno, estava D. Diogo em sua armada, em monte selvoso e agreste, esperando um porco montês, que, batido pelos caçadores, devia saír naquella assomada.

Eis senão quando começa a ouvir cantar ao longe: era um lindo, lindo cantar.

Alevantou os olhos para uma penha que lhe ficava fronteira: sobre ella estava assentada uma formosa dama: era a dama quem cantava.

O porco fica desta vez livre e quite; porque D. Diogo Lopes não corre, voa para o penhasco.

«Quem sois vós, senhora tão gentil; quem sois, que logo me captivastes?

«Sou de tão alta linhagem como tu; porque venho do semel de reis, como tu senhor de Biscaia.»

«Se já sabeis quem eu seja, offereço-vos a minha mão, e com ella as minhas terras e vassallos.»

«Guarda as tuas terras, D. Diogo Lopes, que poucas são para seguires tuas montarias; para o desporto e folgança de bom cavalleiro que és. Guarda os teus vassallos, senhor de Biscaia, que poucos são elles para te baterem a caça.»

«Que dote, pois, gentil dama, vos posso eu offerecer digno de vós e de mim; que se a vossa belleza é divina, eu sou em toda a Hespanha o rico-homem mais abastado?»

«Rico-homem, rico-homem, o que eu te acceitaria em arrhas cousa é de pouca valia; mas, apesar disso, não creio que m'o concedas; porque é um legado de tua mãe, a ricadona de Biscaia.»

«E se eu te amasse mais que a minha mãe, porque não te cederia qualquer dos seus muitos legados?»

«Então, se queres ver-me sempre ao pé de ti, não jures que farás o que dizes, mas dá-me disso a tua palavra.»

«A la fé de cavalleiro, não darei uma; darei milhentas palavras.»

«Pois sabe que para eu ser tua é preciso esqueceres-te de uma cousa que a boa rica-

dona te ensinava em pequenino e que, estando para morrer, ainda te recordava.»

«De quê, de quê, donzella? — acudiu o cavalleiro com os olhos chamejantes.—De nunca dar treguas á mourisca, nem perdoar aos cães de Mafamede? Sou bom christão. Guai de ti e de mim, se és dessa raça damnada!»

«Não é isso, dom cavalleiro — interrompeu a donzella a rir. — O de que eu quero que te esqueças é o signal da cruz: o que eu quero que me promettas é que nunca mais has-de persignar-te.»

«Isso agora é outra cousa» — respondeu D. Diogo, que nos folgares e devassidões perdera o caminho do céu. E pôs-se um pouco a scismar.

E, scismando, dizia comsigo: — De que servem benzeduras? Matarei mais duzentos mouros e darei uma herdade a Sanctiago. Ella por ella. Um presente ao apostolo e duzentas cabeças de cães de Mafamede valem bem um grosso peccado.

E, erguendo os olhos para a dama, que sorria com ternura, exclamou: — «Seja assim: está dicto. Vá, com seiscentos diabos.»

E, levando a bella dama nos braços, cavalgou na mula em que viera montado.

Só quando, á noute, no seu castello, pôde

considerar miudamente as fórmas nuas da airosa dama, notou que tinha os pés forcados como os de cabra.

3

Dirá agora alguem: — Era, por certo, o demonio que entrou em casa de D. Diogo Lopes. O que lá não iria! — Pois sabei que não fa nada.

Por annos, a dama e o cavalleiro viveram em boa paz e união. Dous argumentos vivos havia disso: Inigo Guerra e Dona Sol, enlevo ambos de seu pae.

Um dia de tarde, D. Diogo voltou de montear: trazia um javali grande, muito grande. A mesa estava posta. Mandou conduzi-lo ao aposento onde comia, para se regalar de ver a excellente prêa que havia preado.

Seu filho assentou-se ao pé delle: ao pé da mãe Dona Sol; e começaram alegremente seu jantar.

«Boa montaria, D. Diogo — dizia sua mulher. — Foi uma boa e limpa caçada.»

«Pelas tripas de Judas! — respondeu o barão. — Que ha bem cinco annos não colho urso ou porco montês que este valha!»

Depois, enchendo de vinho o seu pichel de

prata mui rico e lavrado, virou-o de golpe á saude de todos os ricos-homens fragueiros e monteadores.

E a comer e a beber durou até a noute o jantar.

4

Ora deveis de saber que o senhor de Biscaia tinha um alão a quem muito queria, raivoso no travar das feras, manso com seu dono e, até, com os servos de casa.

A nobre mulher de D. Diogo tinha uma podenga preta como azeviche, esperta e ligeira que mais não havia dizer, e della não menos prezada.

O alão estava gravemente assentado no chão defronte de D. Diogo Lopes, com as largas orelhas pendentes e os olhos semi-cerrados, como quem dormitava.

A podenga negra, essa corria pelo aposento viva e inquieta, pulando como um diabrete: o pello liso e macio reluzia-lhe com um reflexo avermelhado.

O barão, depois da saude *urbi et orbi* feita aos monteiros, esgotava um kirie comprido de saudes particulares, e a cada nome uma taça.

Estava como cumpria a um rico-homem

illustre, que nada mais tinha que fazer neste mundo, senão dormir, beber, comer e caçar.

E o alão cabeceava, como um abbade velho em seu coro, e a podenga saltava.

O senhor de Biscaia pegou então de um pedaço de osso com sua carne e medúla e, atirando-o ao alão, gritou-lhe: — «Silvano, toma lá tu, que és fragueiro: leve o diabo á podenga, que não sabe senão correr e retouçar.»

O canzarrão abriu os olhos, rosnou, pôs a pata sobre o osso e, abrindo a boca, mostrou os dentes anavalhados. Era como um rir deslavado.

Mas logo soltou um uivo e caíu, perneando meio-morto: a podenga, de um pulo, lhe saltara á garganta, e o alão agonisava.

«Pelas barbas de D. From, meu bisavô! — exclamou D. Diogo, pondo-se em pé, trémulo de colera e de vinho. — A perra maldicta matou-me o melhor alão da matilha; mas juro que hei-de escorchá-la.»

E, virando com o pé o cão moribundo, mirava as largas feridas do nobre animal, que espirava.

«A la fé que nunca tal vi! Virgem bemdicta. Aqui anda cousa de Belzebuth.» — E dizendo e fazendo, BENZIA-SE E PERSIGNAVA-SE.

«Ui!» — gritou sua mulher, como se a houveram queimado. O barão olhou para ella: viu-a com os olhos brillhantes, as faces negras, a boca torcida e os cabellos eriçados:

E ía-se alevantando, alevantando ao ar, com a pobre D. Sol sobraçada debaixo do braço esquerdo: o direito estendia-o por cima da mesa para seu filho, D. Inigo de Biscaia.

E aquelle braço crescia, alongando-se para o mesquinho, que, de medo, não ousava bulir nem falar.

E a mão da dama era preta e luzidia, como o pello da podenga, e as unhas tinham-se-lhe estendido bem meio palmo e recurvado em garras.

«Jesus, sancto nome de Deus!» — bradou D. Diogo, a quem o terror dissipara as fumaças do vinho. E, travando de seu filho com a esquerda fez no ar com a direita, uma e outra vez, o signal da cruz.

E sua mulher deu um grande gemido e largou o braço de Inigo Guerra, que já tinha seguro, e, continuando a subir ao alto, saíu por uma grande fresta, levando a filhinha que muito chorava.

Desde esse dia não houve saber mais nem da mãe nem da filha. A podenga negra, essa

sumiu-se por tal arte, que ninguem no castello lhe tornou a pôr a vista em cima.

D. Diogo Lopes viveu muito tempo triste e aborrido, porque já não se atrevia a montear. Lembrou-se, porém, um dia de espairecer sua tristura, e, em vez de ir á caça dos cerdos, ursos e zebras, saír á caça de mouros.

Mandou, pois, alevantar o pendão, desenferrujar e pulir a caldeira, e provar seus arnezes. Entregou a Inigo Guerra, que já era mancebo e cavalleiro, o governo de seus castellos, e partiu com lustrosa mesnada de homens d'armas para a hoste d'elrei Ramiro, que ía em fossado contra a mourisma de Hespanha.

Por muito tempo não houve delle, em Biscaia, nem novas nem mensageiros.

Trova segunda

1

Era um dia ao anoutecer: D. Inigo estava á mesa, mas não podia cear, que grandes desmaios lhe vinham ao coração. Um pagem muito mimoso e privado, que, em pé diante delle esperava seu mandar, disse então para D. Inigo: — «Senhor, porque não comeis?»

«Que hei-de eu comer, Brearte, se meu senhor D. Diogo está captivo de mouros, segundo resam as cartas que ora delle são vindas?»

«Mas seu resgate não é a vossa mofina: dez mil peões e mil cavalleiros tendes na mesnada de Biscaia: vamos correr terras de mouros: serão os captivos resgate de vosso pae.»

«O perro d'elrei de Leão fez sua paz com os cães de Toledo e são elles que têm preado meu pae. Os condes e potestades do rei tredo e vil não deixariam passar a boa hoste de Biscaia.»

«Quereis vós, senhor, um conselho, e não vos custará nem mealha?»

«Dize, dize lá, Brearte.»

«Porque não ides á serra procurar vossa mãe? Segundo ouço contar aos velhos, ella é grande fada.»

«Que dizes tu, Brearte? Sabes quem é minha mãe e que casta é de fada?»

«Grandes historias tenho ouvido do que se passou certa noute neste castello: ereis vós pequenino, e eu ainda não era nada. Os porquês destas historias, isso Deus é que os sabe.»

«Pois dir-t'os-hei eu agora. Chega-te para cá, Brearte.»

O pagem olhou de roda de si, quasi sem o querer, e chegou-se para seu amo: era a obediencia e, ainda mais, certo arripio de medo que o faziam chegar.

«Vês tu, Brearte, aquella fresta entaipada? Foi por alli que minha mãe fugiu. Como e porquê, aposto que já t'o hão contado?

«Senhor, sim! Levou vossa irman comsigo...»

«Responder só ao que pergunto! Sei isso. Agora cal-te.»

O pagem pôs os olhos no chão, de vergonha; que era humildoso e de boa raça.

2

E o cavalleiro começou o seu narrar:

«Desde aquelle dia maldicto, meu pae pôs-se a scismar: e scismava e amesquinhava-se, perguntando a todos os monteiros velhos se, porventura, tinham lembrança de haverem no seu tempo encontrado nas brenhas alguns medos ou feiticeiras. Aqui foi um não acabar de historias de bruxas e almas penadas.

Havia muitos annos que meu senhor pae se não confessava: alguns havia, tambem, que estava viuvo sem ter enviuvado.

Certo domingo pela manhan, nasceu alegre o dia, como se fora de paschoa; e meu senhor D. Diogo acordou carrancudo e triste, como costumava.

Os sinos do mosteiro, lá em baixo no valle, tangiam tão lindamente que era um céu aberto. Elle pôs-se a ouvi-los e sentiu uma saudade que o fez chorar.

«Irei ter com o abbade — disse elle lá com-

sigo — quero confessar-me. Quem sabe se esta tristura ainda é tentação de Satanás?»

O abbade era um velhinho, sancto, sancto, que não o havia mais.

Foi a elle que se confessou meu pae. Depois de dizer *mea culpa,* contou-lhe ponto por ponto a historia do seu noivado.

«Ui! filho — bradou o frade — fizeste maridança com uma alma penada!»

«Alma penada, não sei — tornou D. Diogo; — mas era cousa do diabo.»

«Era alma em pena: digo-t'o eu, filho — replicou o abbade. — Sei a historia dessa mulher das serras. Está escripta ha mais de cem annos na ultima folha de um sanctoral godo do nosso mosteiro. Desmaios que te vem ao coração pouco me espantam. Mais que ancias e desmaios costumam roer lá por dentro os pobres excommungados.»

«Então, estou eu excommungado?»

«Dos pés até á cabeça; por dentro e por fóra; que não ha que dizer mais nada.»

E meu pae, a primeira vez na sua vida, chorava pelas barbas abaixo.

O bom do abbade animou-o, como a uma creança; consolou-o, como a um malaventurado. Depois pôs-se a contar a historia da dama das penhas, que é minha mãe... Deus me salve!

E deu-lhe por penitencia ir guerrear os perros sarracenos por tantos annos quantos vivera em peccado, matando tantos delles quantos dias nesses annos tinham corrido. Na conta não entravam as sextas-feiras, dia da paixão de Christo, em que sería irreverencia trosquiar a vil relé de agarenos, cousa neste mundo mui indecente e escusada.

Ora a historia da formosa dama das serras, de verbo ad verbum, como estava na folha branca do sanctoral, resava assim, segundo lembranças do abbade.

3

No tempo dos reis godos — bom tempo era esse! — havia em Biscaia um conde, senhor de um castello posto em montanha fragosa, cercado pelas encostas e quebradas de larguissimo soveral. No soveral havia todo o genero de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava, como todos os nobres barões de Hespanha, principalmente de tres cousas boas segundo a carnalidade: da guerra, do vinho e das damas; mas ainda mais do que de tudo isso, gostava de montear.

Dama, possuia-a formosa, que era a linda

condessa; vinho, não havia melhor adega que a sua; caça, era cousa que na selva não faltava.

Seu pae, que fora caçador e fragueiro, quando estava para morrer, chamou-o e disse-lhe: —

«Has-me-de jurar uma cousa que não te custará nada.»

Argimiro jurou que faria o que seu pae e senhor lhe ordenasse.

«É que nunca mates fera em cama e com cria, seja urso, javali ou veado. Se assim o fizeres, Argimiro, nunca nas tuas selvas e devesas faltará em que exercites o mais nobre mister de um fidalgo. Além disso, se tu souberas o que um dia me aconteceu... Escuta-me que é um horrendo caso...

O velho não pôde acabar; porque a morte lhe cravou neste momento as garras. Murmurou algumas palavras emperradas, revirou os olhos e feneceu. Deus seja com a sua alma!

Passaram depois annos: certo dia chegou ao castello do moço conde um mensageiro d'elrei Wamba. Chamava-o elrei a Toledo para o acompanhar com sua mesnada contra o rebelde Paulo. Os outros nobres-homens das cercanias eram, como elle, chamados.

Antes, porém, de partirem, ajunctaram-se todos no castello de Argimiro para fazerem uma grande montaria, com mais de cem alãos, sabujos e lebreus, cincoenta monteiros, e moços de bésta sem conto. Era uma vistosa caçada.

Saíram no quarto d'alva: correram valles e montes: bateram bosques e matos. Era, comtudo, meio-dia e ainda não haviam alevantado porco, urso, zebra ou veado. Blasphemavam de sanha os cavalleiros, praguejavam e depennavam as barbas.

Argimiro, que, por longa experiencia, conhecia os sitios mais profundos da espessura, sentiu lá por dentro uma tentação do diabo.

«Os meus hospedes, pensava elle, não partirão sem beberem alguns cangirões de vinho sobre uma ou duas peças de caça. Juro-o por alma de meu pae.»

E, seguido de alguns monteiros, com suas trélas de cães, affastou-se da companhia e deu a andar, a andar, até que se lançou por um valle abaixo.

O valle era escuro e triste: corria pelo meio uma ribeira fria e malassombrada. As bordas da ribeira eram penhascosas e faziam muitas quebradas.

Argimiro chegou á primeira volta do rio; parou, pôs-se a olhar de roda e achou o que

procurava. Abria-se uma caverna na encosta fragosa, que descia até a estreita senda da margem por onde o cavalleiro caminhava. Argimiro entrou na boca da cova e, a um aceno, entraram após elle monteiros, moços de bésta, alãos, sabujos e lebreus, fazendo grande matinada.

Era o covil de um onagro: a fera deu um gemido e, deixando as suas crias, estendeu-se no chão e abaixou a cabeça, como quem supplicava.

«A ella!» — gritou Argimiro, mas gritou voltando a cara.

A matilha saltou no pobre animal, que soltou outro gemido e caíu todo ensanguentado.

Uma voz soou então nos ouvidos do conde, e dizia. — «Orphãos ficaram os cachorrinhos do onagro: mas pelo onagro tu ficarás deshonrado.»

«Quem ousa aqui falar agouros?» — gritou o rico-homem, olhando iroso para os monteiros. Todos guardavam silencio; mas todos estavam pallidos.

Argimiro pensou um momento: depois, saíndo da cova, murmurou: — «Vá com mil Satanáses!»

E, com alegres toques de buzina e latidos

da matilha, fez conduzir ao castello a prêa que tinha preado [1].

E, tomando o seu girifalte prima em punho, ordenou aos monteiros fossem dizer aos nobres caçadores que dentro de duas horas voltassem, porque achariam em seu paço comida bem aparelhada.

Depois, seguido dos falcoeiros, começou a encaminhar-se para o solar, lançando nebris e falcões e ajunctando caça de volateria, que a havia por aquelles montes mui basta.

4

Dobrava a campa da torre de menagem no castello do conde Argimiro: dobrava pela linda condessa, que seu nobre marido havia matado.

Andas cubertas de dó a levam a enterrar ao mosteiro vizinho: os frades vão atrás das andas, cantando as orações dos finados: após os frades, vai o rico-homem vestido de grossa estamenha, cingido com uma corda, e rasgando pelas sarças e pedras os pés que levava descalços.

---

[1] Um jumento silvestre não sería mui delicado manjar para uma mesa moderna; mas o uso da carne asinina na idade-média era vulgar.

Porque matou elle sua mulher, e porque ía elle descalço?

Eis o que, a esse respeito, refere a lenda escripta na folha branca do sanctoral.

5

Dous annos duraram guerras d'elrei Wamba: foram guerras mui de contar.

E por lá andou o rico-homem com seus buccellarios, que assim se diziam então acostados e homens d'armas. Fez estrondosas façanhas e cavallarias; mas voltou cuberto de cicatrizes, deixando por campos de batalha gasta e consumida a sua valente mesnada.

E, atravessando de Toledo para Biscaia, seguia-o apenas um velho escudeiro. Velho e cheio de cans e rugas tambem elle era, não de annos, mas de penas e de trabalho.

Caminhava triste e feroz no aspecto; porque de seu castello lhe eram vindas novas d'entristecer e raivar.

E, cavalgando noute e dia por montes e por charnecas, por bosques e por jardins, imaginava no modo como descubriria se eram falsas ou verdadeiras essas novas de mau peccado.

6

No solar do conde Argimiro, um anno depois da sua partida, ainda tudo dava mostras da magua e saudade da condessa: as salas estavam forradas de negro; de negro eram os trajos della; nos pateos interiores dos paços crescera a herva, de modo que se podia ceifar: as reixas e as gelosias das janellas não se haviam tornado a abrir: descantes dos servos e servas, sons de psalterios e harpas tinham deixado de soar.

Mas ao cabo do segundo anno tudo apparecia mudado: as colgaduras eram de prata e matiz; brancos e vermelhos os trajos da bella condessa; pelas janellas do paço restrugia o ruído da musica e dos saraus; e o solar de Argimiro estava por dentro e por fóra alindado.

Um antigo víllico do nobre conde fora quem destas mudanças o avisara. Doíam-lhe tantos folgares e contentamentos; doía-lhe a honra de seu senhor, pelo que elle via e pelo que se murmurava.

Eis-aqui como se passara o caso:

7

Longe do condado do illustre barão Argimiro o Negro, para as bandas de Galliza, vi-

via um nobre gardingo — como quem dissesse infanção — gentilhomem e mancebo chamado Astrigildo Alvo.

Contava vinte e cinco annos; os sonhos das suas noutes eram de formosas damas; eram de amores e deleites: mas, ao romper da manhan, todos elles se desfaziam, que, ao saír ao campo, não havia senão pastoras tostadas do sol e das neves e as servas grosseiras do seu solar.

Destas estava elle farto. Mais de cinco tinha enganado com palavras; mais de dez comprado com ouro; mais de outras dez, como nobre e senhor que era, brutamente violado.

Com vinte e cinco annos, já no livro da justiça divina se lhe haviam escripto mais de vinte e cinco maldades.

Uma noute sonhou Astrigildo que corria serras e valles com a rapidez do vento, montado em onagro silvestre, e que, depois de correr muito, chegava alta noute a um solar, onde pedia gasalhado:

E que formosa dama o recebia, e que em poucos instantes um do outro se enamorava.

Acordou sobresaltado e, durante o dia inteiro, não pensou em outra cousa senão na formosa dama que vira naquelle sonhar da madrugada.

Tres noutes se repetia o sonho: tres dias o mancebo scismava. Encostado á varanda de um eirado, na tarde do terceiro dia, olhava triste para as montanhas do norte, que via lá no horisonte, como nuvens pardacentas. O sol começou a descer no poente, e ainda elle estava embebido no seu melancholico scismar.

Por acaso, volveu então os olhos para o terreiro que lhe ficava por baixo; um onagro da floresta estava ahi deitado, como se fosse manso jumento; era inteiramente semelhante áquelle com que havia sonhado.

Sonhos de tres noutes a fio não mentem: Astrigildo desceu á pressa ao terreiro. Sem bulir pé nem mão, o onagro deixou-se enfrear e selar; e, a Deus e á ventura, o mancebo cavalgou nelle e deitou pela encosta abaixo.

Cumpria-se tudo á risca: o onagro não corria, voava.

Mas o céu começou de toldar-se com o anoutecer: a escuridão cresceu e desfechou em vento, trovões, chuva e raios. O mancebo perdia a tramontana, e o onagro dobrava a carreira e bufava violentamente. Parou, emfim, a horas mortas. Sem saber como, Astrigildo achou-se juncto das barreiras de um solar acastellado.

Tocou a sua buzina, que deu um som pro-

longado e trémulo, porque elle tremia de susto e de frio. Apenas cessou de tocar, a ponte levadiça desceu, muitos escudeiros saíram a recebê-lo entre tochas, e as salas dos paços illuminaram-se.

Era que tambem a condessa tinha por tres noutes sonhado!

.....

8

A clepsidra aponta a hora de sexta nocturna, e ainda dura o sarau no solar do conde de Biscaia; porque a nobre condessa e o gentil Astrigildo assistem ás danças e aos jogos dos libertos e servos, que, para elles espairecerem, trabalham lá na sala d'armas. Mas, num aposento baixo do solar, um homem está em pé com um punhal na mão, olhar furibundo e o cabello eriçado, parecendo escutar longiqua toada.

Outro homem está diante delle, dizendo-lhe:

— «Senhor, ainda não é tempo para punir o grande peccado. Quando elles se recolherem, aquella luz que vedes acolá ha-de apagar-se. Subi então, e achareis desimpedido o caminho secreto para a camara, que é a mesma do vosso noivado.»

E o que falava saíu, e d'ahi a pouco a luz apagou-se, e o homem dos cabellos hirtos e do olhar esgazeado subiu por uma ingreme e tenebrosa escada.

. . . . . .

9

Quando pela manhan cedo o conde Argimiro, do seu balcão principal, ordenava que levassem o corpo da condessa a um mosteiro de donas, que elle fundara para ahi ter seu moimento, elle e os de sua casa, e dizia aos homens de armas que arrastassem o cadaver de Astrigildo e o despenhassem de um grande barrocal abaixo, viu um onagro silvestre deitado a um canto do pateo.

«Um onagro assim manso é cousa que nunca vi — disse elle ao víllico, que estava alli ao pé. — Como veio aqui este onagro?»

O víllico ía a responder, quando se ouviu uma voz: dir-se-hia que era o ar que falava.

«Foi nelle que veio Astrigildo: será elle que o levará. Por ti ficaram orphãos os filhinhos do onagro, mas por via do onagro ficaste, oh conde, deshonrado. Foste cru com as pobres feras: Deus acaba de vingá-las.»

«Misericordia!» — bradou Argimiro, porque

naquelle momento se lembrou da maldicta caçada.

Neste comenos os homens do conde saíam com o cadaver sangrento do mancebo: o onagro, apenas o viu, saltou como um leão no meio da turba, que fez fugir, e, travando do morto com os dentes, arrastou-o para fóra do castello, e, como se tivesse em si uma legião de demonios, foi precipitar-se com elle do barrocal abaixo.

Era por isso que o conde ía cingido de corda e descalço, após os frades e a tumba. Queria fazer penitencia no mosteiro por haver quebrado o juramento que tinha feito a seu pae.

As almas da condessa e do gardingo caíram de chofre no inferno, por terem deixado a vida em adulterio, que é peccado mortal.

Desde esse tempo as duas miseraveis almas têm apparecido a muita gente nos desvios da Biscaia: ella vestida de branco e vermelho, assentada nas penhas, cantando lindas toadas: elle retouçando ahi perto, na figura de um onagro.

Tal foi a historia que o velho abbade contou a meu pae, e que elle me relatou a mim, antes de ir cumprir sua penitencia nessa guerra de mouros que lhe foi tão fatal.

Assim concluiu Inigo Guerra. Brearte, o pagem Brearte, sentia os cabellos arripiarem-se-lhe. Por largo tempo ficou immovel defronte de seu senhor: ambos elles em silencio. O moço rico-homem não podia engulir bocado.

Tirou por fim da escarcéla a carta de D. Diogo para a tornar a ler. As miserias e lástimas que o rico-homem ahi recontava eram taes, que D. Inigo sentiu o pranto gotejar-lhe abundante pelas faces abaixo.

Então ergueu-se da mesa para se ir deitar. Nem o barão nem o pagem pregaram olho toda a noute; este de medroso, aquelle de desconsolado.

E nos ouvidos de Inigo Guerra soavam continuo as palavras de Brearte: — «Porque não ides á serra procurar vossa mãe?» — Só por encantamento sería, de feito, possivel tirar das unhas dos mouros o nobre senhor da Biscaia.

Rompeu, finalmente, a alvorada.

Trova terceira

1

Mensageiros após mensageiros, cartas sobre cartas são vindas de Toledo a Inigo Guerra. Elrei de Leão resgatava todos os dias cavalleiros seus por cavalleiros mouros, mas não tinha wali ou kayid captivo, que podesse dar em troca por tão nobre senhor como o senhor de Biscaia.

E muitos dos redimidos eram das bandas das serras; e estes, trazendo as mensagens, contavam ainda mais lástimas do velho D. Diogo Lopes, do que, se é possivel, essas de que resavam as cartas.

«A' porta do aguião, em Toledo — diziam elles — tem a mourisma um grande campo, todo mui bem apalancado. Aqui fazem gran-

des festas, guinolas e touros nos dias dos seus perros sanctos, segundo lá lh'os prégam e determinam khatibs e ul-máis.

«Gaiolas de bestas-feras muitas ha ahi, cousa mui de ver e pasmar: os tigres e leões não as rompem; rompê-las mãos de homens, fora pequice tão-sómente imaginá-lo.

«Numa destas prisões, quasi nu, com adovas de pés e mãos, está o illustre rico-homem, que já foi capitão de grandes e lustrosas mesnadas.

«Corteses costumam ser mouros com seus captivos fidalgos. Fazem esta perraria a D. Diogo Lopes, porque já são passados tres annos, e não ha ver seu resgate.»

E os peregrinos que vinham do captiveiro e relatavam taes cousas, bem ceados e agasalhados no castello, íam-se no outro dia com Deus, levando provída a escarcéla, e em boa e sancta paz.

Quem não ficava em paz era D. Inigo: — «Porque não vais tu á serra?» — dizia-lhe uma voz ao ouvido. — «Porque não ides procurar vossa mãe?» — repetia-lhe o pagem Brearte.

Que lhe havia de fazer? Uma noute inteira levou em claro a pensar nisso. Pela manhan, a Deus e á sorte, ei-lo que, emfim, se resolve a tentar a aventura, bem que de seu mau grado.

Benzeu-se vinte vezes, para não ter lá de persignar-se. Resou o *Pater*, a *Ave* e o *Credo*; porque não sabía se em breve essas orações seríam cousa de recordar-se.

E, seguido de um mastim seu predilecto, a pé e com uma ascuma na mão, foi-se através das brenhas, por uma vereda que dizia para os pincaros tristes e ermos onde era tradição que a linda dama tinha apparecido a seu pae.

2

Trinam os rouxinoes nos balseiros; murmuram ao longe as aguas dos regatos; ramalha a folhagem brandamente com a viração da manhan: vai uma linda madrugada.

E Inigo Guerra galga, manso e manso, os carris empinados, trepa de barrocal em barrocal e, apesar de seu muito esforço, sente bater-lhe o coração com ancia desacostumada.

Onde as matas faziam alguma clareira ou as penhas alguma chapada, D. Inigo parava um pouco, tomando o folego e pondo-se a escutar.

Muito havia que andava embrenhado: o sol ía alto, e o dia calmoso: ao canto do rouxinol seguira o rechinar da cigarra.

E encontrou uma fonte que rebentava de

rochedo negro e, saltando de aresta em aresta, vinha caír em almacega tosca, onde o sol parecia dançar no bulir das ondasinhas que fazia o despenho da cascata.

D. Inigo assentou-se á sombra da rocha e, tirando a sua monteira, matou a sede que trazia, e pôs-se a lavar o rosto e a cabeça do suor e pó, que não lhe faltava.

O mastim, depois de beber, deitou-se ao pé delle e, com a lingua pendente, arquejava de cansado.

De repente, o cão pôs-se em pé e arremetteu, com um grande ladro.

D. Inigo volveu os olhos: um jumento silvestre pascia na orla da clareira juncto de um frondoso carvalho.

«Tarik! — gritou o mancebo. — Tarik!» — Mas Tarik ía ávante e não escutava.

«Ai, deixa-o correr, meu filho! Não é para o teu mastim levar a melhor desse onagro.»

Isto dizia uma voz que, lá em cima no alto da penha, começou de soar.

Olhou: linda mulher estava ahi assentada e, com gesto amoroso e sorriso d'anjo, para elle se inclinava.

«Minha mãe! minha mãe! — bradou Inigo Guerra, alevantando-se: e lá comsigo dizia: — Valha-me Santa! Sancto Heru-negro me valha!»

E como molhara a cabeça, sentiu que os cabellos se lhe íam alçando de arripiados.

«Filho, na boca palavras doces; no coração palavras damnadas. Mas que importa, se és meu filho? Dize o que queres de mim, que será tudo feito a teu talento e vontade.»

O moço cavalleiro nem acertava a falar com medo. Já a este tempo Tarik gemia uivando debaixo dos pés do onagro.

«Captivo está de mouros ha annos meu pae D. Diogo Lopes — disse por fim titubeando. — Quizera me ensinasseis, senhora, o modo como hei-de salvá-lo.»

«Seu mal, tão bem como tu, eu sei. Se podesse, ter-lhe-hia accorrido, sem que viesses requerê-lo: mas o velho tyranno do céu quer que elle pene tantos annos quantos viveu com a... com a que sandeus chamam Dama Pé-de-Cabra.»

«Não blasphemeis contra Deus, minha mãe, que é enorme culpa» — interrompeu o mancebo, cada vez mais horrorisado.

«Culpa?! Não ha para mim innocencia nem culpa» — replicou a dama, rindo ás gargalhadas.

Era um rir de dormente, triste e medonho. Se o diabo ri, como aquelle deve ser o rir do diabo.

O cavalleiro não pôde dizer mais palavra.

«Inigo! — proseguiu ella — falta um anno para cumprir-se o captiveiro do nobre senhor de Biscaia. Um anno passa depressa: mais depressa eu t'o farei passar. Vês tu aquelle valente onagro? Quando uma noute, acordando, o achares ao pé de ti, manso como cordeiro, cavalga nelle sem susto, que te levará a Toledo, onde livrarás teu pae. — E bradando accrescentou: — Estás por isto, Pardalo?»

O onagro fitou as orelhas e, em signal de approvação, começou a azurrar; começou por onde, ás vezes, academias acabam [1].

Depois, a dama pôs-se a cantar uma cantiga de bruxas, acompanhando-se de um psalterio, de que tirava mui estranhas toadas:

Pelo cabo da vassoura,
Pela corda da polé,
Pela vibora que vê,
Pela Sura, e pela Toura;

Pela vara do condão,
Pelo panno da peneira,
Pela velha feiticeira,
Do finado pela mão;

---

[1] O Diccionario da Academia, que ficou interrompido no fim da letra A, acaba na palavra *azurrar*.

Pelo bode, rei da festa,
Pelo çapo inteiriçado,
Pelo infante dessangrado
Que a bruxa chupou á sésta;

Pelo craneo alvo e lustroso
Em que sangue se libou,
E do irmão que irmão matou,
Pelo arranco doloroso;

Pelo nome de mysterio
Que em palavras se não diz,
Vinde já precítos vis;
Vinde ouvir o meu psalterio!

E dançae-me, aqui na terra,
Uma dança doudejante,
Que entonteça num instante
O meu filho Inigo Guerra.

Que elle durma um anno inteiro,
Como em somno de uma hora,
Juncto á fonte que allí chora,
Sobre a relva deste outeiro.

Emquanto a dama cantava estas cantigas, o mancebo sentia um quebrantamento nos membros que crescia cada vez mais e que o obrigou a assentar-se.

E logo, logo, ouviu-se um ruído abafado, como de trovões e de ventanias engolfando-se em covoadas: depois o céu começou de tol-

dar-se, e cada vez era mais cris, até que, emfim, apenas uma luz de crepusculo o alumiava.

E a mansa almacega refervia, e os penedos rachavam, e as arvores torciam-se, e os ares sibillavam.

E das bolhas da agua da fonte, e das fendas dos rochedos, e d'entre as ramas dos robles, e da vastidão do ar via-se descer, subir, romper, saltar... o quê? — Cousa muito espantavel.

Eram mil e mil braços sem corpos, negros como carvão, tendo nos cotos uma aza, e na mão cada um uma especie de facho.

Como a palha que o tufão alevanta na eira, aquella multidão e candeias cruzava-se, revolvia-se, unia-se, separava-se, remoinhava, mas sempre com certa cadencia, como que dançando a compasso.

A D. Inigo andava a cabeça á roda: as luzes pareciam-lhe azues, verdes e vermelhas: mas corria-lhe pelos membros uma languidez tão suave, que não teve animo para fazer o signal da cruz e afugentar aquelle bando de Satanáses.

E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dalli a pouco, roncava.

Entretanto, no castello tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até á noute; esperaram-no

uma semana, um mez, um anno, e não o viam voltar. O pobre Brearte correu por muito tempo a serra; mas o sitio onde o cavalleiro jazia, isso é que não havia lá chegar

3

Inigo acordou alta noute: tinha dormido algumas horas: ao menos, elle assim o cria. Olhou para o céu, viu estrellas: apalpou ao redor, achou terra: escutou, ouviu ramalhar as arvores.

Pouco a pouco é que se foi recordando do que passara com sua malaventurada mãe; porque, a principio, não se lembrava de nada.

Pareceu-lhe então ouvir respirar alli perto: affirmou a vista: era o onagro Pardalo.

«Já agora meio enfeitiçado estou eu — pensou elle: — corramos o resto da aventura, a ver se posso salvar meu pae.»

E pondo-se em pé, encaminhou-se para o valente animal, que já estava enfreado e sellado: cujos eram os arreios, isso sabía-o o diabo.

Hesitou, todavia, um momento: tinha seus escrupulos — a boas horas vinham elles — de cavalgar naquelle corredor infernal.

Então ouviu nos ares uma voz vibrada, que

cantava muito entoado. Era a voz da terrível Dama Pé-de-Cabra:

Cavalga, meu cavalleiro,
No alentado corredor;
Vai salvar o bom senhor;
Vaí quebrar seu captiveiro.

Pardalo, não comerás
Nem cevada nem aveia,
Não terás jantar nem ceia,
Rijo e leve voltarás

Nem açoute, nem espora
Requer elle, oh cavalleiro!
Corre, corre bem ligeiro,
Noute e dia, a toda a hora.

Freio ou sella não lhe tires,
Não lhe fales, não o ferres,
Na carreira não te aterres,
Para trás nunca te vires

Upa! firme!—ávante, ávante!
Breve, breve, a bom correr!
Um minuto não perder,
Bem que o gallo aínda não cante.

«Vá!» — gritou Inigo Guerra, com uma especie de phrenesi que nelle produzira aquelle cantar estranho; e de um pulo cavalgou no quedo onagro.

Mas apenas se firmou na sella, pst! — ei-lo que parte!

4

Postoque em paz com os christãos, os mouros de Toledo têm pelas torres, cubellos e adarves seus atalaias e vigias, e nos montes que dizem para a fronteira de Leão seus fachos e almenaras.

Mas se o rei leonês soubesse como descuidosa jaz Toledo; como, ao anoutecer, se deixam dormir vigias, se deixam de accender fachos, quebraria seus juramentos, e faria contra aquellas partes um repentino fossado.

Salvo ter de ir depois ao seu confessor dizer *confiteor Deo*, e *peccavi;* porque o quebrar o juramento, ainda que seja a cães descridos, dizem ser feio peccado.

Era a hora do lusco-fusco: ao solposto os de Toledo, mirando para a banda do norte, viram, lá muito ao longe, vir correndo uma nuvem negra, ondeando e fazendo voltas no céu, como a estrada as fazia na terra por entre os montes: dir-se-hia que vinha embriagada.

Era primeiro um pontinho; depois crescera e crescera: quando anouteceu, estava já perto e cubria um grande espaço.

O almoaden, subindo á torre da mesquita,

chamava os crentes de Mafamede para a oração da tarde.

Mas com a sua voz esganiçada misturou-se o estrondear dos trovões: era como um tiple e um baixo.

E passou um tufão de vento, que, embrenhando-se e remoinhando nas barbas longas e brancas do almoaden, lhe fustigou com ellas a cara.

Começou então a caír uma corda de chuva, que nem moços nem velhos se lembravam de ter visto cousa semelhante em nenhuma parte.

Aqui verieis os esculcas a aninharem-se nas guaritas das torres; os roldas e sobre-roldas a fugirem pelos adarves; os facheiros a sumirem-se debaixo das almenaras; os hadjis a acolherem-se ás mesquitas molhados até os ossos; as velhas, que tinham saído ao vozear do almoaden, levadas pelas torrentes das ruas tortuosas e estreitas, bradando por Mafoma e por Allah. E a agua caíndo cada vez mais!

Dous unicos movimentos fazem então os moradores de Toledo: uns fogem, outros agacham-se. E a agua caíndo cada vez mais!

O pavor quebra todos os animos: os cacizes esconjuram a procella: os faquires penitentes gritam que se acaba o mundo, e que lhes deixe

os seus haveres aquelle que quizer salvar-se. E a agua caíndo cada vez mais!

A salvação de Toledo foi não se terem fechado suas portas: se assim não succedesse, dentro do recincto dos muros morria toda a mourisma afogada.

Na prisão estava D. Diogo encostado ás grades de ferro. O pobre velho entretinha-se a ouvir aquelle medonho chover; porque a noute era comprida, e elle não tinha que fazer mais nada.

Mas, como o terreiro ante a sua gaiola de feras era rodeado de muros, a chuva não podia escoar-se toda, e vinha crescendo de modo que já elle sentia os pés molhados.

E tambem começou a ter medo de morrer, apesar da sua miseria. Bem sabía D. Diogo que a morte é a maior dellas todas; que não era o senhor de Biscaia atheu, philosopho, nem parvo.

Mas lá divisa um vulto alvacento que salvou por cima do palanque, e sente ao mesmo tempo no meio do terreiro — plash! —

E ouviu uma voz que dizia — «Nobre senhor D. Diogo, onde é que vós vos achaes!» —

«Que vejo e ouço?! — exclamou o velho. — Um trajo que não alveja não é trajo d'ismae-

lita; uma voz que não fala algaravia não é d'infiel; um salto de tal altura não é de cavalleiro do mundo. Por vossa fé dizei-me, sois anjo ou sois Sanctiago.»

«Meu pae, meu pae! — acudiu o cavalleiro — já não conheceis a fala de Inigo? Sou eu, que venho salvar-vos.»

E D. Inigo descavalgou e, travando das grossas reixas, tentava allui-las: a agua dava-lhe já pelos artelhos, e elle não fazia nada.

Cheio de afflicção, o mancebo quiz invocar o nome de Jesus; mas lembrou-se de como alli viera, e o bento nome expirou-lhe nos labios.

Todavia, Pardalo pareceu adivinhar o seu intimo pensamento; porque soltou um gemido agudo e prompto, como se lhe houvessem tocado com um ferro em braza.

E, empurrando com a cabeça D. Inigo, voltou a anca para a grade.

Pan! — foi o som que se ouviu. Com um só couce a reixa estava no chão, e as hombreiras de pedra tinham voado em mil rachas. Quer m'o creiam, quer não, di-lo a historia: eu com isto não perco nem ganho.

D. Diogo, esse ficou-o crendo: porque uma lasca de pedra bateu-lhe nos dous ultimos dentes que tinha e metteu-lh'os pela goela abaixo.

Por isso, elle, com a dor, não podia dizer palavra.

Seu filho fê-lo cavalgar ante si, e, cavalgando após elle, bradou: — «Meu pae, estaes salvo!»

E Pardalo de um pulo galgou de novo o palanque. Pois tinha bons quinze palmos!

Pela manhan não havia signal de chuva; o ar estava limpo e sereno, e quando os mouros foram ver o que succedera a D. Diogo Lopes, não lhe acharam sequer o rasto.

5

D. Inigo e seu pae, o velho senhor de Biscaia, passam as portas de Toledo com a rapidez da frecha: num abrir e fechar d'olhos ficam-lhes para trás muros, torres, barbacans e atalaias. A batega vai diminuindo: rasgam-se as nuvens, e vêem-se já reluzir algumas estrellas, que parecem outros tantos olhos com que o céu espreita através do negrume o que se passa cá em baixo.

A estrada, pelas descidas e subidas dos recostos, converteu-se em leito de torrente, nos plainos converteu-se em lago.

Mas, quer pelos lagos, quer pelas torrentes, o valente onagro rompia ávante, bufando como um damnado.

Não subiram bem um monte, já descem pelo outro recosto abaixo; ainda bem não chegaram a uma clareira, já sentem em profunda floresta gotejarem-lhes em cima os ramos agitados das arvores.

Pouco mais é de meia-noute, e os topos nevados do Vindio recortam o chão estrellado do céu já limpo, semelhantes aos dentes de uma serra gigante capaz de dividir cérceo o hemispherio austral do hemispherio boreal.

E Pardalo investe, sempre em galope desfeito, com as montanhas disformes, e desce aos valles temerosos, e, cada vez mais ligeiro, como o seu nome o indica, parece menos quadrupede que passaro.

Mas que ruído é esse que sobreleva o do vento? Que é isso que, lá ao longe, ora alveja, ora reluz nas trévas, como uma alcateia de lobos envoltos em sudarios brancos, com os olhos só descubertos, e despregando em fio pelo fundo do valle abaixo?

É um rio caudal e furioso, com o seu manto de escuma, e com as escamas angulosas de seu dorso eriçado, onde batem e chispam os raios das estrellas em mil reflexos quebrados.

Negreja sobre o rio uma ponte, ao meio desta um vulto esguio. — «Será um marco, uma estatua? — pensaram os cavalleiros. Pinheiro

não póde ser; não consta que em pontes nasçam.»

Pardalo ria-se de rios; pontes, fazia tanto cabedal dellas como de um retraço de palha. Todavia, bem que pudesse de um pulo salvar vinte ribeiras como aquella, foi-se direito á ponte; porque não era animal que fizesse africas escusadas.

Semelhante a relampago, se arrojou o onagro áquelle passo estreito... Mas, tá!... Ei-lo que de repente pára.

E tremia como varas verdes, e arquejava com violencia: os dous cavalleiros olharam.

O vulto esguio era um cruzeiro de pedra alevantado a meia ponte: por isso Pardalo emperrava.

Então, d'entre uns altos choupos, que da margem d'alem se meneavam, um pouco mais abaixo daquelle sitio, ouviu-se uma voz fadigosa e trémula que cantava:

Para trás, para trás, a galgar.
Já!
De redor, de redor, vem passar
Cá!
Que não ha nada aqui que te empeça.
Bus,
Nem palavra, vós dous! Fugi dessa
Cruz!

«Sancto Nome de Christo!» — exclamou D. Diogo, benzendo-se ao escutar aquella voz que bem conhecia, mas que, depois de tantos annos, não esperava alli ouvir, porque seu filho não lhe dissera que meio achara para o salvar.

Apenas o grito do velho soou, assim elle como D. Inigo foram bater contra o poyal do cruzeiro, onde ficaram de bruços, envoltos em lodo. O onagro, ao sacudi-los de si, soltara um rugido de besta-fera. Sentiram então um cheiro intoleravel de enxofre e de carvão de pedra inglês, que logo se percebia ser cousa de Satanás.

E ouviram como um trovão subterraneo; e a ponte balouçava, como se as entranhas da terra se despedaçassem.

Apesar do seu grande terror, e de chamar pela Virgem Sanctissima, D. Inigo abriu um cantinho do olho para ver o que se passava.

Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que o somos. Mentimos como uns desalmados.

Que veria o cavalleiro? Um fojo aberto, bem proximo delles sobre a ponte, e que depois rompia pela agua.

E depois pelo leito do rio; e depois pela terra dentro, dentro; e depois pelo tecto do

inferno, que outra cousa não podia ser um fogo muito vermelho que reverberava daquella profundidade.

Tanto era assim, que ainda lá viu passar de relance um demonio com um desconforme espeto nas mãos em que levava um judeu empalado.

E Pardalo descia remoinhando por esse boqueirão, como uma penna caíndo em dia sereno do alto de uma torre abaixo.

Aquella vista fez perder os sentidos a D. Inigo, que, indo tambem a chamar por Jesus, achou que não podia proferir este nome sagrado.

De terror, tanto o velho como o moço ficaram alli em desmaio.

Quando tornaram a si, com o romper do sol claro, conheceram o sitio em que se achavam. Era a ponte proxima á aldeia de Nusturio, no alto da qual campeava o castello construido por D. From, o saxonio, avoengo de D. Diogo Lopes e primeiro senhor de Biscaia.

Nenhum vestigio restava do que alli se passara; os dous, moídos e cheios de lodo e pisaduras, foram-se arrastando como poderam até encontrar alguns villãos, a quem se deram a conhecer, e que os levaram a casa.

Festas que em Nusturio se fizeram por sua vinda, cousa é que vos não direi; porque não tarda a hora de cear, resar e deitar.

6

D. Diogo pouco tempo viveu: todos os dias ouvia missa; todas as semanas se confessava. D. Inigo, porém, nunca mais entrou na egreja, nunca mais resou, e não fazia senão ir á serra caçar.

Quando tinha de partir para as guerras de Leão, viam-no subir á montanha armado de todas as peças e voltar de lá montado num agigantado onagro.

E o seu nome retumbou em toda a Hespanha; porque não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e nunca em nenhum recontro foi ferido nem derribado.

Diziam á boca pequena em Nusturio que o illustre barão tinha pacto com Belzebuth. Olhem que era grande milagre!

Meio precíto era elle por sua mãe; não tinha que vender senão a outra metade da alma.

Por oitenta por cento de lucro no recibo de um egresso, a dá ahi inteiro ao démo qualquer onzeneiro, e crê ter feito uma limpa veniaga.

Fosse como fosse, Inigo Guerra morreu velho: o que a historia não conta é o que então se passou no castello. Como não quero improvisar mentiras, por isso não direi mais nada.

Mas a misericordia de Deus é grande. Á cautella resem por elle um *Pater* e um *Ave*. Se não lhe aproveitar, seja por mim. Amen.

O BISPO NEGRO

(1130)

1

Houve tempo em que a velha cathedral conimbricense, hoje abandonada de seus bispos, era formosa; houve tempo em que essas pedras, ora tisnadas pelos annos, eram ainda pallidas, como as margens areentas do Mondego [1]. Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavissima, mais rica de saudade que os proprios raios daquelle planeta guardador dos segredos de tantas almas, que crêem existir nelle, e só nelle, uma intelligencia que as perceba.

Então aquellas ameias e torres não haviam sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham collocado so-

---

[1] A sé velha de Coimbra é, no todo ou na maxima pa[illegible], uma edificação dos fins do seculo duodecimo; mas acceitámos aqui a tradição que lhe attribue uma remontissima antiguidade.

bre as alturas; e, todavia, já então ninguem sabía se esses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos nobres conquistadores arabes.

Mas, quer filha dos valentes do norte, quer dos pugnacissimos sarracenos, ella era formosa, na sua singela grandeza, entre as outras sés das Hespanhas. Ahi succedeu o que ora ouvireis contar.

2

Aproximava-se o meado do duodecimo seculo. O principe de Portugal Affonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos de sua mãe. Se a historia se contenta com o triste espectaculo de um filho condemnando ao exilio aquella que o gerou, a tradição carrega as tinctas do quadro, pintando-nos a desditosa viuva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A historia contanos o facto; a tradição os costumes. A historia é verdadeira, a tradição verosimil; e o verosimil é o que importa ao que busca as lendas da patria.

Em uma das torres do velho alcacer de Coimbra, assentado entre duas ameias, a ho-

ras em que o sol fugia do horisonte, o principe conversava com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e com elle dispunha meios e apurava traças para guerrear a mourisma.

E lançou casualmente os olhos para o caminho que guiava ao alcacer e viu o bispo D. Bernardo, que, montado em sua nédia mula, cavalgava apressado pela encosta acima.

«Vedes vós — disse elle ao Espadeiro — o nosso leal D. Bernardo, que para cá se encaminha? Negocio grave, por certo, o faz saír a taes deshoras da crasta da sua sé. Desçamos á sala d'armas e vejamos o que elle quer.» — E desceram.

Grandes lampadarios ardiam já na sala d'armas do alcacer de Coimbra, pendurados de cadeias de ferro chumbadas nos fechos dos arcos de volta de ferradura que sustentavam os tectos de grossa cantaria. Pelos feixes de columnas delgadas, entre si separadas, mas ligadas sob os fustes por base commum, pendiam corpos de armas, que reverberavam a luz das lampadas e pareciam cavalleiros armados, que em silencio guardavam aquelle amplo aposento. Alguns homens de mesnada faziam retumbar as abobadas, passeando de um para outro lado.

Uma portinha, que ficava em um angulo da

quadra, abriu-se, e della saíram o principe e Lourenço Viegas, que desciam da torre. Quasi ao mesmo tempo assomou no grande portal de entrada o vulto veneravel e solemne do bispo D. Bernardo.

«Guardae-vos Deus, dom bispo! Que mui urgente negocio vos traz aqui esta noute?»— disse o principe a D. Bernardo.

«Más novas, senhor. Trazem-me aqui a mim letras do papa, que ora recebi.»

«E que quer de vós o papa?»

«Que de sua parte vos ordene solteis vossa mãe...»

«Nem pelo papa, nem por ninguem o farei.»

«E manda-me que vos declare excommungado, se não quizerdes cumprir seu mandado.»

«E vós que intentaes fazer?»

«Obedecer ao successor de S. Pedro.»

«Quê? D. Bernardo amaldicçoaria aquelle a quem deve o bago pontifical; aquelle que o alevantou do nada? Vós, bispo de Coimbra, excommungarieis o vosso principe, porque elle não quer pôr a risco a liberdade desta terra remida das oppressões do senhor de Trava e do jugo do rei de Leão; desta terra que é só minha e dos cavalleiros portuguezes?»

«Tudo vos devo, senhor, — atalhou o bispo — salvo a minha alma, que pertence a Deus, a minha fé, que devo a Christo, e a minha obediencia, que guardarei ao papa.»

«D. Bernardo! D. Bernardo! — disse o principe, suffocado de colera — lembrae-vos de que affronta que se me fizesse nunca ficou sem paga!»

«Quereis, senhor infante, soltar vossa mãe?»

«Não! Mil vezes não!»

«Guardae-vos!»

E o bispo saíu, sem dizer mais palavra. Affonso Henriques ficou pensativo por algum tempo; depois, falou em voz baixa com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e encaminhou-se para a sua camara. D'ahi a pouco o alcacer de Coimbra jazia, como o resto da cidade, no mais profundo silencio.

3

Pela alvorada, muito antes de romper o sol no dia seguinte, Lourenço Viegas passeava com o principe na sala d'armas do paço mourisco.

«Se eu proprio o vi, montado na sua nédia mula, ir lá muito ao longe, caminho da terra

de Sancta Maria! [1] Na porta da sé estava pregado um pergaminho com larga escriptura, que, segundo me affirmou um clerigo velho que ahi chegara quando eu olhava para aquella carta, era o que elles chamam o interdicto...»—Isto dizia o Espadeiro, olhando para todos os lados, como quem receava que alguem o ouvisse.

«Que receias, Lourenço Viegas? Dei a Coimbra um bispo que me excommunga, porque assim o quiz o papa: dar-lhe-hei outro que me absolva, porque assim o quero eu. Vem comigo á sé. Bispo D. Bernardo, quando te arrependeres da tua ousadia já será tarde.»

D'alli a pouco as portas da sé estavam abertas, porque o sol era nado, e o principe, acompanhado de Lourenço Viegas e de dous pagens, atravessava a egreja e dirigia-se á crasta, onde, ao som de campa tangida, tinha mandado ajunctar o cabido, com pena de morte para o que ahi faltasse.

4

Solemne era o espectaculo que apresentava a crasta da sé de Coimbra. O sol dava,

---

[1] Hoje Terra da Feira, proximo do Porto, na estrada de Coimbra.

com todo o brilho de manhan purissimo, por entre os pilares que sustinham as abobadas dos cubertos que cercavam o pateo interior. Ao longo desses cubertos caminhavam os conegos com passos lentos, e as largas roupas ondeavam-lhes ao bafo suave do vento matutino. No topo da crasta estava o principe em pé, encostado ao punho da espada, e, um pouco atrás delle, Lourenço Viegas e os dous pagens. Os conegos íam chegando e formavam um semicirculo a pouca distancia d'elrei, em cuja cervilheira de malha de ferro ferviam buliçosos os raios do sol.

Toda a cleresia da sé estava alli apinhada, e o principe, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parecia envolto em fundo pensar. O silencio era completo.

Por fim Affonso Henriques ergueu o rosto carrancudo e ameaçador e disse:

«Conegos da sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o infante de Portúgal?»

Ninguem respondeu palavra.

«Se não sabeis, dir-vo-lo-hei eu — proseguiu o principe: — vem assistir á eleição do bispo de Coimbra.»

«Senhor, bispo havemos. Não cabe ahi nova eleição» — disse o mais velho e auctorisado

dos conegos que estavam presentes e que era o *adayão.*

«Amen» — responderam os outros.

«Esse que vós dizeis — bradou o infante, cheio de colera — esse jámais o será. Tirar-me quiz elle o nome de filho de Deus; eu lhe tirarei o nome do seu vigario. Juro que nunca em meus dias porá D. Bernardo pés em Coimbra: nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das sanctas escripturas! Elegei outro: eu approvarei vossa escolha.»

«Senhor, bispo havemos. Não cabe ahi nova eleição» — repetiu o adayão.

«Amen» — responderam os mais.

O furor de Affonso Henriques subiu de ponto com esta resistencia. «Pois bem! — disse elle, com a voz presa na garganta, depois de olhar terrivel que lançou pela assembléa, e de alguns momentos de silencio. — Pois bem! Saí d'aqui, gente orgulhosa e má! Saí, vos digo eu! Alguem por vós elegerá um bispo...»

Os conegos, fazendo profundas reverencias, encaminharam-se para as suas cellas, ao longo das arcarias da crasta.

Entre os que alli se achavam, um negro, vestido de habitos clericaes, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquella scena: os seus cabellos revoltos contrastavam

pela alvura com a pretidão da tez. Quando o principe falava, elle sorria-se e meneava a cabeça, como quem approvava o dicto. Os conegos começavam a retirar-se, e o negro ía após elles. Affonso Henriques fez-lhe um signal com a mão. O negro voltou para trás.

«Como has nome?» — perguntou-lhe o principe.

«Senhor, hei nome Çolleima. [1]»

«És bom clerigo? [2]»

«Na companhia não ha dous que sejam melhores.»

«Bispo serás, D. Çolleima. Vai tomar teus guisamentos, que hoje me cantarás missa.»

O clerigo recuou: naquella face tisnada viu-se uma contracção de susto.

«Missa não vos cantarei eu, senhor, — respondeu o negro com voz trémula — que para tal auto não tenho as ordens requeridas.»

---

[1] É notavel coincidencia a seguinte: em 1088 *um presbytero, por nome Zoleima,* fez uma doação *á sé de Coimbra.* Desta doação se lembra Fr. Antonio Brandão, M. L., P. 3.ª, L. 8.º, Cap. 5.º, pag. 13, col. 2.ª in fine.

[2] *Clerigo* naquella epocha não significava só o ecclesiastico revestido do sacerdocio, mas sim qualquer individuo empregado no serviço do culto. D'ahi a frequente menção, nos documentos, de *clerigos casados.*

«D. Çolleima, repara bem no que te digo! Sou eu que te mando vás vestir as vestiduras de missa. Escolhe: ou hoje tu subirás os degraus do altar-mór da sé de Coimbra, ou a cabeça te descerá de cima dos hombros e rolará pelas lageas deste pavimento.

O clerigo curvou a fronte.

«*Kirie-eleyson... Kirie-eleyson... Kirie-eleyson!*» — garganteava d'ahi a pouco D. Çolleima, revestido dos habitos episcopaes, juncto ao altar da capella-mór. O infante Affonso Henriques, o Espadeiro e os dous pagens, de joelhos, ouviam missa com profunda devoção.

5

Era noite. Em uma das salas mouriscas dos nobres paços de Coimbra havia grande sarau. Donas e donzellas, assentadas ao redor do aposento, ouviam os trovadores repetindo ao som da viola e em tom monotono suas maguadas endechas, ou folgavam e riam com os arremedilhos satyricos dos troões e farcistas. Os cavalleiros, em pé, ou falavam de aventuras amorosas, de justas e de bofordos, ou de fossados e lides por terras de mouros fronteiros. Para um dos lados, porém, entre um labyrintho de columnas, que dava saída para

uma galeria exterior, quatro personagens pareciam entretidas em negocio mais grave do que os prazeres de noite de folguedo o permittiam. Eram estas personagens Affonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Lourenço Viegas e Gonçalo de Sousa, o Bom. Os gestos dos quatro cavalleiros davam mostras de que elles estavam vivamente agitados.

«E' o que affirma, senhor, o mensageiro — dizia Gonçalo de Sousa — que me enviou o abbade do mosteiro de Tibães, onde o cardeal dormiu uma noite para não entrar em Braga. Dizem que o papa o envia a vós, porque vos suppõe herege. Em todas as partes por onde o legado passou, em França e em Hespanha, vinham a lhe beijar a mão reis, principes e senhores: a eleição de D. Çolleima não póde, por certo, ir ávante...»

«Irá, irá — respondeu o principe em voz tão alta que as palavras reboaram pelas abobadas do vasto aposento. — Que o legado tenha tento em si! Não sei eu se haveria ahi cardeal ou apostolico [1], que me estendesse a mão para eu lh'a beijar, que pelo cotovello lh'a não cortasse fóra a minha boa espada. Que me im-

---

[1] Papa.

portam a mim vilezas dos outros reis e senhores? Vilezas, não as farei eu!»

Isto foi o que se ouviu daquella conversação: os tres cavalleiros falaram com o principe ainda por muito tempo; mas em voz tão baixa, que ninguem percebeu mais nada.

6

Dous dias depois, o legado do papa chegava a Coimbra: mas o bom do cardeal tremia em cima da sua nédia mula, como se maleitas o houvessem tomado. As palavras do infante tinham sido ouvidas por muitos, e alguem as havia repetido ao legado.

Todavia, apenas passou a porta da cidade, revestindo-se de animo, encaminhou-se direito ao alcacer real.

O principe saíu a recebê-lo acompanhado de senhores e cavalleiros. Com modos corteses, guiou-o á sala do seu conselho, e ahi se passou o que ora ouvireis contar.

O infante estava assentado em uma cadeira de espaldas: diante delle o legado, em um assento raso, posto em cima de um estrado mais elevado: os senhores e cavalleiros cercavam o filho do conde Henrique.

«Dom cardeal — começou o principe — que viestes vós fazer a minha terra? Postoque de Roma só mal me tenha vindo, creio me trazeis agora algum ouro, que de seus grandes haveres me manda o senhor papa para estas hostes que faço e com que guerreio, noite e dia, os infiéis da frontaria. Se isto trazeis, acceitar-vo-lo-hei: depois, desembaraçadamente podeis seguir vossa viagem.»

No animo do legado a colera sobrepujou o temor, quando ouviu as palavras do principe, que eram de amargo escarneo.

«Não a trazer-vos riquezas, — atalhou elle — mas a ensinar-vos a fé vim eu; que della parece vos esquecestes, tractando violentamente o bispo D. Bernardo e pondo em seu logar um bispo sagrado com vossas manoplas, victoriado só por vós com palavras blasphemas e maldictas...»

«Calae-vos, dom cardeal, — gritou Affonso Henriques — que mentís pela gorja! Ensinar-me a fé?! Tão bem em Portugal como em Roma sabemos que Christo nasceu da Virgem; tão certo, como vós outros romãos, cremos na sancta Trindade. Se a outra cousa vindes, ámanhan vos ouvirei: hoje ir-vos podeis a vossa pousada.»

E ergueu-se: os olhos chammejavam-lhe

de furor. Toda a ousadia do legado desappareceu como fumo: e, sem atinar com resposta, saíu do alcacer.

7

O gallo tinha cantado tres vezes: pelo arrebol da manhan, o cardeal partia aforradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente.

O principe foi um dos que despertaram mais cedo. Os sinos harmoniosos da sé costumavam acordá-lo tocando as ave-marias: mas naquelle dia ficaram mudos: e, quando elle se ergueu, havia mais de uma hora que o sol subia para o alto dos céus da banda do oriente.

«Misericordia! misericordia!» — gritavam devotamente homens e mulheres á porta do alcacer, com alarido infernal. O principe ouviu aquelle ruído.

«Que vozes são estas que soam?» — perguntou elle a um pagem.

O pagem respondeu-lhe chorando:

«Senhor, o cardeal excommungou esta noite a cidade e partiu: as egrejas estão fechadas; os sinos já não ha quem os toque; os clerigos fecham-se em suas pousadas. A maldicção

do sancto padre de Roma caíu sobre nossas cabeças.»

Outra voz soou á porta do alcacer: — «Misericordia! misericordia!»

«Que enfreiem e selem o meu cavallo de batalha. Pagem, que enfreiem e selem o meu melhor corredor!»

Isto dizia o principe encaminhando-se para a sala d'armas. Ahi envergou á pressa um saio de malha e pegou em um montante que dous portugueses dos de hoje apenas valeriam a alevantar do chão. O pagem tinha saído, e d'alli a pouco, o melhor cavallo de batalha que havia em Coimbra tropeava e rinchava á porta do alcacer.

8

Um clerigo velho, montado em uma alentada mula branca, vindo de Coimbra seguia o caminho da Vimieira e, de instante a instante, espicaçava os ilhaes da cavalgadura com seus acicates de prata. Em outras duas mulas íam ao lado delle dous mancebos com caras e meneios de beatos, vestidos de opas e tonsurados, mostrando em seu porte e idade que aprendiam ainda as pueris ou ouviam as

grammaticaes [1]. Eram o cardeal, que se ía a Roma, e dous sobrinhos seus, que o haviam acompanhado.

Entretanto o principe partira de Coimbra sósinho. Quando pela manhan Gonçalo de Sousa e Lourenço Viegas o procuraram em seus paços, souberam que era partido após o legado. Temendo o caracter violento de Affonso Henriques, os dous cavalleiros seguiram-lhe a pista á redea solta, e íam já muito longe quando viram o pó que elle alevantava, correndo ao longo da estrada, e o scintillar do sol, batendo-lhe de chapa na cervilheira, semelhante ao dorso de um crocodilo.

Os dous fidalgos esporearam com mais força os ginetes, e breve alcançaram o infante.

«Senhor, senhor, aonde ides sem vossos leaes cavalleiros, tão cedo e açodadamente?»

«Vou pedir ao legado do papa que se amerceie de mim...»

---

[1] Estudos menores ou preparativos. Assim parece se chamavam na idade-média *Darin lernt ich puerilia,* diz Hans Sochs no seu *Lebensbeschreibung,* e o bispo do Porto, D. Pedro Affonso, affirma de seu predecessor D. João Gomes: *erat bonus homo, et sine aliqua malitia, sed jura aliqua non audiverat, immò nec grammaticalia, quod est plus.*

A estas palavras, os cavalleiros transpunham uma assomada que encobria o caminho: pela encosta abaixo ía o cardeal com os dous mancebos das opas e cabellos tonsurados.

«Oh!...» — disse o principe. Esta unica interjeição lhe fugiu da boca; mas que discurso houvera ahi que a egualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo, sobre a prêa descuidada.

«*Memento mei, Domine, secundùm magnam misericordiam tuam!*» — resou o cardeal em voz baixa e trémula, quando, ouvindo o tropear dos cavallos, voltou os olhos e conheceu Affonso Henriques.

Em um instante este o havia alcançado. Ao perpassar por elle, travou-lhe do cabeção do vestido e, de relance, ergueu o montante: felizmente os dous cavalleiros arrancaram as espadas e cruzaram-nas debaixo do golpe, que já descia sobre a cabeça do legado. Os tres ferros feriram fogo; mas a pancada deu em vão, aliás o craneo do pobre clerigo teria ido fazer mais de quatro redemoinhos nos ares.

«Senhor, que vos perdeis e nos perdeis, ferindo o ungido de Deus» — gritaram os dous fidalgos, com vozes afflictas.

«Principe, — disse o velho, chorando — não

me faças mal; que estou á tua mercê!»—Os dous mancebos tambem choravam.

Affonso Henriques deixou descaír o montante, e ficou em silencio alguns momentos.

«Estás á minha mercê? — disse elle por fim. — Pois bem! Viverás, se desfizeres o mal que causaste. Que seja alevantada a excommunhão lançada sobre Coimbra, e jura-me em nome do apostolico, que nunca mais em meus dias será posto interdicto nesta terra portuguesa, conquistada aos mouros por preço de tanto sangue. Em refens deste pacto ficarão teus sobrinhos. Se, no fim de quatro mezes, de Roma não vierem letras de bençam, tem tu por certo que as cabeças lhes voarão de cima dos hombros. Apraz-te este contracto?»

«Senhor, sim!» — respondeu o legado com voz sumida.

«Juras?»

«Juro.»

«Mancebos, acompanhae-me.»

Dizendo isto, o infante fez um aceno aos sobrinhos do legado, que, com muitas lagrymas, se despediu delles, e sósinho seguiu o caminho da terra de Sancta Maria.

D'ahi a quatro mezes, D. Çolleima dizia missa pontifical na capella-mór da sé de Coimbra, e os sinos da cidade repicavam alegremente. Ti-

nham chegado letras de bençam de Roma; e os sobrinhos do cardeal, montados em boas mulas, íam cantando devotamente pelo caminho da Vimieira o psalmo que começa:

In exitu Israel de Ægypto.

Conta-se, todavia, que o papa levara a mal, no principio, o pacto feito pelo legado; mas que, por fim, tivera dó do pobre velho, que muitas vezes lhe dizia:

«Se tu, sancto padre, viras sobre ti um cavalleiro tão bravo ter-te pelo cabeção e a espada nua para te cortar a cabeça, e seu cavallo, tão feroz, arranhar a terra, que já te fazia a cova para te enterrar, não sómente deras as letras, mas tambem o papado e a cadeira apostolical.»

NOTA

A lenda precedente é tirada das chronicas de Acenheiro, rol de mentiras e disparates publicado pela nossa Academia, que teria procedido mais judiciosamente em deixá-las no pó das bibliothecas, onde haviam jazido em paz por quasi tres seculos. A mesma lenda tinha sido inserida pouco anteriormente na chronica de Affonso Henriques por Duarte Galvão, formando a substancia de quatro capitulos, que foram supprimidos na edição deste auctor, e que mereceram da parte do academico D. Francisco de S. Luiz uma *grave* refutação. Toda a narrativa das circumstancias que se deram no facto, aliás verdadeiro, da prisão de D. Thereza, das tentativas *opposicionistas* do bispo de Coimbra, da eleição do bispo negro, da vida do cardeal, e da sua fuga contrastam a historia daquella epocha. A tradição é falsa a todas as luzes; mas tambem é certo que ella se originou de algum acto de violencia praticado nesse reinado contra algum cardeal legado. Um historiador coevo e, postoque estrangeiro, bem informado geralmente ácerca dos successos do nosso paiz, o inglês Rogerio de Hoveden, narra um facto, acontecido em Portugal, que, pela analogia que tem com o conto do bispo negro, mostra a origem da fabula. A narrativa do chronista está indicando que o acontecimento fizera certo ruído na Europa, e a propria confusão de datas e de individuos que apparece no texto de Hoveden mostra que o successo era anterior e andava já alterado na tradição. O que é certo é que o achar-se esta conservada fóra de Portugal desde

o seculo duodecimo por um escriptor que Ruy de Pina e Acenheiro não leram (porque foi publicado no seculo decimo-setimo) prova que ella remonta entre nós, por maioria de razão, tambem ao seculo duodecimo, embora alterada, como já a vemos no chronista inglês. Eis a notavel passagem a que alludimos, e que se lê a pag. 640 da edição de Hoveden, por Savile:

«No *mesmo anno* (1187) o cardeal *Jacintho*, então legado em toda a Hespanha, depôs muitos prelados *(abbates)*, ou por culpas delles ou por impeto proprio, e como quizesse depôr o bispo de Coimbra, o rei *Affonso* (Henriques) não consentiu que elle fosse deposto, e mandou ao dicto cardeal que saisse da sua terra, quando não cortar-lhe-hia um pé.»

A MORTE DO LIDADOR

(1170)

I

«Pagens! que arreiem o meu ginete murzelo; e vós dae-me o meu lorigão de malha de ferro e a minha boa toledana. Senhores cavalleiros, hoje contam-se noventa e cinco annos que recebi o baptismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavalleiro, e quero celebrar tal dia fazendo uma entrada por terras da frontaria dos mouros.»

Isto dizia na sala de armas do castello de Béja Gonçalo Mendes da Maia, a quem, pelas muitas batalhas que pelejara e por seu valor indomavel, chamavam o Lidador. Affonso Henriques, depois do infeliz successo de Badajoz, e feitas pazes com elrei de Leão, o nomeara fronteiro da cidade de Béja, de pouco tempo conquistada aos mouros. Os quatro Viegas, filhos do bom velho Egas Moniz, estavam com elle, e outros muitos cavalleiros afamados, entre os quaes D. Ligel de Flandres e Mem Moniz, tio dos quatro Viegas.

«A fé — disse Mem Moniz — que a festa de vossos annos, senhor Gonçalo Mendes, será mais de mancebo cavalleiro que de capitão encanecido e prudente. Deu-vos elrei esta frontaria de Béja para bem a haverdes de guardar, e não sei eu se arriscado é saír hoje á campanha, que dizem os escutas, chegados ao romper d'alva, que o famoso Almoleimar corre por estes arredores com dez vezes mais lanças do que todas as que estão encostadas nos lanceiros desta sala de armas.»

«Voto a Christo — atalhou o Lidador — que não cria eu que o senhor rei me houvesse posto nesta torre de Béja para estar assentado á lareira da chaminé, como velha dona, a espreitar de quando em quando por uma séteira se cavalleiros mouros vinham correr até a barbacan, para lhes cerrar as portas e ladrar-lhes do cimo da torre da menagem, como usam os villãos. Quem achar que são duros de mais os arnezes dos infiéis póde ficar-se aqui.»

«Bem dicto! bem dicto!» — exclamaram, dando grandes risadas, os cavalleiros mancebos.

«Por minha boa espada!» — gritou Mem Moniz, atirando o guante ferrado ás lageas do pavimento — que mente pela gorja quem disser que eu ficarei aqui, havendo dentro de

dez leguas em redor lide com mouros. Senhor Gonçalo Mendes, podeis montar em vosso ginete, e veremos qual das nossas lanças bate primeiro em adarga mourisca.»

«A cavallo! a cavallo!» — gritou outra vez a chusma, com grande alarida.

D'alli a pouco, ouvia-se o retumbar dos sapatos de ferro de muitos cavalleiros descendo os degraus de marmore da torre de Béja, e, passados alguns instantes, soava só o tropear dos cavallos, atravessando a ponte levadiça das fortificações exteriores que davam para a banda da campanha por onde costumava apparecer a mourisma.

2

Era um dia do mez de julho, duas horas depois da alvorada, e tudo estava em grande silencio dentro da cerca de Béja: batia o sol nas pedras esbranquiçadas dos muros e torres que a defendiam: ao longe, pelas immensas campinas que avizinham o teso sobre que a povoação está assentada, viam-se ondear as searas maduras, cultivadas por mãos de agarenos para seus novos senhores christãos. Regados por lagrymas de escravos tinham sido esses campos, quando em formoso dia de in-

verno os sulcou o ferro do arado; por lagrymas de servos seríam outra vez humedecidos, quando, no mez de julho, a paveia, cerceada pela fouce, pendesse sobre a mão do ceifeiro: choro de amargura havia ahi, como, cinco seculos antes, o houvera: então de christãos conquistados, hoje de mouros vencidos. A cruz hasteava-se outra vez sobre o crescente quebrado; os corucheus das mesquitas convertiam-se em campanarios de sés, e a voz do almuaden trocava-se por toada de sinos, que chamavam á oração entendida por Deus.

Era esta a resposta dada pela raça goda aos filhos d'Africa e do Oriente, que diziam, mostrando os alfanges: — «é nossa a terra de Hespanha.» — O dicto arabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito seculos a escrever-se. Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra della nos cerros das Asturias; a ultima gravaram-na Fernando e Isabel, com os pelouros de suas bombardas, nos pannos das muralhas da formosa Granada: e a esta escriptura, estampada em alcantis de montanhas, em campos de batalha, nos portaes e torres dos templos, nos lanços dos muros das cidades e castellos, accrescentou no fim a mão da Providencia — «assim para todo o sempre!»

Nesta lucta de vinte gerações andavam lidando as gentes do Alemtejo. O servo mouro olhava todos os dias para o horisonte, onde se enxergavam as serranias do Algarve: de lá esperava elle salvação ou, ao menos, vingança; ao menos, um dia de combate e corpos de christãos estirados na veiga para pasto dos açores bravios. A vista do sangue enxugava-lhes por algumas horas as lagrymas, embora os valentes d'Africa houvessem de fugir vencidos; embora as aves de rapina tivessem, tambem, abundante ceva em cadaveres de seus irmãos! E este ameno dia de julho devia ser um desses dias por que suspirava o servo ismaelita.

Almoleimar descera com os seus cavalleiros ás campinas de Béja. Pelas horas mortas da noite, viam-se as almenaras das suas atalaias nos pincaros das serras remotas, semelhantes ás luzinhas que em descampados e tremedaes accendem as bruxas em noites de seus folguedos: bem longe estavam as almenaras, mas bem perto sentiam os escutas o resfolegar e o tropear de cavallos, e o ranger das folhas seccas, e o tinir a espaços de alfange batendo em ferro de canelleira ou de coxote. Ao romper d'alva, os cavalleiros do Lidador saíam a mais de dous tiros de bésta além das

muralhas de Béja; tudo porém estava em silencio, e só, aqui e alli, as searas calcadas davam rebate de que por aquelles sitios tinham vagueado almogaures mouros, como o leão do deserto rodeia, pelo quarto de modorra, as habitações dos pastores além das encostas do Atlas.

No dia em que Gonçalo Mendes da Maia, o velho fronteiro de Béja, cumpria os noventa e cinco annos, ninguem saíra, pelo arrebol da manhan, a correr o campo; e, todavia, nunca tão de perto chegara Almoleimar; porque uma frecha fora pregada á mão em um grosso sovereiro que sombreava uma fonte, a pouco mais de tiro de funda dos muros do castello. Era que nesse dia deviam ír mais longe os cavalleiros christãos: o Lidador pedira aos pagens o seu lorigão de malha de ferro e a sua boa toledana.

3

Trinta fidalgos, flor da cavallaria, corriam á redea solta pelas campinas de Béja; trinta, não mais, eram elles; mas orçavam por trezentos os homens d'armas, escudeiros e pagens que os acompanhavam. Entre todos avultava em robustez e grandeza de mem-

bros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam, como frocos de neve, sobre o peitoral da cota d'armas, e o terrivel Lourenço Viegas, a quem, pelos espantosos golpes da sua espada, chamavam o Espadeiro. Eram formoso espectaculo o esvoaçar dos balsões e signas, fóra de suas fundas e soltos ao vento, o scintillar das cervilheiras, as côres variegadas das cotas, e as ondas de pó que se alevantavam debaixo dos pés dos ginetes, como se alevanta o bulcão de Deus, varrendo a face de campina resequida, em tarde ardente de verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Béja vai a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horisonte não se vèem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavalleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alvejam ao longe sobre um cavallo murzelo. Os corredores christãos volteiam na frente da linha dos cavalleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpõem-nos em breve; entram pelos cannaviaes dos ribeiros; apparecem, somem-se, tornam a saír ao claro: mas, no meio de tal lidar, apenas se ouvem o trote compassado dos ginetes e o

grito monotono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já dos mouros; é já além da frontaria. Se olhos de cavalleiros portugueses soubessem olhar para trás, indo em som de guerra, os que para trás de si os volvessem a custo enxergariam Béja. Bastos pinhaes começavam já a cubrir mais crespo territorio, cujos outeirinhos, aqui e alli, se alteavam suaves, como seio de virgem em viço de mocidade. Pelas faces tostadas dos cavalleiros cubertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de escuma as redes de ferro acaireladas d'ouro que os defendiam. A um signal do Lidador, a cavalgada parou; era necessario repousar, que o sol ía no zenith e abrasava a terra: descavalgaram todos á sombra de um azinhal e, sem desenfrear os cavallos, deixaram-nos pascer alguma relva que crescia nas bordas de um arroio vizinho.

Tinha passado meia hora: por mandado do velho fronteiro de Béja um almogavar montou a cavallo e aproximou-se á redea solta de uma selva extensa que corria á mão direita: pouco, porém, correu; uma frecha despedida dos bosques sibillou no ar: o almogavar gritou por Jesus: a frecha tinha-se-lhe embebido no lado: o cavallo parou de repente, e elle, er-

guendo os braços ao ar, com as mãos abertas, caíu de bruços, tombando para o chão, e o ginete partiu desenfreado através das veigas e desappareceu na selva. O almogavar dormia o ultimo somno dos valentes em terra de inimigos, e os cavalleiros da frontaria de Béja viram o seu trance do repousar eterno.

«A cavallo! a cavallo!» — bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cubertura de malha dos ginetes, soou unisono, quando todos os cavalleiros cavalgaram de um pulo; e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Grita medonha troou ao mesmo tempo, além do pinhal da direita. — «Allah! Almoleimar!» — era o que dizia a grita.

Enfileirados em extensa linha, os cavalleiros arabes saíram á redea solta de trás da escura selva que os encubria: o seu numero excedia cinco vezes o dos soldados da cruz: as suas armaduras lisas e pulidas contrastavam com a rudeza das dos christãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro e por grossas cotas de malha do mesmo metal: mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gothico-

romana iam, ainda mais uma vez, provar-se com a destreza e com a pericia arabes.

4

Como longa fita de muitas cores, recamada de fios d'ouro e reflectindo mil accidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavalleiros mouros sobresaía na veiga entre as searas pallidas que cubriam o campo. Defronte delles, os trinta cavalleiros portugueses, com trezentos homens d'armas, pagens e escudeiros, cubertos dos seus escuros envoltorios, e lanças em riste, esperavam o brado de acommetter. Quem visse aquelle punhado de christãos, diante da copia d'infiéis que os esperavam, diria que, não com brios de cavalleiros, mas com fervor de martyres, se offereciam a desesperado trance. Porém, não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a têmpera das espadas e lanças portuguesas e a rijeza dos braços que as meneavam. De um contra dez devia ser o imminente combate; mas, se havia ahi algum coração que batesse descompassado, algumas faces descóradas, não era entre os companheiros do Lidador que tal coração batia ou que taes faces descóravam.

Pouco a pouco, a planura que separava as duas hostes, tinha-se embebido debaixo dos pés dos cavallos, como no torculo se embebe a folha de papel saíndo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças íam feitas: o Lidador bradara Sanctiago, e o nome de Allah soara em um só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas fronteiras, balouçadas por violento terremoto, desabando, não fariam mais ruído, ao bater em pedaços uma contra a outra, do que este recontro de infiéis e christãos. As lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam delles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro muitos cavalleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas e traspassou o peito com o ferro de sua grossa lança. Deixando-a depois caír, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto delle estava:

«Senhor Gonçalo Mendes, alli tendes, no peito daquelle perro, aberta a séteira por onde eu, velha dona assentada á lareira, costumo vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcateia de villãos, do cimo da torre de menagem.»

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz proferia as ultimas palavras, elle topara em cheio com o terrivel Almoleimar. As lanças dos dous contendores haviam-se feito pedaços, e o alfange do mouro cruzou-se com a boa toledana do fronteiro de Béja.

Como duas torres de sete seculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dous capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavallos: as faces pallidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a immobilidade que dá, nos grandes perigos, o habito de os affrontar: mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os signaes de um valor colerico e impetuoso. Cerrando os dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversario: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfange se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a espada desceu, faiscando, pelo coxote do mouro, que já desencravara o alfange. Tal foi a primeira saudação dos dous cavalleiros inimigos.

«Brando é o teu escudo, velho infiel; mais bem temperado é o metal do meu arnez. Veremos agora se na tua touca de ferro se em botam os fios deste alfange.»

Isto disse Almoleimar, dando uma risada, e

a cimitarra bateu em cima da cervilheira do Lidador, com a mesma violencia com que bate no fundo do valle penedo desconforme des prendido do pincaro da montanha.

O fronteiro vacillou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-hia caído no chão, se não estivesse presa ao punho do cavalleiro por uma cadeia de ferro. O ginete, sentindo as redeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha, a todo o galope.

Mas o Lidador tornou a si: uma forte sofreada avisou o ginete de que o seu senhor não morrera. Á redea solta, lá volta o fronteiro de Béja: escorre-lhe o sangue, envolto em escuma, pelos cantos da boca: traz os olhos torvos de ira: ai de Almoleimar!

Semelhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre os christãos e mouros: os dous contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro. As espadas reluziram no ar; mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu á violenta estocada; e o sangue, saíndo ás golfadas, cortou a ultima maldicção do agareno.

Mas a espada deste tambem não errara o

golpe: vibrada com ancia, colhera pelo hombro esquerdo o velho fronteiro e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso. Ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue arabe.

«Perro maldicto! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira.»

E, dizendo isto, o Lidador caíu amortecido; um dos seus homens de armas voou a soccorrê-lo; mas o ultimo golpe d'Almoleimar fora o brado da sepultura para o fronteiro de Béja: os ossos do hombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e para outro lado envoltas nas malhas descosidas do lorigão.

5

Entretanto os mouros íam de vencida: Mem Moniz, D. Ligel, Godinho Fafes, Gomes Mendes Gedeão e os outros cavalleiros daquella lustrosa companhia tinham practicado maravilhosas façanhas. Mas, entre todos, tornava-se notavel o Espadeiro. Com um pesado montante nas mãos, cuberto de pó, suor e sangue, pelejava a pé; que o seu agigantado ginete

caíra morto de muitos tiros de frechas e lançadas. De roda delle não se viam senão cadaveres e membros destroncados, por cima dos quaes trepavam, para logo recuarem ou baquearem no chão, os mais ousados cavalleiros arabes. Como um promontorio de escarpados alcantis, Lourenço Viegas estava immovel e sobranceiro no meio do embate daquellas vagas de pelejadores que vinham desfazer-se contra o terrivel montante do filho de Egas Moniz.

Quando o fronteiro caíu, o grosso dos mouros fugia já para além do pinhal; mas os mais valentes pelejavam ainda á roda do seu capitão moribundo. O Lidador esse tinha sido posto em cima de umas andas, feitas de troncos e franças de arvores, e quatro escudeiros, que restavam vivos dos dez que comsigo trouxera, o haviam transportado para a çaga da cavalgada. O tinir dos golpes era já muito frouxo e sumia-se no som dos gemidos, pragas e lamentos que soltavam os feridos derramados pela veiga ensanguentada. Se os mouros, porém, levavam, fugindo, vergonha e damno, a victoria não saíra barata aos portugueses. Viam perigosamente ferido o seu velho capitão, e tinham perdido alguns cavalleiros de conta e a maior parte dos homens de armas, escudeiros e pagens.

Foi neste ponto que, ao longe, se viu erguer uma nuvem de pó, que voava rapida para o logar da peleja. Mais perto, aquelle turbilhão rareou, vomitando do seio um basto esquadrão de arabes. Os mouros que fugiam deram volta e gritaram:

«Ali-Abu-Hassan! Só Deus é Deus, e Mohammed o seu propheta!»

Era com effeito, Ali-Abu-Hassan, rei de Tangere, que estava com seu exercito sobre Mertola e que viera com mil cavalleiros em soccorro de Almoleimar.

6

Cansados do largo combater, reduzidos a menos de metade em numero e cubertos de feridas, os cavalleiros de Christo invocaram o seu nome e fizeram o signal da cruz. O Lidador perguntou com voz fraca a um pagem que estava ao pé das andas, que nova revolta era aquella.

«Os mouros foram soccorridos por um grosso esquadrão — respondeu tristemente o pagem. — A Virgem Maria nos acuda, que os senhores cavalleiros parece recuarem já.»

O Lidador cerrou os dentes com força e levou a mão á cincta. Buscava a sua boa toledana.

«Pagem, quero um cavallo. Onde está a minha espada?»

«Aqui a tenho, senhor. Mas estaes tão quebrado de forças!. .»

«Silencio! A espada, e um bom ginete.»

O pagem deu-lhe a espada e foi pelo campo buscar um ginete, dos muitos que andavam já sem dono. Quando voltou com elle, o Lidador, pallido e cuberto de sangue, estava em pé e dizia, falando comsigo:

«Por Sanctiago, que não morrerei como villão da behetria onde entrou cavalgada de mouros!»

E o pagem ajudou-o a montar a cavallo.

Ei-lo vai o velho fronteiro de Béja! Semelhava um espectro erguido de pouco em campo de finados: debaixo dos muitos pannos que lhe envolviam o braço e o hombro esquerdo levava a propria morte; nos fios da espada, que a mão direita mal sustinha, levava, porventura, ainda a morte de muitos outros!

7

Para onde mais travada e accesa andava a peleja se encaminhou o Lidador. Os christãos affrouxavam diante daquella multidão d'infiéis, entre os quaes mal se enxergavam as cruzes

vermelhas pintadas nas cimeiras dos portugueses. Dous cavalleiros, porém, com vulto feroz, os olhos turvados de colera, e as armaduras crivadas de golpes, sustinham todo o peso da batalha. Eram estes o Espadeiro e Mem Moniz. Quando o fronteiro assim os viu offerecidos a certa morte, algumas lagrymas lhe caíram pelas faces, e, esporeando o ginete, com a espada erguida, abriu caminho por entre infiéis e christãos e chegou aonde os dous, cada um com seu montante nas mãos, faziam larga praça no meio dos inimigos.

«Bem vindo, Gonçalo Mendes! — disse Mem Moniz. — Quizeste assistir comnosco a esta festa de morte? Vergonha era, de feito, que estivesses fazendo teu passamento, com todo o repouso, deitado lá na çaga, emquanto eu, velha dona, espreito os mouros com meu sobrinho juncto desta lareira...»

«Implacaveis sois vós outros, cavalleiros de Riba-Douro, — respondeu o Lidador em voz sumida — que não perdoaes uma palavra sem malicia. Lembra-te Mem Moniz de que bem depressa estaremos todos diante do justo juiz.»

«Velhos sois; bem o mostraes! — acudiu o Espadeiro. — Não cureis de vans porfias, mas de morrer como valentes. Demos nestes per-

ros, que não ousam chegar-se a nós. Ávante, e Sanctiago!»

«Ávante, e Sanctiago! — responderam Gonçalo Mendes e Mem Moniz: e os tres cavalleiros deram rijamente nos mouros.

8

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mez de julho de 1170 se deram na veiga da frontaria de Béja, notá-los-ha de fabulas sonhadas; porque nós, homens corruptos e enfraquecidos por ocios e prazeres de vida afeminada, medimos por nosso animo e forças as forças e o animo dos bons cavalleiros portugueses do seculo XII; e todavia, esses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e chronicas, tanto christans como agarenas.

Depois de deixar assignadas muitas armaduras mouriscas, o Lidador vibrara pela ultima vez a espada e abrira o elmo e o craneo de um cavalleiro arabe. O violento abalo que experimentou fez-lhe rebentar em torrentes o sangue da ferida que recebera das mãos de Almoleimar e, cerrando os olhos, caíu morto ao pé do Espadeiro, de Mem Moniz e de Affonso Hermigues de Bayão, que com elles

se ajunctara. Repousou, finalmente, Gonçalo Mendes da Maia de oitenta annos de combates!

Já a este tempo christãos e mouros se haviam descido dos cavallos e pelejavam a pé. Traziam-se assim á vontade, e recrescia a crueza da batalha. Entre os cavalleiros de Béja espalhou-se logo a nova da morte do seu capitão, e não houve alli olhos que ficassem enxutos. O despeito do proprio Mem Moniz deu logar á dor, e o velho de Riba-Douro exclamou entre soluços:

«Gonçalo Mendes, és morto! Nós todos quantos aqui somos, não tardará que te sigamos; mas ao menos, nem tu, nem nós ficaremos sem vingança!»

«Vingança!» — bradou o Espadeiro, com voz rouca, e rangendo os dentes. Deu alguns passos e viu-se o seu montante reluzir, como uma centelha em céu procelloso.

Era Ali-Abu-Hassan: Lourenço Viegas o conhecera pelo timbre real do morrião.

9

Se já vivestes vida de combates em cidade sitiada, tereis visto muitas vezes um vulto negro que em linha diagonal corta os ares,

sussurrando e gemendo. Rapido, como um pensamento criminoso em alma honesta, elle chegou das nuvens á terra, antes que vos lembrasseis do seu nome. Se encontrou na passagem angulo de torre secular, o marmore converte-se em pó ; se atravessou, pelas ramas de arvore basta e frondosa, a folha mais virente e fragil, o raminho mais tenro é dividido, como se, com cutelo subtilissimo, mão de homem lhe houvera cerceado attentamente uma parte; e, todavia, não é um ferro açacalado : é um globo de ferro ; é a bomba, que passa, como a maldicção de Deus. Depois, debaixo della, o chão achata-se, e a terra espadana aos ares ; e, como agitada, despedaçada por cem mil demonios, aquella machina do inferno estoura, e de roda della ha um zumbir sinistro : são mil fragmentos ; são mil mortes que se derramam ao longe. Então faz-se um grande silencio, e após o silencio vêem-se corpos destroncados, poças de sangue, arcabuzes quebrados, e ouvem-se o gemer dos feridos e o estertor dos moribundos.

Tal desceu o montante do Espadeiro, boto já dos milhares de golpes que o cavalleiro tinha descarregado. O elmo de Ali-Abu-Hassan faiscou, voando em pedaços pelos ares, e o ferro christão esmigalhando o craneo do in-

fiel, abriu-o até os dentes. Ali-Abu-Hassan caíu.

«Lidador! Lidador!» — disse Lourenço Viegas, com voz comprimida. As lagrymas misturavam-se-lhe nas faces com o suor, com o pó e com o sangue do agareno, de que ficou cuberto. Não pôde dizer mais nada.

Tão espantoso golpe aterrou os mouros. Os portugueses seríam já apenas sessenta, entre cavalleiros e homens d'armas: mas pelejavam como desesperados e resolvidos a morrer. Mais de mil inimigos juncavam o campo, de envolta com os christãos. A morte de Ali-Abu-Hassan foi o signal da fugida.

Os portugueses, senhores do campo, celebravam com prantos a victoria. Poucos havia que não estivessem feridos; nenhum que não tivesse as armas falsadas e rotas. O Lidador e os demais cavalleiros de grande conta que naquella jornada tinham acabado, atravessados em cima dos ginetes, foram conduzidos a Béja. Após aquelle tristissimo prestito, íam os cavalleiros a passo lento, e um sacerdote templario, que fora na cavalgada, com a espada cheia de sangue mettida na bainha psalmodeava em voz baixa aquellas palavras do livro da Sabedoria:

«*Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tangent illos tormentum mortis.*»

O PAROCHO DA ALDEIA

(1825)

PROLOGO

Como a philosophia é triste e arida!

As vezes, na primavera, o vento norte atira-se pelas encostas, tombando dos visos da serra, como se uma intelligencia vivesse nelle, intelligencia de maldade e destruição. De noite e de dia, os troncos das arvores torcem-se e gemem, as ramas despedaçam-se a açoutá-los, envoltas nos braços longos e flexiveis da ventania: o demonio do septembrião sibilla no meio dellas um zumbido entre de lamento e d'escarneo. Debalde o bosque estende saudoso por um momento os seus mais altos raminhos para o sol, que se vai alevantando no oriente: a rajada despega de novo da cumiada da montanha: o bosque curva-se para o meio-dia; e, galgando por cima daquellas mil frontes inclinadas das plantas gigantes, das rainhas magestosas da vegetação, os turbilhões da atmosphera agitada rolam pela planicie, cuberta já de relva entresachada das primeiras florinhas.

Então, relvas e florinhas murcham, esmagadas pelas mãos da procella, que tudo alcançam, fustigam e desbaratam. Os carvalhos frondosos e as boninas rasteiras, com a fronte pendida para a terra, como outros tantos symbolos do desalento, não ousam erguê-la para o céu. E' que rugindo, a ventania cai da montanha em perenne catadupa. A's vezes, como por brinco infernal, o vento finge adormecer um instante, e depois remoinha, e apruma os topos das arvores e as corollas das flores, mas é para logo as vergar com mais força e apupar com o silvo insolente aquella rapida esperança, que se desvaneceu tão breve.

E quando o vento acalma, é para saltar ao poente ou ao sul. A rajada já não silva da montanha: uma bafagem tepida vem da banda do mar; mas o céu está toldado, e o ar humido: o dia passa melancholico e pesado sobre a bonina que a nortada açoutou: ella não pôde saudar o sol no oriente: está pendida e murcha como a ventania a deixara. A noite vem encontrá-la numa especie de torpor, que é existir, mas que não é vegetar, e ainda menos viver.

Como a florinha do campo, a alma por onde passou a procella da philosophia, esse turbilhão transitorio de doutrinas, de systemas, de

opiniões, de argumentos, pende desanimada e tristonha; e na claridade baça do scepticismo, que torna pesada e fria a atmosphera da intelligencia, não póde aquecer-se aos raios esplendidos do sol de uma crença viva.

Com Kant, o universo é uma duvida: com Locke, é duvida o nosso espirito: e num destes abysmos vem precipitar-se todas as antologias.

Como a philosophia é triste e arida!

A arvore da sciencia, transplantada do Eden, trouxe comsigo a dor, a condemnação e a morte; mas a sua peor peçonha guardou-se para o presente: foi o scepticismo.

Feliz a intelligencia vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião além da morte, sem que um momento vacille, sem que um momento a luz se apague ou a esperança se desvaneça! Para ella não ha abraçar-se com a cruz em impeto de agonia, e clamar a Jesus: — «Creio, creio, oh Nazareno! Creio em ti, porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso; porque, filho da raça soffredora e austera chamada o povo, eras meu irmão, e não podias, tão bom, tão singelo, tão puro, enganar teu pobre irmão. Creio, creio, oh Nazareno! porque até a hora do expirar

na ignominia, até a hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina. Creio, creio, oh Nazareno! porque tu só nos explicaste o mysterio desta associação monstruosa da saude e do ouro, do poderio e dos crimes a um lado; da enfermidade e da pobreza, da servidão e da innocencia a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compensavam além do sepulchro. Creio, creio, oh Nazareno! porque só tu soubeste revelar a consolação á extrema miseria sem horisonte, e os terrores á completa felicidade sem termo na vida, collocando no logar do destino a Providencia, e do nada a immortalidade! Creio, creio, oh Nazareno! porque a intensidade do teu viver é um impossivel humano; a victoria da tua doutrina severa, contra a philosophia e o paganismo, um milagre; a gloria do teu nome de suppliciado maior que todas as glorias das mais altas e virtuosas existencias do mundo. Mas foste, na verdade, um Deus?»

Não, o animo vulgar que nunca vacillou na fé, que nunca discutiu o verbo, que nunca julgou o Christo, possuido do insensato orgulho da sciencia, esse não sabe a dolorosa oração do que pede a Deus o crer; ignora quanto fel encerra a interrupção continua de cada phrase, de cada palavra daquelle tormentoso orar;

ignora o que é atirar-se aos pés da cruz por um impulso quasi phrenetico do coração, sentir a voz gelida, pesada, cruel do entendimento dizer-lhe tranquillamente — «*quem sabe!*» — e caír desanimado no lethargo da duvida, d'onde muitas vezes bem tarde se alevanta o espirito, opprimido e quebrado, porque nelle pelejaram horas largas o instincto religioso e o demonio implacavel a que chamam sciencia.

A sociedade é bem injusta, quando ás faces do desgraçado, que assim lucta comsigo mesmo, sacode o lodo da injuria, dizendo-lhe: — «hypocrita!» — porque escondeu aos que o rodeiam, não as certezas, que não as tem, mas as duvidas terriveis da intelligencia, e lhes revelou só as aspirações, os desejos, as saudades do coração! — Hypocrita?! Tanto como o que, havendo-se transviado da estrada e caído em fogo profundo, dorido, cuberto de pisaduras e feridas, e ensanguentando as mãos e o rosto nos silvados do despenhadeiro, lidasse por saír delle e voltar ao caminho suave e plano, e bradasse aos que visse ao longe: — «não vos affasteis para aqui!» — Hypocritas são aquelles que mentem aos que os escutam; que simulam a paz do descrer tranquillo, quando vai lá dentro o tumultuar das incertezas. Como Satanás, elles dizem que o inferno

é o céu; dizem que a irreligiosidade tem o segredo do repouso e da ventura, quando o que ella dá é inquietação e desesperança.

Feliz a alma vulgar e rude que crê e nem sequer sabe que a duvida existe no mundo! Está certa de que, além da morte, ha vida; conhece as suas condições; conhece-as como lh'as ensinaram, como conhece as condições dos corpos. Para ella as noites não têm os pesadellos monstruosos, nem os dias as meditações febris em que o sceptico involuntario se debate na orla do possivel, que toca por um lado nas solidões do nada, por outro na immensidade de Deus.

Mas ainda mais feliz a intelligencia superior ás do vulgo, aquella que a Providencia destinou á missão do poeta, nos annos da infancia e da juventude, antes que o bafo arido da sciencia a queimasse passando por cima della! Nesse espirito e nessa idade, a religião não está só nos preceitos e nos dogmas; está na natureza inteira. A alegria de Deus, o aspirar das fragrancias celestes, a toada suavissima dos hymnos dos anjos descem a ella nos raios do sol, quando nasce e quando desapparece; tremolam no espelhar-se da lua nas aguas; misturam-se no cicío das arvores; entretecem-se com os mil gemidos da noite; vivem

nas affeições domesticas, e sanctificam o primeiro bater do coração pelo amor. Tudo então é viçoso e puro; porque a alma poetica lhe empresta viço e pureza. As harmonias moldadas, na virilidade, pelas leis das linguas e das escholas são apenas um eccho frouxo desses canticos da meninice e da primeira mocidade, que se evaporam sem se escreverem, que são um oceano de delicias ineffaveis, em que se embalam mollemente a imaginação e o sentir do homem a quem o mundo ha-de chamar poeta. Nessa epocha da vida, elle não abstrahe do real para salvar verdadeira e intacta a sua idealidade: faz mais; derrama esta, que é a seiva intima do seu viver, pelo universo, e converte-o numa cousa formosa, sancta, ideal, que o mundo está bem longe de ser.

Depois vem outra epocha da vida, em que a felicidade é mentida, mas ainda é felicidade, postoque já eivada de vaga inquietação, de ambições desregradas, de esperanças mesquinhas e contradictorias. São os annos que precedem e seguem immediatamente os vinte. Abrem-se ante nós os caminhos do mundo, como uma conquista. Gloria d'artistas, poderio, opulencia, acções generosas e grandes, amor sem termo, amizade sem perfidias, vida multiplicada indefinidamente pela infinidade de

fectos; que ha, emfim, que não sonhemos nessa epocha de fervente loucura? A innocencia morreu, a poesia intima e crente desbaratou-se, o sentimento religioso esmoreceu; mas ficam os deleites dos sentidos, que nos embriagam; os applausos das multidões aos nossos hymnos descórados, que ellas ainda julgam sublimes e esplendidos; applausos que nos desvairam: fica-nos uma philosophia orgulhosa e insensata, que se crê profunda, uma sciencia superficial, que se crê completa, pela qual dormimos tranquillos sobre a negação de todas as idéas mysticas e de todas as lembranças de Deus.

Desta idade em diante é que chega o desfazer das illusões, até das illusões do orgulho. A poesia suave e pura da infancia e da puberdade passou: passa tambem o iris das paixões férvidas, das ambições insaciaveis, da crença na propria energia. Começa então o pardo crepusculo deste scepticismo, que, semelhante a herpes lentos, vai lavrando por todas as nossas opiniões e affectos e os prostra o subjuga. Desde essa epocha, a vida tem largas horas de tedio, em que o existir é uma carga pesada; porque nos falta alicerce em que possamos firmar-nos; porque fluctuamos sobre as nevoas densas do duvidar de tudo. O materialismo incredulo já tirou das phases

espirituaes dos altos engenhos argumento contra a immortalidade. Com a sua logica miope, persuadiu-se de que via as enfermidades e a decadencia da alma acompanharem as enfermidades e a decadencia do corpo; que via o entendimento cachectico esmorecer com a decrepidez; quiz que elle, na morte, ficasse perdido e annullado entre as cinzas da sepultura. Se o materialismo soubesse que a vida das summas intelligencias é a poesia, e que essa vida segue a ordem inversa do desenvolvimento physico; se conhecesse que a energia intima tem o seu apogeu nos annos debeis da infancia, e começa a desvanecer-se quando os orgãos se fortalecem, elle não teria achado a explicação do phenomeno nas suas tristes doutrinas. Nos destinos eternos dos homens iria encontrar a razão desse facto, que então veria á sua luz verdadeira. Os olhos da alma vão-se pouco a pouco ennevoando no meio das trévas do mundo: nesta atmosphera grosseira e corrupta, ella resfolga a custo, e, com o diminuir dos alentos, diminuem-se-lhe successivamente os brios. Cada dia lhe desfolha um affecto, lhe discute uma crença, lhe mata uma esperança, lhe traz um desengano cruel. Entre o espirito e o mundo quebraram-se, um a um, todos os laços

Vós credes que a mente se definha, e ella apenas dormita para despertar vigorosa ao sol da eternidade, que rompe atrás do sepulchro.

Tomae-me esse octogenario tonto que foi um alto engenho: cavae no deserto do seu coração gasto e frio, e arrancae-me de lá uma daquellas paixões que ardem até o ultimo instante da existencia: vibrae uma corda das que lhe davam na idade viril um som estridente: dizei-lhe: — «teu filho querido foi arrastado ao tribunal como criminoso; espera-o o supplicio, se não houver uma voz eloquente que o defenda. Se ella se erguer, será salvo; e tu foste na mocidade o mais eloquente dos homens!» — Dizei-lhe isto, e vereis esse engenho que credes moribundo, atirar-se, como um tigre, ao meio dos juizes e achar toda a energia dos vinte e cinco annos para defender aquella vida que a natureza ligou á sua pelas harmonias mysteriosas da paternidade. Se as palavras, se o orgão extenuado da linguagem não podér exprimir o pensamento daquella alma remoçada subitamente, o gesto, o olhar, os meneios substituirão a lingua, e se, cansados e debeis, não bastaram á violencia da idéa, o espirito despedaçará o quasi cadaver e, despedindo-se da terra, provará que, se dormita-

va, não se extinguia e que, despertando, partia o vaso fragil que já não o podia conter.

Tal é o destino da intelligencia neste breve desterro : dous dias conserva as recordações verdadeiras e puras da sua origem immortal: outros dous alumia-se com o fogo fatuo das paixões e esperanças : o resto delles revolve-se na lucta tormentosa das idéas, dos affectos, dos desenganos : depois vem o dormitar da velhice e a regeneração da morte.

Eu, que já vou aquem do marco onde começa o terceiro periodo da vida humana, a sós, ás vezes, com as minhas recordações infantis, ponho-me a comparar o aspecto prosaico e triste que tem actualmente para mim o universo com as fórmas suaves e poeticas em que elle me apparecia envolto desses tempos dourados. E' uma comparação amarga; mas a saudade que encerra consola do seu amargor.

Hoje, a lua no crescente alevanta-se ao anoitecer de um dia sereno de estio e estende o manto de lhama de prata sobre a face levemente crespa das aguas. Os seus raios, transparecendo por entre o verdenegro das copas do arvoredo, que se balouçam somnolentas, descem trémulos sobre o chão pardo e mosqueiam-lhe a superficie, semelhante, depois

disso, a dorso de panthera. A viração tenuissima da tarde passa e murmura um cicío quasi imperceptivel na folhagem. Em volta do circulo alvacento que o luar esparge no céu, scintillam raras estrellas no azul do firmamento, que parece o leito recamado de saphiras em que se reclina a rainha da noite.

Ha quinze ou vinte annos, noite tal como esta tinha para mim um sem numero de mysteriosas harmonias, que eu não sabía explicar, mas que sabía sentir. Agora sei dizer-vos o que é a lua, a sua luz refracta, a noite, a viração, o vulto das aguas encrespadas, as estrellas e as solidões do espaço; mas o que já não sei é verter as lagrymas de ineffavel contentamento que, outr'ora, se me escoavam tepidas pelas faces, contemplando as harmonias immateriaes e intimas que vagavam pela atmosphera tranquilla, como ecchos longinquos de harpa angelica, rolando de astro em astro, até se derramarem na terra!

Dae-me uma nota só dos canticos que eu então escutava; dar-vos-hei em troca toda a minha estupida e inutil sciencia!

Mas essa epocha da vida não voltará mais, porque não póde retroceder uma unica onda do rio impetuoso do tempo! Depois da taça do mel esgotada, resta a do absinthio. Que se

resigne e espere aquelle que vai devorando os dias da duvida e do desalento. Chegará a hora de renascer para a poesia e para a certeza: será a da morte. A Providencia foi ainda generosa comnosco, consentindo-nos que, a espaços, affastemos dos labios o calix do fel, e deixando que nesses momentos rasguem o nosso longo e tedioso crepusculo alguns raios transitorios de luz. A memoria é o instante de repouso, e a saudade o clarão enorme que nos illumina.

Recordar-se — consolar-se.

I

A aldeia e o presbyterio

Uma das cousas que, nas recordações da juventude, ainda espiram para mim poesia e saudade é a imagem de um velho prior d'aldeia que conheci na minha meninice. Hoje, tão bondosos, tão alegres, tão veneraveis, ha-os por certo ahi, e muitos: eu é que não sei conhecê-los. A auréola que então rodeava as cans do sacerdote ancião desvaneceu-se pouco a pouco; desvaneceu-a a experiencia do mundo, como tantas mil crenças e imaginações de outr'ora! Elle morreu já, por certo; mas, vivo que fosse, eu não sentiria ao vê-lo, ao falar-lhe, aquella especie de alegria timida, de confiança receosa que nesse tempo o bom do velho me inspirava. Parecia-me que, estando ao

pé delle, estava mais perto de Deus, cujo valído, por assim dizer, era o padre prior. Não sabía o sacerdote essa lingua que eu cria falar-se no céu, o latim, cousa então para mim mysteriosa e sancta? Não trajava, ás vezes, os trajos da corte celeste, o amicto, a casula, o pluvial, com que estavam vestidos alguns vultos de anjos pintados em tres ou quatro antiquissimos quadros do presbyterio? Quando, nas suas practicas, depois da missa do dia, narrava os gosos da bemaventurança, os tormentos do purgatorio e os tractos intoleraveis do inferno, não juraria qualquer que elle já peregrinara largos annos além do sepulchro, ou que voz de cima lhe revelava tantas maravilhas e tão solemnes terrores? Evidentemente o velho clerigo estava mais perto dos degraus do throno divino que toda a outra gente, e, por me servir da linguagem politica, exercia em nome do céu uma delegação na terra; era uma especie de *missus dominicus* da Providencia. E quando elle, apesar dos meus tenros annos, me escolhia para acolyto, para estafar a porção de latim do missal que as rubricas inexoraveis subtrahiam ao seu imperio, sorriam-me as esperanças, algum tanto vaidosas, de obter de Deus deferimento ás minhas pretensões infantis, como costumam sorrir ao

requerente a quem deputado de grande conta mostra familiaridade na presença de omnipotente ministro.

Hoje, o latim do padre prior parecer-me-hia um tanto barbaro e, talvez, barbarissima a sua prosodia: nas vestes sacerdotaes acharia os trajos romanos do imperio, atravessando, immutaveis como a igreja, por entre as transformações da moda e do luxo; nos quadros do presbyterio riria da ignorancia e do mau gosto do pobre pintor; e nas descripções das venturas e dos tormentos da outra vida descubriria unicamente uma incarnação grosseira em imagens materiaes das revelações profundas do espiritualismo christão. E' que nesse tempo tudo me chegava aos olhos da alma alumiado, risonho, variegado, porque tudo transparecia através de um prisma de sete cores, da innocencia singela e credula da infancia, e que hoje tudo me parece, como a folha que caíu da arvore no outono, murcho e desbotado, passando através da atmosphera nevoenta e triste da sciencia e do orgulho. Então, o velho parocho affigurava-se-me mais que um homem; hoje, na escala das desegualdades humanas, provavelmente só acharia para elle um bem modesto logar.

A aldeia em que o bom do clerigo pasto

reava o seu rebanho espiritual estava assentada na falda de um monte, e pouco inferior a ella dilatava-se uma veiga, que, ao longe, lá bastante ao longe, ía bater no mar. No alto da povoação ficava o presbyterio. Era a igreja, segundo hoje se me affigura (e tenho-a bem presente), daquelle gosto duvidoso entre a architectura christan, que expirava, e a da restauração romana, que ainda se não comprehendia: era um desses templosinhos construidos no fim do reinado de D. Manuel e durante o de D. João III, de que tão grande numero resta ainda pelas parochias de Portugal, e que são mais um argumento de que os nobres conquistadores da India, donatarios das terras e padroeiros das igrejas, não voitam do oriente com as mãos vazias. A devoção nesses tempos era objecto de luxo: edificar uma igreja ou uma capella equivalia a ter hoje camarote em S. Carlos ou cocheiro com estrigas de linho na cabeça e chapéu triangular.

A portada da igreja, de arco tricentrico firmado em pilares polystylos de meio relevo, era o mais claro testemunho da idade provecta do presbyterio. A residencia parochial, originariamente no mesmo estylo, estava já civilisada. Uma porta rectangular substituira a antiga. Esquadriadas estavam, tambem, as

duas janellas do sobrado, de differentes dimensões e affastadas uma da outra, e nos seus postigos da esquerda via-se o moderno conforto das vidraças. Não quero dizer com este elogio á morada do padre prior que a igreja tinha resistido, teimosa como velho caturra, aos progressos da civilisação. Pelo contrario. Estava mais alindada ainda. Uma irmandade, ou não sei quem, que entendia na fabrica, havia pintado de ochre tudo o que era pedra, de vermelhão tudo o que era azulejo. As camaras municipaes das grandes cidades, os conegos das collegiadas e sés ainda não passaram do ochre, e uma pobre irmandade da aldeia já tinha, ha vinte annos, vencido a méta a que apenas hoje chegam o municipio e a cathedral.

O que, porém, escapou ao ochre e ao vermelhão dos mesarios do burgo foram dous seculares e formosos plátanos que sombreavam o portal do presbyterio. Na febre amarella, que grassa tão furiosa pelo senso esthetico dos nossos magistrados populares e das nossas dignidades ecclesiasticas, admira que tenha esquecido estender o beneficio da caiadura gemada aos troncos rugosos e carrancudos das velhas arvores que rodeiam os edificios ou as praças. Verdade é que todos os dias algu-

ma desaba sob os golpes do machado. Isto é melhor. Mas porque não haveis de remoçar as que vão escapando com as lindezas e alegrias canonico-municipaes?

Bellos e veneraveis eram os dous plátanos. O adro, cubriam-no todo com as suas sombras fechadas, e só pela volta da tarde, principalmente no outono, é que algumas resteas açafroadas do sol no poente se estiravam por debaixo delles e lá íam bater frouxas no limiar da igreja, pulido do continuo perpassar, e na porta de um vermelho desbotado, onde nesse tempo começavam a alvejar os remendos brancos com que as revoluções converteram os áditos dos templos em pelourinhos eleitoraes.

Á entrada do adro alevantava-se uma grande cruz de madeira pintada de preto, em cuja haste mãos devotas tinham atado um ramo de flores, e este ramo, no meio do qual havia um pé de perpetuas, era a imagem das vaidades do mundo ao redor da religião do Calvario, immutavel no meio dellas. As outras flores tinham-nas mirrado os ardores do estio: só restavam do morto ramilhete as immarcessiveis perpetuas.

Era num poial que servia de base á cruz, onde, áquella hora do pôr do sol, o padre prior vinha muitas vezes assentar-se; e alli

estava tempo esquecido, ora alongando os olhos pelas solidões do mar, que lá em baixo no fundo do extenso valle quebrava nas rochas, ora traçando attentamente na terra, com a sua grande bengala de castão de marfim, diversas figuras, se geometricas, não o sei dizer, porque hoje não creio tanto na geometria do padre prior, como então cria nas suas terriveis revelações do outro mundo tiradas do *Speculum Vitae*. O que, porém, eu sentia melhor do que hoje, sem então o saber explicar, era a suave e profunda poesia que respirava esse quadro do velho sacerdote juncto do symbolo religioso, áquella luz moribunda da ultima hora do dia, em que uma certa saudade melancholica vem, como precursora da noite, pousar-nos sobre o coração. Não o imaginava nesse tempo, mas imagino agora por onde vaguearia a mente do velho clerigo, emquanto a bengala ía de um para outro lado, cruzando linhas tortuosas e incertas. Os ultimos instantes de moribundo, os quaes elle tinha adoçado com as consolações da fé; a esmola tirada da escaça congrua para enxugar lagrymas de viuvas e de orphãos; os conselhos paternaes dados á mocidade, salva assim por elle de largos dias de remorsos e amargura; os odios convertidos em perdão entre inimigos; as dis-

sensões domesticas pacificadas pela conciliação do pastor; todo o bem, emfim, que, por trinta ou quarenta annos, elle havia semeado na aldeia, desde as ultimas casinhas de colmo que alvejavam caiadas na orla pallida dos campos até o altar do presbyterio, fructificava, talvez, ante os olhos da sua alma, nesses momentos de extasi, em rica seara de esperanças, cujos fructos enthesourava no céu. Depois, a cruz hasteada juncto delle lhe viria lembrar o nada das diligencias que empregara, dos sacrificios que fizera para verter algum balsamo de ventura nas chagas dolorosas da vida; para remir da perdição as ovelhas transviadas do pobre rebanho que lhe fora confiado. A cruz negra, no seu eloquente silencio, contava-lhe sacrificios infinitamente mais arduos que os delle, feitos, não em proveito de uma aldeia ou de um povo, mas para remir o genero-humano. Por isso eu lhe via, ás vezes, deixar pender a fronte calva sobre o peito, ou tomar-lhe o rosto uma expressão singular, inexplicavel nessa epocha para mim, mas que era o desalento que lhe gerava no espirito a desanimadora comparação das suas acções com as do Suppliciado do Calvario, ao qual tomara por modelo e que jurara imitar. Muitas vezes, espantava-me de que se conservasse assim

engolfado em seus pensamentos até que o sino das ave-marias o vinha despertar; e na minha alegria pueril, vendo-o tão triste e carrancudo, pensava comigo que o padre prior se ía tornando com a idade tonto e aborrido. Todavia, era que o bom do velho, nesses momentos de meditação, volvia atrás os olhos para os caminhos da sua vida, onde esperava achar alguns vestigios brilhantes de obras virtuosas; mas esses caminhos, sumidos na penumbra da cruz, não os percebia, senão como uma nuvemsinha escura e duvidosa através da luz immortal das virtudes e dos beneficios de Christo.

Ao tocar, porém, das ave-marias todas aquellas imaginações desconsoladas, se elle as tinha, como hoje creio, desappareciam por um movimento habitual do espirito e do corpo; este para se erguer, aquelle para orar. Sobraçada a bengala, em pé, com as mãos postas, segurando ao mesmo tempo entre ellas o seu chapéu de tres ventos, com a cabeça um pouco inclinada para o chão, o padre prior murmurava em voz baixa aquella tão poetica oração do despedir do dia. Os trabalhadores, que voltando das fadigas do campo acontecia passarem por ahi nessa occasião, descubriam-se, tambem, e, encostando-se ao ancinho ou á

enxada, punham as mãos e resavam, até que o reverendo, acabando os latinorios, que elles íam repetindo em vulgar, lhes dizia: — «Boas noites, rapazes, vá a cubrir.» — E os ganhapães cubriam-se, respondendo: — «Guarde-o Deus, padre prior.» — E partiam: e elle assentava-se outra vez a olhar para o poente, onde o sol, que se affundira no mar, deixava entre si e a noite, que se precipitava após elle das alturas do céu, uma barra de vermelhidão e ouro, estirando-se para um e outro lado do horisonte, como se tentasse embargar o caminho ás trévas. E alli estava scismando, até que a tia Jeronyma alçava meia adufa de uma janella baixa, que dava claridade á cozinha, e o chamava para a ceia, ao que promptamente obedecia; porque cumpre advertir que o padre prior não só respeitava á carga cerrada todas as tradições do catholicismo romano, mas tambem a sabedoria tradicional do povo, que, neste capitulo da ceia, resa que deve ser comida sem sol, sem luz e sem moscas, momento fugitivo do expirar do dia, que não consta deixasse jámais passar por alto a boa tia Jeronyma.

Nunca me ha-de esquecer aquella hora na aldeia, nem a luz crepuscular da atmosphera, nem as gelosias dos aposentos inferiores da residencia parochial, nem a [illegible]

tia Jeronyma, que teria proporcionado mais um capitulo a Chateaubriand sobre a poesia das usanças christans, se esse illustre escriptor houvesse uma vez saboreado as filhós que ella compunha para celebrar o carnaval — e os seus bolos da Natividade — e a sua ôlha e o seu anho assado da Paschoa. Não! — Saudades de tudo isso, durante a minha vida inteira, em qualquer fortuna, no meio das mais graves cogitações, nunca hei-de affastar-vos impaciente, quando vierdes, como creança travessa, baralhar-me um periodo de trabalhada prosa ou aleijar-me com um verso parvo uma estrophe soffrivel. Vinde, meus amores antigos, que para vós esta fronte não saberá arrugar-se; esta boca não terá esses monosyllabos duros e gelados com que se repellem importunações d'indifferentes. Vinde, e demorae-vos comigo, e palrae por uma hora, por um dia, por uma semana; que vos escutarei sempre sorrindo. E quando for ao solposto, que os ouvidos da minha alma vos ouçam reproduzir vivas, harmoniosas, melancholicas as lentas badaladas das ave-marias, não, como agora as ouço ás vezes, no meio do ruído confuso, aspero, estridente do povoado, mas partindo da aldeia ainda deserta dos seus moradores, rolando pela veiga, espreguiçando-se

pelo prado, rumorejando pelas quebradas da encosta ou pelo pinhal do cabeço, e indo morrer, lá muito ao longe, nas toadas duvidosas de uma cantiga de lavadeiras, ou no tinir das esquilhas de um rebanho de ovelhas, que se encaminham para o curral ao sibillar do pastor. Repeti-m'as assim, puras, campestres, vibradas num ar puro e sonoro, livres por um horisonte immenso, e ter-me-heis despertado um affecto consolador, o qual valerá mais que todas as ambições, que todos os contentamentos, que todas as esperanças do mundo.

Têm-se discutido os sinos, como se discute quanto ha no universo. Desde a existencia objectiva ou material deste mundo até a legitimidade do chocalho pendurado ao pescoço da cabra, retouçando pelas ruas de qualquer capital, que resta ainda ahi para se lhe trazerem á praça os prós e os contras? Das definições possiveis do homem uma só é verdadeira: o homem é o animal que disputa. Os sinos têm tido amigos e inimigos: e porque? Pela mesma razão porque sobre tudo ha duas opiniões contradictorias. É que tudo tem duas faces diversas. O vento sul é meigo para a arvore que viceja no recosto septemtrional da montanha, e açoute da que vegeta no pendor opposto: o norte é o supplicio da primeira, e

grato para a segunda. Nisto está cifrada a historia das contradicções humanas.

Os sinos, collocados em campanario de parochia aldean ou de mosteiro solitario, são uma cousa poetica e sancta: os sinos, pendurados nas torres garridas das garridissimas igrejas das cidades de hoje, são uma cousa estupida e mesquinha. O sino é um instrumento accorde com as vastas harmonias das serras e dos descampados. Assim como o orgam foi feito para reboar pelas arcarias profundas de uma cathedral gothica, para vibrar na atmosphera mal alumiada pelas frestas estreitas e ogivaes, do mesmo modo o sino foi perfilhado pelo christianismo para convocar os seus humildes sectarios occupados nos trabalhos campestres. Quando se associou o sino ao culto? Ignoramo-lo: ignoramo-lo, porque foi a religião serva e perseguida que o sanctificou; e quando os poderosos da terra a acceitaram para si, então entrou elle nas cidades suberbas. Lá, converteu-se numa cousa insignificante e impertinente. E' mais um ruído intoleravel para ajunctar aos outros ruídos discordes que troam por essas ruas e praças. O sino, tornado cortesão e fidalgo, é semelhante ao orgam trazido para o aposento do baile, ou, o que vale quasi o mesmo, para es-

sas salas ao divino, essas igrejas sem cans, bonitas, vaidosas, douradinhas, que insensatos edificam para as admirações de parvos.

E com estas digressões esquecemo-nos do padre prior. Não importa. Deixá-lo cear em paz e resar o breviario. Eram estas, entre outras, duas phases graves e serias de todos os seus dias. Depois, emquanto a velha Jeronyma punha em ordem a casa, elle pegava em um livro da pequena estante que lhe ficava á cabeceira e lia ou uma lenda pia do Flos-Sanctorum de Rosario ou um tracto daquellas grandes historias de Fr. Bernardo de Brito, até que o somno tranquillo de boa e san consciencia, apertando-lhe com os dedos rosados as palpebras, o entregava aos sonhos placidos que só a alvorada vinha interromper, quando perigo imminente de alguma das suas ovelhas o não obrigava a erguer-se alta noite, ao som do resmungar malsoffrido e, até certo ponto, impio da tia Jeronyma. No horisonte limpo e sereno destas duas vidas innocentes, destes Philemon e Baucis celibatarios, que, amparados um ao outro, íam peregrinando contentes para o sepulchro, havia um ponto negro e triste. O rendimento da parochia não consentia que o padre prior *possuisse* essa especie de ilota *in sacris*, de servo de gleba sacerdo-

tal, chamado o padre cura. As ventanias, as chuvas, as noitadas através das serras revertiam inteiramente, como a congrua e os benesses, em beneficio, senão do corpo, ao menos da alma do reverendo prior.

A sua congrua era maravilhosamente estitica: o grosso dos dizimos da parochia jogava-os á risca todas as noites em tertulias um digno commendador não sei de que ordem. Ai, que a extincção dos dizimos foi a morte da religião!

II

Noitadas parochiaes

A vida do velho prior passava, na verdade, dura e trabalhosa! Como todas as cousas deste mundo, o egoismo da tia Jeronyma não era acabado e completo, ou, para falarmos em estylo de philosophia fidalga, não era absoluto. O limitado e o imperfeito são o signal que o Creador estampou na fronte do homem e na face da terra, para nos recordar a todo o instante a nossa origem; é a barreira que elle alevantou diante deste grande mysterio de energia e de audacia chamado a intelligencia Sabedoria, força, paixões, affectos, tudo tem um horisonte commensuravel; horisonte para as virtudes, como para a dor. O espirito mede e abrange o que ha mais vasto e profundo,

os ermos, os mares, o coração humano; porque ao cabo disso tudo está o finito. Immensa, eterna, absoluta só ha uma idéa, que está fóra do universo. Esta é a idéa de Deus.

Por isso, grande é tão-sómente Deus!

Mas, dizia eu que o egoismo da tia Jeronyma era incompleto: digo mais; era incompletissimo. Quando o sacristão vinha, alta noite, quebrar o dormir risonho e variamente resonado do padre prior; quando á voz roufenha do ostiario aldeão, despertando o pastor para ír levar as consolações extremas á ovelha moribunda e tirá-la já, porventura, dos dentes e garras do cão tinhoso, se ajunctava o trovejar ao longe da tempestade, o fustigar da chuva nas vidraças progressivas das meias janellas e o ramalhar da ventania nos dous plátanos do adro, era sem duvida que o resmungar da tia Jeronyma, apparecendo da banda da sua pocilga, com a candeia mortiça na mão e as roupinhas vermelhas do envez, tinha o que quer que fosse repugnante e vil. Pensava, acaso, a boa da velha que a morte não sería tão descortês que negasse ao espirito do pobre moribundo o tempo necessario para poder, ao abandonar o corpo, subir, como chammasinha tenue, e galgar para o céu sobre um raio do sol nascente? Póde ser que sim. Não

sería, porém, antes, que ella preferisse o deixar frigir por alguns seculos nas caldeiras do purgatorio aquella pobre alma christan, largando a sua veste mortal sem os ultimos sacramentos, á necessidade de erguer-se por noite fria e tempestuosa, para tomar nos hombros uma parte da cruz do ministerio parochial? Tambem isto póde ser. O que se passava no abysmo da sua consciencia cousa era que ella não revelava a ninguem; mas, em todo o caso, era um pensamento egoista.

Todavia, é preciso confessar que com elle se misturava um sentimento puro e nobre: dizia-o esse cuidado pressuroso com que a tia Jeronyma trazia as bótas de cor terrea, o berneo de saragoça, o capote de barregana, o chapeirão oleado e a aguardente de ginjas, sem um copo da qual o prior não ousaria transpôr o limiar da porta e investir com as furias de noite procellosa: diziam-no a attenção com que mirava se elle ía agasalhado, e as mil vezes repetidas ponderações hygienicas que lhe fazia com admiravel volubilidade de lingua. A affeição da sancta velha mostrava-se em tudo isso viva e sincera; e o seu resmonear, que, no meio das idas e das voltas e do perguntar e do responder, ía rareando e abatendo, como o assobio do furacão pelo valle, perdia gra-

dualmente a expressão de egoismo e convertia-se pouco a pouco na de um pensamento moral.

E o padre prior callado! — Callado enfiava as bótas; envergava o gabinardo; cubria-se com o capote; punha o amplo sombreiro; enchia um copinho do excellente cordial que a boa da ama lhe havia posto diante; virava-o de um golpe; fazia uma visagem, fechando os olhos com força e estendendo os beiços; dava um estalido com a lingua no céu da boca; exprimia o intimo conforto que nelle gerara o ethereo licor com um brrahhh prolongado; estendia a pequena taça, cheia de novo, ao sacristão, que, mestre nos estylos da cortesia, se curvava, formando com o corpo um angulo obtuso de noventa e cinco graus, desprezadas as fracções, e arqueando o braço, para levar o copo á boca sequiosa, como se curva e arqueia um peralvilho de guedelhas sansimonianas e miolos de agua chilra, ao conduzir, em sala de baile, a deusa dos seus affectos de vinte e quatro horas ao meio do turbilhão doudo e (perdoe-se-nos a blasphemia) um tanto parvo das valsas e contradanças.

Depois, duas palavras magicas saíam da boca do reverendo pastor: — «Até logo!» — O seu effeito era instantaneo: o sacristão, pe-

gando numa lanterna, com as chaves da igreja na mão, encaminhava-se para o adro, seguido do padre prior; a tia Jeronyma fechava a porta após elles; e o tentador, como se estivesse esperando por esse momento, travava-lhe novamente do espirito, e o resmoninhar da impaciencia recomeçava em breve, acompanhado do ranger do linho na roca, e do espirrar da candeia a espaços, e do respiro asthmatico do nédio gato do presbyterio, que, enroscado na lareira, abria de quando em quando os olhos amortecidos e cerrava-os logo com philosophica indifferença, emquanto a tia Jeronyma esperava por seu velho amo, e se lhe apertava o coração, sentindo o temporal que passava lá fóra, e lembrando-se de que o enfermo poderia ter guardado para hora mais decente e commoda a agonia do passamento.

E pela serra fóra, caminho de casal remoto, vai o velho prior: adiante o sacristão com a lanterna e a ambula da extrema-uncção, e elle atrás com o ciborio. As poças de agua reflectem essa debil claridade que as alumia, e fazem um continuo plach, plach, debaixo dos pés dos dous caminhantes, cujo passo apressam as cordas de chuva batida pelos furacões do sudoeste. Os pinheiros, balouçando-se, gemem tristemente, e os enxurros, estrepitando

pelos corregos, tiram com o pinhal uma toada soturna. No céu profundamente negro não apparece uma estrella : na terra, ao longe, bem ao longe, não se descortina uma luz. A natureza debate-se comsigo mesma : tudo dorme, entretanto, nos casaes e na aldeia, salvo o velho parocho e a familia daquelle que em trances mortaes espera o representante de Christo, que lhe traz as derradeiras consolações e esperanças. Entre a philantropia humana e as agonias extremas dos pequenos e humildes a noite e a tempestade ergueram barreira quasi insuperavel : esta barreira desapparece, porém, diante da caridade que a todos nos ensina o evangelho, e que ao parocho impõem, como dever imprescriptivel, a sua missão sacerdotal e o seu caracter de pae dos pobres e affligidos.

A esta mesma hora, em que o velho prior assim vagueava por sendas alpestres exposto ás inclemencias de noite invernosa, talvez em aposento bem resguardado, no fim de ceia opipara, entre as taças cheias de vinhos generosos, no meio de mulheres formosas e voluptuarias, embriagado em todos os deleites dos sentidos, algum famoso espirito forte cirzia remendos das paginas soporiferas d'Holbach ou de Diderot, e dissertava profundamente sobre

a mandriice, egoismo e cubiça do clero, ou carpia a superstição do povo, que, para ser completamente feliz, de nada mais precisa do que abandonar as crenças do christianismo e de amaldicçoar as esperanças de Deus, o conforto unico da sua vida de miseria, de trabalho e de amargura. E, naturalmente, os neophytos daquella triste philosophia extasiavam-se em redor do sabio philantropo, que, impando de iguarias delicadas, de vinhos custosos e de grossa sciencia, só lamentava a ignorancia daquelles a quem muitas vezes faltava então, falta hoje e faltará de futuro um bocado de pão negro para matar a fome; extasiavam-se alli diante da sensualidade e bruteza de um insensato vanglorioso, emquanto a virtude do velho clerigo, exercitada nos desvios dos montes e no silencio da noite, não tinha por testemunhas senão um céu humido e cerrado e o vulto impetuoso e bramidor da ventania, mas que, em vez das lisonjarias de parvos, tinha para o applaudir a voz sincera, consoladora e sancta da propria consciencia.

Havia, porém, no fim de tudo, uma differença entre o homem do evangelho e o da falsa sciencia. Era o systema das compensações. O padre prior, depois de cumprir com o seu dever, voltava ao presbyterio tranquilla-

mente: tirava o capote alagado, despia o gabinardo felpudo, sacudia a uma distancia razoavel as ponderosas bótas e, enfiando-se entre os grosseiros lençoes, atava o fio do somno no ponto em que o deixara e, embalado brandamente por sonhos apraziveis, só acordava sol nado e alto, ao bradar da tia Jeronyma e ao cheiro da açorda fumegante; almoço que, como tudo o que era consagrado pelos seculos e pela tradição, elle profundamente respeitava.

E o nosso philosopho? O nosso philosopho recolhendo-se alta noite, ía todo o caminho provando a si mesmo que não ha diabos no mundo, nem almas, nem, talvez, Deus; mas sentindo arripiarem-se-lhe os cabellos ao ver dançar a phosphorescencia d'algum marnel, resando o credo em cruz ao passar por algum cemiterio, benzendo-se ao ouvir piar algum mocho. E depois de se deitar e adormecer sonhava... Em que? Nas combinações infinitas da materia eterna de que deve, *segundo as boas doutrinas*, ter rebentado o universo? Não! Sonhava com as penas do inferno, e, ao acordar pela manhan com defluxo, pedia confissão e sacramentos.

Já lá vão vinte annos! Bom tempo era esse, ao menos para mim, que ainda não sabía da

existencia do animal chamado philosopho, classificado entre os *rodentia*, pelo medroso e damninho. Em vinte annos, que voltas tem dado o mundo! Aquella especie vai-se acabando de todo. Auctores de comedias, apressae-vos! Antes que se perca o typo, levae o incredulo ostentoso á scena. Dae-nos algumas noites de rir doudo e inextinguivel.

Os dias do padre prior corriam assim placidamente para o seu viver intimo, postoque o duro mister de parocho lhe entenebrecesse muitas vezes os horisontes da vida material. E que importava, se todos na aldeia lhe queriam bem; se todos o acatavam, como a summa bondade e, o que não era menos, como a summa intelligencia da parochia? Até o barbeiro, o proprio barbeiro, homem grave e entendido em materiaes de eloquencia sagrada, não constava houvesse jámais torcido o nariz ás practicas e aos sermões do padre prior, que elle, com a mão sobre a consciencia, punha acima dos melhores de Frei Timotheo, um fradalhão arrabido, cousa brava em gritarias ao divino, que, por via de regra, se incumbia das domingas de quaresma naquella freguezia e nas circumvizinhas, com acceitação e applauso universal do auditorio, mas cuja fama era offuscada pelos periodos suge-

los do velho sacerdote, repassados de uncção e daquella eloquencia de missionario, que, apesar de rude, lá vai fazer vibrar o coração do povo, afinado pela crença viva, como a harmonia que se tira das cordas de dous instrumentos accordes.

Agora por isso, o que será feito de Frei Timotheo?! Era naquelle tempo um frade guapo e alentado! O que será feito delle? Se ainda vive, tiraram-lhe o burel e a corda de esparto, o seu capital; venderam-lhe o convento, o seu tonel de Diogenes; prohibiram-lhe o capuz e as sandalias, o seu direito inauferivel de andar trajado como lhe aprouvesse; e mandaram-no, desarmado de tudo isso, pedir para o mendigo a esmola que se dava ao burel, ao esparto, ao convento, ao capuz e ás sandalias. Bom passaporte para Frei Timotheo transitar pela valla plebéa do cemiterio nos braços morbidos e suavissimos da fome! Foi um progresso de civilisação, que se completou, pelo lado moral, com o augmento das loterias, das casas de cambio, e das traducções de novellas e dramas franceses. Bemaventurada a tão esperta nação que assim comprehende o progresso!

Duas cousas, porém, mais que as practicas e os sermões, serviam para engrandecer e

glorificar o padre prior, não só diante dos homens, mas tambem diante de Deus. Era a primeira o incansavel zêlo com que se applicava a apaziguar as rixas, a estabelecer a concordia domestica, a prégar o trabalho, a guerrear a embriaguez e, sobretudo, a sanctificar pelo casamento as affeições illicitas: era a segunda o fervor modesto e o innocente luxo com que procurava celebrar as festas religiosas, principalmente a de S. Pantaleão, orago da freguezia e de quem, tanto os aldeões, como o velho presbytero criam affincadamente possuir o metacarpo da mão direita, o qual devia ser de outro sancto ou não-sancto, se acreditarmos (eu cá, pela minha parte, acredito) os parochianos da sé do Porto, que se gabam de ter debaixo de chave S. Pantaleão *in totum,* sem lhe faltar dedo de pé, nem de mão, quanto mais um metacarpo inteiro.

III

Uma escorregadela

A proposito do que o padre prior era de casamenteiro, ainda me lembra uma velha viuva, a senhora Perpetua Rosa (Deus lhe fale na alma!) que morava ao cabo do logar, numa barraquinha á beira do rio, muito caiada, com seu rodapé de vermelhão, e sombreada por cinco ou seis choupos que nasciam da borda da agua. Tinha ella (a velha, não a barraquinha) uma filha, formosa rapariga, chamada Bernardina. Era uma das leiteiras mais desenxovalhadas de que se gabavam os arredores de Lisboa: bonita, que não havia mais dizer: alva como toalha de freira: airosa como pinheirinho de quatro annos. Uns poucos de rapazes da aldeia andavam doudos por ella. Nas

noites dos domingos, em que havia dança e viola na casa da brincadeira[1], a tia Jeronyma, que era capaz de espreitar este mundo e o outro, mirando da sua rotula o que se passava á entrada da rustica sala do baile, pouco distante do presbyterio, notava que, apenas a Bernardina apparecia, os rapazes entravam após ella, com muita mais furia e pressa do que pela manhan haviam corrido para a igreja, ao ultimo toque da missa do dia. Antes disso, já a boa da velha tinha reparado no modo como elles se encostavam aos cajados para lados oppostos, em frente uns dos outros, nos motejos do cantar ao desafio, no pôr dos barretes á banda, nos olhares que mutuamente se lançavam, no pegarem em seixos e atirarem-nos a grande distancia, a modo de competencia, sem dizerem palavra, como se cada um quizesse mostrar aos seus rivaes a robustez do proprio braço. Disto tudo tirava a tia Jeronyma agouro de muita pancadaria, — «por amor daquella delambida — di-

---

Assim se denominava, ainda ha poucos annos, uma casa, na proximidade de cada uma das aldeias vizinhas de Lisboa, emprestada por algum ricaço ou alugada, onde se ajunctava nas noites dos domingos para *brincar* (dançar) a mocidade aldeana.

zia a amá do prior em suas caridosas murmurações — que anda toda arrebicada por balharotas, emquanto a pobre da mãe moureja todo o sancto dia, ao sol e á neve, naquelle rio, para ganhar um bocado de pão, sem vergonha da cara. Havia de ser comigo!»

E o mais é que a tia Jeronyma não se enganava nas suas previsões. Chegou vespera de Reis: houve á noite brincadeira ou baile extraordinario: passou-se ahi tudo na melhor ordem: riu-se, tocou-se viola, dançou-se, cantou-se ao desafio, e cada qual se recolheu a esperar entre os lençoes os sanctos *Reis magnos,* designação popular dos magos do Oriente, cuja vinda a Bethlem se memora na Epiphania.

Houve, porém, nessa noite um saloio mais cortês, que esperou vestido e ao relento, no caminho da serra, a vinda dos tres sanctos personagens. Foi o Manuel da Ventosa, estendido com uma tremebunda e magnifica massada, de que esteve ido, a ponto de dar ao padre prior uma daquellas noitadas, que suscitavam a colera da tia Jeronyma e de que já acima fiz honrosa e especifica menção.

O Manuel da Ventosa era filho unico de um moleiro ricaço, chamado Bartholomeu, velho honrado, mas avarento como seiscentos

Satanáses. Teve a ventura (o rapaz entende-se) de caír em graça á Bernardina. Amoricos d'aqui, amoricos d'acolá; janella na cara a um, respostas tortas a outros; segredar e rir de vizinhos, raivas de desprezados: somma total — zás, uma sova mestra no Manuel da Ventosa, por ter tido a negregada dita de merecer a preferencia daquella que era o enlevo de todos os corações.

Mas enganaram-se. O amor redobrou com o sacrificio; os desprezos cresceram com a sede de vingança. O que começara por passatempo converteu-se em paixão violenta: um fogo intimo devorava a alma de Bernardina e desbotava-lhe as faces, d'antes tão frescas e rosadas como as de um seraphim da peanha da Senhora da Conceição, obra de esculptor insigne. No Manuel da Ventosa, isso não falemos: quando melhorou da *doença*, andava entre parvo e abstracto: attribuia-o o licenciado dos sitios a depressão cerebral produzida por alguma ripada nas vertebras; mas, se existia depressão de cerebro, outra era a sua origem. Certa mulher de virtude, que havia na aldeia, jurava e tresjurava que o moço moleiro tinha a espinhela caída. Historias. Eu, apesar de ser então uma creança, sabía bem onde batia o ponto; por isso nunca fui para ahi.

Por encurtar razões: os dous amavam-se como loucos. As pessoas desinteressadas achavam-nos um par completo; e com bom fundamento: o Manuel da Ventosa era um galhardo mancebo, unico herdeiro de ginja abastado, e Bernardina uma rapariga honesta. As beatas da aldeia, ás quaes, conforme a direito, incumbia pôr ao soalheiro a vida privada de cada uma, no capitulo de honra nunca se tinham atrevido a ir devassar a barraquinha de Perpetua Rosa. Podia a senhora Perpetua Rosa gabar-se dessa! E de feito, muitas vezes, mettida no rio até os joelhos, em discussões acaloradas com as suas illustres amigas, as outras lavadeiras pelo circulo de Lisboa, a ouvi emprazá-las para que formulassem precisamente certas interpellações infundadas, rejeitando com desprezo alguns remoques bernardos relativos a Bernardina, e appellando para a opinião do paiz, representada pelos seus orgãos, as beatas do soalheiro

Mas, se os dous se amavam com tanto extremo e eram feitos e talhados para puxarem o mesmo carro matrimonial, porque não íam pedir ao padre prior o *conjungo vos?* Ahi é que certo animal torcia certa parte do corpo que eu e o leitor sabemos. Por não terem pedido esclarecimentos sobre

o facto, é que as lavadeiras faziam declarações vagas.

Eis o caso: O Bartholomeu da Ventosa era rico e avaro; mas bestealmente avaro: Perpetua Rosa pobre, pobrissima. Por mal de peccados, fora ella antigamente lavadeira do casal do moinho, ou antes dos moinhos, porque, para a exacção historica, deve advertir-se que o moleiro possuia dous. Uma vez, que levara grande porção de roupa, tinha perdido tres sacas velhas e rotas. Bartholomeu, quando tal soube, quiz morrer. — «Juro por esta — dizia elle, esbravejando e beijando os dous dedos indices cruzados sobre a boca — juro que Perpetua Rosa me ha-de pagar as minhas tres sacas novas em folha, que me perdeu, a desalmada!» — Mas nem novas, nem velhas; porque a verdade era que ella não tinha com que as pagasse. Forçado foi, portanto, ao moleiro fartar a vingança com ordenar-lhe que não lhe tornasse a rapar os pés á porta. Desde este fatal dia, nunca mais Bartholomeu da Ventosa pôde encarar com a lavadeira: o seu odio vivia envolto e aquecido na imagem das tres sacas gravadas naquelle coração de avarento. Assim, para elle sería cousa monstruosa e abominavel só o imaginar a possibilidade de seu filho Manuel casar com Bernardina, a

quem a pobreza fora de sobra para impedimento dirimente, quanto o mais ser filha de semelhante mãe. Tal era a difficuldade insuperavel que se oppunha á união dos dous amantes.

E os mezes íam passando, e as murmurações crescendo e saltando já das lavadeiras para as beatas. Tinham visto mais de uma vez (dizia-se: valha a verdade) o moço moleiro, rondando a deshoras a barraquinha da beira do rio. Havia, tambem, quem dissesse que, nas madrugadas de alguns domingos, quando a senhora Perpetua Rosa saía para a missa das almas, se enxergava ao lusco fusco um vulto que, cosendo-se com os choupos, se aproximava da porta de Bernardina, e... e et cœtera. Era muito ver! Mas a cousa ía correndo, e, no fim de contas, quem ganhava com essas historias eram as linguas dos maldizentes, que se refocillavam na palangana da murmuração, e o diabo, que se lambia para, por estas e por outras, os catrafilar a seu tempo.

Veio a quaresma: sancta quadra; mas que, por isso mesmo, é, ás vezes, boa de mais. Desobriga vai, desobriga vem, sabe-se muita cousa. O padre prior andava já com a pedra no sapato; porque elle não era cégo, nem

mouco. Meu dicto, meu feito. Certo dia (por signal que era uma sexta-feira), quando o sacristão veio abrir a porta da igreja, estavam já no adro, á espera, Perpetua Rosa e Bernardina para se confessarem. Não tardou o prior. Aviou-se a mãe: ajoelhou a filha: persignou-se, benzeu-se, disse *mea culpa* e começou a sua confissão.

Se isto fosse uma historia de polpa, cortesan e culta, viria neste ponto o *casus fœderis* de eu tomar a postura tragica a la moda, carregando as sobrancelhas e dizendo em tom soturno e lento:— «O que ahi se passou entre o veneravel ancião e a donzella ninguem o soube!—!—!—!— Mysterio!—!—!—! Acontecimento terrivel e fatal!—!—!—! As lagrymas ardentes do velho caíram sobre a cabeça da infeliz ajoelhada a seus pés, cujo futuro (não o dos pés, mas o da infeliz) era de maldicção!—!—!—!» Limitada, porém, a minha narrativa á chan e plebéa recordação de um pobre parocho d'aldeia, reflectirei, em summa, que me não é licito revelar o segredo do confessionario. Os sigillistas já deram que fazer ao marquez de Pombal, cuja consciencia, como todos sabem, era delicadissima em materias de orthodoxia catholica, e em tudo. Callo-me, porque não quero caír no erro que elle con-

demnou. Direi só que foi mui demorada a confissão de Bernardina e que, ao alevantar-se d'ante os pés do prior, ella trazia os olhos como punhos: e digo-o, porque o viram os circumstantes, a saber, o sacristão e a senhora Perpetua Rosa, que devotamente ía descabeçando a penitencia emquanto a filha se desobrigava.

Ao solposto desse mesmo dia, o prior espairecia a vista pela veiga cuberta de verdura, assentado no cruzeiro, segundo o seu costume. A brisa da tarde era fria e aguda, porque a primavera começava apenas; mas o velho parocho parecia não a sentir, embebido em cogitações; e tão fundas íam estas, que, em vez de traçar na terra com a bengala as usuaes figuras geometricas ou anti-geometricas, conservava-a immovel e perpendicular, com as mãos cruzadas sobre o castão, firmando a barba em cima. Conhecia-se no olhar e no mecher trémulo dos beiços que algum grande cuidado o inquietava. E tanto assim, que nem reparou nos tres signaes das ave-marias, deixando-se ficar assentado e, até, oh profanação! com o chapéu na cabeça. Felizmente não passava ninguem naquelle momento que podesse notar a involuntaria irreverencia do distrahido pastor.

Mas um vulto assomou ao longe, e os olhos do velho brilharam, como animados por vida nova. Quem quer que era descia do monte e vinha para a banda do rio. O caminho passava perto do adro: o prior ergueu-se, estendendo a mão e brandindo a bengala na direcção do vulto.

«Oh Manuel! psio, Manuel! chega á fala! Oh rapaz!»

O filho do moleiro (porque era elle) hesitou um pouco. Alguma cousa lhe roía na consciencia. Mas, vendo o prior em pé, com ar de quem estava resolvido a ír atravessar-se-lhe diante, cortou para elle, com o barrete azul e vermelho na mão.

«Boas tardes, padre prior: quer alguma cousa?»

«Quero que você chegue aqui, porque temos que falar.»

O tom com que estas palavras foram proferidas e, mais que tudo, aquelle *você* fizeram estremecer o Manuel da Ventosa. O prior tractava todos por tu, e o você na boca delle, era presagio infallivel de temporal.

O rapaz parou diante do velho, com os olhos cravados no chão, torcendo e destorcendo a orla do barrete que tinha entre as mãos. O

padre prior mediu-o de alto a baixo e começou *ex-abrupto:*

«Então que historias são estas da Bernardina, sô velhaco da conta benta? Sabe o que fez, grandessissimo tratante? Aonde foi você aprender isso? (esta pergunta era asnatica). É a doutrina que eu lhe ensinei em pequeno? De que têm servido os exemplos de modestia e honra que lhe dá seu pae? De ser um vadío, um seductor, um... Deixe estar: a cadeia não se fez para as aranhas, e elrei nosso senhor (o bom do parocho puxava em politica para a eschola historica) ainda não mandou queimar a nau de viagem...»

«Eu, padre prior... como lhe ía dizendo» —interrompeu atarantado o saloio, coçando na cabeça e procurando atar o fio das suas idéas inteiramente confundidas.

«Calle-se; não me responda — proseguiu o velho parocho, achando, talvez, pouco fazer cinco perguntas para ouvir uma resposta. — Diga-me: que tenções eram as suas enganando uma rapariga honesta ?»

«Eu...

«Não me replique; já lh'o disse. Lembre-se que é o seu pastor que lhe fala. Ahi está porque você ainda não veio desobrigar-se; pensava que, por ella ser miseravel, e sua mãe

uma triste viuva, não tinham ninguem neste mundo? Enganou-se. Têm-me a mim. Saiba que, a poder que eu possa, ha-de ir bater com o costado na India ou casar com a Bernardina.

Aqui o pobre rapaz atirou-se de joelhos a chorar aos pés do velho e exclamou, soluçando:

«E é isso o que eu quero!... Juro-o por aquella arvore da bella cruz que alli está...»

«Vera cruz, salvage! vera cruz!» — interrompeu o prior, visivelmente abrandado com o pranto, humildade e declaração cathegorica do moço moleiro.

«Mas como eu ía dizendo — proseguiu este — por'mor daquella diabrura das sacas, meu pae não póde tragar a senhora Perpetua Rosa. Se lhe falasse em tal, fazia-me os ossos tão miudos como a picadura da mó. Se a Bernardina tivesse dote, ainda, talvez elle consentisse... Mas sem isto; bem lhe sabe do genio. Se o padre prior podesse adivinhar o que me tenho ralado, havia de ter dó de mim. Não como, não durmo, ando doudo! Não basta a massada que gramei... Ahn! ahn! ahn!

Chorava em berreiro, e o choro não o deixava continuar. As lagrymas começaram tambem a bailar nos olhos do prior, que ficou por alguns momentos pensativo.

«Levanta-te, rapaz de meus peccados — disse elle por fim, puxando pelo braço do moleiro. — Vamos; confessa a verdade; estás arrependido do que fizeste?»

«Estou, sim senhor! Ahn! ahn!»

Nesta parte, apesar do choro e dos soluços, parece-me que o saloio mentia.

«Promettes casar com Bernardina, se teu pae consentir?»

«Prometto, sim senhor! Ahn!»

«Ora, pois, socega e não chores. Deixa o caso por minha conta. Volte para casa e não me torne a rondar pela beira do rio. Entende? Olhe que!...»

O prior estendeu a bengala para o lado dos moinhos, que assobiavam lá no alto, e Manuel da Ventosa voltou cabisbaixo e a passos lentos pelo caminho por onde viera. Sentia confusamente que se aproximava a crise mais temerosa da sua vida.

Então o padre prior assentou-se outra vez no poial do cruzeiro e recaíu em profunda meditação. Depois de um bom quarto de hora, pôs-se em pé e encaminhou-se para o presbyterio. Tinha anoitecido. De memoria de homens, nunca ceara tão tarde!

E andando, o velho sacerdote repetia aquellas palavras do livro de Job, onde, entre pa-

renthesis, ha mais philosophia que num aduar inteiro de philosophos:

Nudus egressus sum de utero matris meæ, et nudus revertar illuc [1].

O porque o dizia, bem o sabía elle! Ceou sem dar palavra: resou o breviario: deitou-se, e apagou o candieiro. Contra o costume, Fr. Bernardo de Brito e Fr. Diogo do Rosario ficaram aquelle serão na estante. A ama sentiu-o assoar-se, tomar tabaco e escarrar até muito tarde. Cousa rara! signal evidente de que tinha negocio de vulto, que lhe embargava o dormir!

Peor foi pela manhan. Apenas luziu o buraco, o padre prior saltou da cama; calçou os sapatos engraixados; vestiu a loba nova; pediu o chapéu de tres ventos, a bengala de castão de prata e os oculos fixos, que só punha em dias de missa cantada, e disse á ama que se aviasse com o almoço, porque tinha de saír cedo.

Emquanto a tia Jeronyma, para maior brevidade, fazia umas papas de milho, o prior abriu um contador enorme, destes que os nossos

---

Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei alli. Job, cap. I, v. 21.

grandes amigos ingleses nos vão agora levando em logar de vinho do Porto, tirou para fóra uma folha de papel almasso e bradou:

«Jeronyma! oh Jeronyma!»

A velha chegou ao corredor da còzinha, com o abano na mão.

«Estão quasi feitas — disse ella. — Tenha paciencia um instantinho.»

«Não é isso, mulher — replicou o prior. — Ouve cá; vai ao forro da escada e traze-me aquillo.»

«Isso, eu lá ponho. Mas, com sua licença, d'onde veio maquia grossa? Hontem não houve baptisado nem enterro...»

E a tia Jeronyma estendia a mão esquerda, cuberta com a ponta do avental, para não sujar a maquia de que falava, e ao mesmo tempo volvia olhos avidos, ora para o bofete, ora para o prior.

«Qual carapuça! — replicou elle, fazendo-se vermelho. — Tira-se; não se põe. Faça o que lhe digo, e dê ao démo o que sabe.»

A ama empallideceu. As palavras *tira-se; não se põe* eram de ruim agouro; mas, vendo já o padre prior azedo, callou-se e obedeceu.

D'alli a pouco, o velho parocho começava a tirar de um pé de meia uma, duas, tres peças

de ouro; foi tirando até setenta; restavam apenas obra de uma duzia dellas.

«Basta — rosnou o prior. — Póde occorrer uma doença. Então, Jeronyma, vem essas papas ? !»

E dizendo isto, embrulhava muito bem as setenta peças na folha de papel que tinha sobre o bofete e mettia-as na algibeira da loba.

«Guarde isso, Jeronyma» — disse elle á ama, que entrava com as papas. E empurrou pela mesa fóra o exangue pé de meia. A ama, ao ver aquella horrorosa sangria, esteve a ponto de largar a frigideira no chão e de deixar o bom do padre sem almoço.

Quando voltou para a cozinha, ouviu-a o prior soluçar

«*Nudus egressus sum de utero matris meæ, et nudus revertar illuc.*»

Murmurando esta profunda sentença da Biblia, o reverendo parocho saíu pela porta fóra. A ama, vendo-o saír, andava como pasmada.

Nestas idas e voltas, havia nascido o sol. O Bartholomeu da Ventosa, afanado com a sua lida, em pé á porta de um dos moinhos, bracejava, ralhava, praguejava como possesso. Os brutos dos moços tinham-lhe quebrado já duas cordas, ao *enquerir* as cargas de uma

récua de machos pimpões presa á argola do moinho.

De repente, viu um castão de bengala saír-lhe por cima do hombro. Voltou-se: era o prior.

«Olé vossenhoria por aqui a estas horas?!... Psio, oh Zé Dorna, olha o rabicho daquelle macho!... Grande novidade, padre prior! grande novidade!... Raios te partam! Que tal'stá o filho do diabo?!»

Estas duas ultimas jaculatorias eram acompanhadas de dous reverendissimos pontapés na barriga de uma das cavalgaduras, que já estava carregada e que parecia achar mais prudente deitar-se emquanto as outras se aviavam.

O moleiro dava assim a modo de umas lembranças de Napoleão, dictando ao mesmo tempo a dous secretarios.

«Falaste, Bartholomeu! — replicou o prior. — Novidade, e grande! Ha quarenta annos que sou parocho desta freguezia, e é a primeira vez que tal me succede. E' negocio intrincado, e quero ouvir o teu conselho, porque tens caixa para as cousas. Rapazes — accrescentou, dirigindo-se aos moços do moinho — safa d'aqui, que tenho que dizer ao patrão em particular.»

«Rua! — gritou o moleiro, correndo com força ambas as mãos pelo colete e pelos calções, d'onde saíu um nevoeiro de farinha.— Entre vossenhoria.»

O prior entrou e foi assentar-se numa tripeça que estava a um canto. Bartholomeu assentou-se sobre um saco de trigo, defronte delle. Os dous velhos mediram-se com os olhos por momentos, como se cada um delles tentasse ler no rosto do outro os pensamentos que lhe vagavam na alma. A primeira idéa que occorreu ao moleiro foi a de alguma festa que o parocho pretendia fazer e para que lhe vinha pedir dinheiro. Batia-lhe o coração com violencia, e já imaginava trinta mentiras para evitar essa calamidade.

«Homem,—disse por fim o prior—tenho em minha mão uma somma avultada; mais de quinhentos mil reis (o moleiro estendeu o pescoço): pertence a um devoto, que os quer dar em dote a uma rapariga pobre desta freguezia. Encarreguei-me do negocio e deitei as minhas linhas para dar no vinte; mas temo não acertar e venho bater comtigo. E's honrado, meu Bartholomeu, postoque um tanto sovina: falo-te com o coração nas mãos, e...»

«Isso é o que dizem por ahi essas linguas perversas—interrompeu o moleiro, fazendo-se

vermelho de colera; — essas mandrionas do soalheiro, porque não lhes metto no banduilho o meu remedio. Os diabos me levem...»

«Tá, tá! acudiu o prior. — Ajustaremos contas na desobriga. Vamos agora ao que serve. Sem refolhos: a quem te parece que demos este dote? Parafusa lá.»

O moleiro pôs-se a scismar, alevantando os olhos para o tecto, estendendo e revirando a mandibula inferior e batendo de quando em quando na testa.

«Nada.. a Genoveva da Theresa não — disse por fim... Tal mãe, tal filha. Aquella está arrumada.»

«Nem pensar nisso é bom — retrucou o prior.— *Libera nos Domine.* Anda, vê se atinas.»

«A Clara da Fonte tambem não»...

«Uhm!» — rosnou o clerigo, abanando a cabeça.

«A Catharina Carriça menos. Heim?»

«Tó carapuça! Ahi vai já! Fundia-me o dote em menos de um anno com tafularias tolas. Adiante.»

O leitor póde prever que o Bartholomeu da Ventosa e o seu parocho estavam no caso de duas linhas parallelas, que, prolongando-se indefinidamente, nunca podem encontrar-se: o

pensamento do prior dirigia-se a Bernardina, e o moleiro já tinha affastado por tres vezes do espirito essa lembrança, como uma idéa importuna.

«Eu — disse elle finalmente, coçando na cabeça — tinha cá uma idéa... mas não sei... Não digo nada... Acabou-se.»

«Desembuxa lá, homem! Foi para te ouvir que vim aqui.»

«Então, sempre lh'o direi. Minha sobrinha Joanna é um anjo. Boa rapariga! famosa rapariga! Meu irmão Barnabé não pede esmola, é verdade; mas anda atrapalhadote. O casal dos Caniços arrastou-o este anno: deve-me já vinte moedas, e...»

O prior cortou-lhe o enthusiasmo pelos seus parentes com uma gargalhada estrondosa. O moleiro ficou de boca aberta no meio daquelle destampatorio.

«Oh, oh, oh! querias que o meu dote servisse para pagar as tuas vinte moedas!? Não é assim? — E, voltando immediatamente ao seu serio, proseguiu: — Bartholomeu! Bartholomeu! *Por causa da iniquidade da sua avareza me irei e o feri:* diz o propheta. A cubiça que te cega ha-de baldear-te no inferno, como tu baldeias para a ribanceira as mós que já não prestam. Queres mentir á tua cons-

ciencia, enganar o teu pastor, quando elle te vem pedir que o aconselhes? Isto não é bonito Bartholomeu! Não é bonito!»

«Mas, padre prior...»

«Qual mas, nem meio mas! Deixemo-nos de historias. Bem diz o dictado:— Fui a casa da vizinha, envergonhei-me; vim á minha, remediei-me.— O melhor é seguir a primeira lembrança.»

«Então, se vossenhoria já tinha posto o dedo...»

«Tinha, tinha!— retrucou o prior.— Queria só ver se tu concordavas comigo: mas sacas-te com uma exquisitice de fazer arripiar. Não temos feito nada, meu Bartholomeu: não temos feito nada!»

E dizendo e fazendo, o clerigo erguia-se, como para saír.

«Pois diga vossenhoria,— acudiu o moleiro ainda atrapalhado com o *revertere* — e enforcado morra eu, se...»

«Não praguejes, homem! Ahi vai! Quem ha-de apanhar o dote é a Bernardina d'ao pé do rio...»

A historia das sacas era espinha que ainda lhe estava atravessada na garganta: ouvindo tal nome, o velho não pôde conter-se:

«Quem? A cara de fuinha da filha da Per-

petua Rosa? O padre prior está brincando. Olha as lesmas! Umas desmaseladas e caloteiras! Isso, nas unhas da mãe, era fogo viste, linguiça. Terçans me matem...»

«Espera, homem, espera! Não é isso o que se diz na aldeia. Tu tens osga ás pobres mulheres, e cega-te a paixão. Desmaseladas?! Basta olhar para ellas; como andam limpas, na sua miseria. Caloteiras? coitadinhas! E' porque não têm com que pagar ao Agostinho da tenda? Pagar-lhe-hão agora. Quinhentos mil réis ainda ficam livres, e Bernardina ha-de com elles achar um bom casamento.»

Emquanto o prior falava, uma idéa bem-aventurada illuminara subitamente a alma do moleiro. As tres sacas podiam não estar perdidas de todo; podiam voltar melhoradas ao moinho. Sentiu a colera desvanecer-se-lhe, como a nuvem negra que varre a brisa do norte.

«E' verdade que a gente, ás vezes, tem cá as suas birras — disse elle, com certo ar que queria ser fino e saía parvo. — Cega-se com as pessoas! Vossenhoria bem sabe o que faz: dê o dote a quem quizer, que diante de mim ninguem ha-de tugir nem mugir contra vossenhoria.»

«Pois bem! — proseguiu o prior — esta le-

bre está corrida. Resta achar um noivo para Bernardina. Isso é bico d'obra que requer escolha e siso. Pensa no caso, Bartholomeu! Vamos a ver se acertas melhor desta vez. Agora outra cousa. Tu és capaz: tens sabido guardar o teu dinheiro; saberás guardar o alheio. Eu para isso não presto: sou um mãos-rotas. Aqui te deixo setenta louras, que a seu tempo se hão-de entregar a quem tocarem, incumbes-te disto?»

«Vossenhoria manda» — respondeu o moleiro, cujos olhos brilharam com o fulgor devorante da avareza, ao ver rolar as peças, que o prior tivera a cautela de desembrulhar sobre a grande arca das maquias. O velho parocho usava de uma esperteza de Satanás para fazer uma obra de Deus.

E, despedindo-se de Bartholomeu, saíu. O moleiro ficou em pé e immovel. Estava, mal comparado, como o asno de Buridan entre as duas medidas iguaes de cevada: nem se podia affastar do ouro, nem ousava faltar á cortesia devida ao padre prior. A final, por um movimento sublime de energia moral, correu pela porta fóra atrás delle, que já ía a certa distancia. Neste correr, parecia-lhe sentir estalar o que quer que era dentro do coração.

«Se vossenhoria é servido do nosso almoço — bradava o moleiro — não tarda ahi um credo. Pobre, mas de boamente.»

«Obrigado! obrigado! —respondeu o prior, sem se voltar, brandindo para trás a bengala, como quem dizia adeus. E pensava lá comsigo — Fóra, miseravel sovina!»

Apenas o bom do clerigo dobrara a quina do muro de uma quinta que se dilatava desde a encosta até a baixa do rio, truz!... Com quem havia de dar de rosto? Com o Manuel da Ventosa, de espingarda ao hombro, rede ás costas, chumbeira e polvorinho a tiracolo. O saloio ficou embaçado

«Com que, sim, senhor! Já você por aqui me apparece a estas horas — disse o prior com um gesto folgado, que forcejava por ser colerico. — Heim?»

«E' verdade, padre prior!... Entreter um bocado. A manhan estava boa.»

«Pois não! Aos pardaes... bem sei! Ora corte-me para casa, e vá ajudar seu pae, o pobre velho, que lá anda lidando... e você feito caçador das duzias... Caçador! Pensava agora o sonso que me enganava! Vamos marchando!»

Deu alguns passos para diante, emquanto o Manuel da Ventosa fazia o mesmo em sen-

tido contrario. Depois, voltou-se de repente. O saloio tambem parara a olhar para trás.

«Olé. Escuta cá, Manuel!» — O Manuel aproximou-se.

«Depois d'amanhan é necessario que você se bote aos pés de seu pae, que lhe conte a boa obra que fez e que lhe peça licença para casar com Bernardina...»

«Pelo amor de Deus padre prior! — interrompeu o triste do rapaz, cheio de susto. — Com os figados delle, põe-me os ossos num feixe.»

«Não se perdia nada — acudiu o velho. — Mas não é anno de fortuna. Era melhor que se tivesse lembrado a horas. Faça o que lhe digo, que não lhe ha-de succeder mal nenhum! Vamos.»

«Se vossenhoria entende?!»

«Entendo, sim, senhor. A paschoa não tarda; e passada a quaresma você ha-de receber-se. Mas, disto, nem palavra! E córte!»

O tom com que o parocho proferiu estas palavras deu uma alma nova ao Manuel da Ventosa. Imaginou logo que o padre prior tinha aplanado o negocio. Não sabía se risse ou se chorasse. Instinctamente agarrou a mão do clerigo e beijou-a. A sua gratidão era sincera. O padre prior sentia palpitar esse vivo

sentimento naquellas mãos callosas, que apertavam a sua mão enrugada, naquelles labios ardentes, que pareciam devorá-la. Conheceu que estava arriscado a deslisar da habitual severidade e, affastando-se rapidamente, bradou com voz aspera, mas alguma cousa trémula : — «Deixa-me, páteta ! Deixa-me ! . . . e Deus te alumie, para que seja esta a ultima das tuas rapaziadas.»

Fez bem em alongar-se : duas lagrymas lhe rolaram pelas faces abaixo.

Naquelle dia a tia Jeronyma chegou a desconfiar de que o padre prior tinha a bola desarranjada. Toda a manhan não fez senão cantarolar, ora um pedaço do *Tantum ergo,* logo um versiculo do *Te Deum Laudamus,* e assim por diante. Até andou, por mais de meia hora, a brincar com o gato do presbyterio. E, para resumir em poucas palavras a extravagancia de que parecia possuido, basta dizer que, ao descalçar-se, arrumou os sapatos para um canto e, depois de ter lido um capitulo da chronica de Cister, pela primeira vez da sua vida metteu na estante essa especie de Carlos-Magno monastico, sem o pôr de pernas ao ar. Aquelle coração sentia dilatar-se na sancta paz do Senhor.

E porque não cabia o bom do padre na pel-

le? Porque tinha feito felizes duas creaturinhas, sacrificando-lhes as suas economias de quarenta annos. Achava isso cousa naturalissima; mas a Providencia dava-lhe parte da sua recompensa nessa alegria suave e intima, que mal póde entrar nos palacios dos grandes e poderosos do mundo; porque é o premio, não do beneficio insolente da opulencia, mas sim da abnegação caridosa da humanidade.

O padre prior tinha tido tempo de estudar individualmente o caracter dos seus freguezes, e por isso seguira aquelle caminho para chegar ao fim moral que se proposera. De feito, o velho moleiro andou abstracto todo o dia. Pois de noite? Não pregou olho! A's escuras via diante dos olhos as setenta peças a reluzirem, como visão ao mesmo tempo celeste e infernal. Depois, naquellas horas longas de vigilia, punha-se a calcular a acção prodigiosa que ellas teriam, incorporadas com mais de outras tantas que tinha enterradas. Era o que bastava para dar o harmonioso epitheto de *minha* á azenha do Ignacio Cordeço, e pôr lá o seu Manuel a labutar e a ganhar dinheiro muito dinheiro, e elle a tomar-lhe contas ao sabbado: meia moeda... uma moeda... duas moedas, e a pilhá-lo em uma gaziva de seis vintens; e despertava daquella especie de ex-

tasi, ao atirar-lhe o primeiro pontapé. Era um regalo! Ria, ás vezes, ao lembrar-se de uma que elle havia de pregar no outro dia ao Agostinho da tenda. Essa estava segura. Ia-lhe comprar o *créto* de Perpetua Rosa, por metade, por um terço, talvez. — «Oh sô Agostinho, você não vê que isso é dinheiro perdido? Cinco mil réis! seis mil réis! Vamos; é minha a divida.» E tripudiava na cama, e assentava-se, lançando mão dos calções, para ír, para correr, para voar, antes que algum diabo (pensava elle) fosse metter no bico ao uzurario do tendeiro a mudança de fortuna de Bernardina. Chegava, naquelle fervor, a enfiar os calções; mas recaía na cama, ao ver ou, antes, ao não ver, que era escuro como breu. Momentos havia em que as suas idéas tomavam outro curso: representava-se-lhe seu irmão Barnabé a largar-lhe o casal dos Caniços pelas vinte moedas e por mais umas trinta peças, com que o engodava; e elle a fazer estercar as terras e alqueivar e lavrar e semear mondar e ceifar, e a ter na eira uma serra de trigo durazio, e a achar uma excommungada de uma velha pedinchona a furtar-lhe á sorrelfa uma abáda daquelle grande trigo, e elle a desancá-la com uma tranca. E saía desse pesadello de homem acordado a ranger

os dentes e com a mão agarrada á maçaneta do catre. D'ahi a pouco, vinha-lhe outra enfiada de imaginações, e d'ahi outra, e outra, até que, por fim, a idéa de que as setenta peças eram suas lhe ficava de tal modo encravada e enraizada na alma, que o arrancar-lh'a de lá sería o mesmo que metter-lhe no bucho uma apoplexia. Então, punha-se a scismar no pensamento capital e gerador de todas essas imagens bemaventuradas que lhe luziam no olho, o como chamaria á muxila as setenta do dote. Abafá-las? Negá-las ao prior? Estremeceu horrorisado; porque Bartholomeu era homem de probidade, a seu modo, que, sem malicia seja dicto, vinha a ser um modo, como o de tantos homens honrados que todos nós conhecemos. Nada! Era preciso um meio natural, decente, legitimo de arranjar o negocio. Caíu então no que o prior queria que elle caísse. Casou *in mente* o seu Manuel com a Bernardina. Feito isto, as peças eram suas; suas, porque o Manuel pellava-se com medo delle e, casado ou solteiro, havia de ficar-lhe sempre debaixo dos cabeções. Assentado este ponto, o moleiro sentia certo refrigerio interior que o consolava. Não tardou a adormecer no somno do justo, e em placidos sonhos balouçou-se todo o resto da noite entre a azenha do Igna-

cio Codeço e o casal de seu irmão Barnabé. Saía ás vezes desta hesitação benefica, sonhando no gatazio que ía pregar ao Agostinho, e ria com um rir de innocencia. Era um sancto velho aquelle Bartholomeu da Ventosa!

O leitor deve estar já sufficientemente aborrecido de tão comprida historia do moleiro, da lavadeira e do prior; por isso não o farei assistir ás explicações entre o pae e o filho. Mais repousado o sangue com o dormir, Bartholomeu reflectiu pela manhan que o propôr ao parocho o seu Manuel para noivo de Bernardina tinha suas parecenças com o haver-lhe proposto para ser dotada sua sobrinha Joanna, idéa maldicta que lhe tinha custado uma risada nas suas barbas e um revertere com texto da Biblia. Por outra parte, pensava que Manuel era o seu unico herdeiro e que, se Bernardina trazia para a ceia, elle levaria para o jantar, principio consagrado pela philosophia saloia, talvez desde o tempo dos mouros. Emfim, o pae nestes vaivens, e o filho com os receios que o leitor póde imaginar, fizeram ao declararem-se uma verdadeira scena de comedia. Ao cabo, porém, de tudo, entenderam-se. Assim, o padre prior, á custa das suas economias de quarenta annos, teve a consolação de fazer tres sermões, um a Bartholomeu, so-

bre a cubiça e a avareza; outro a Manuel, sobre o trabalho, sobriedade e mais virtudes annexas á condição de pae de familia; outro, finalmente, a Bernardina, sobre a honestidade, modestia e sujeição das mulheres casadas. Depois, quando veio a paschoa, regalou-se de atar o laço matrimonial entre os dous amantes, acabando por uma vez com as interpellações das lavadeiras, com as espreitaduras dos curiosos e com as murmurações do beaterio. Custou-lhe a brincadeira setenta peças e o atirar á rua com o sermão sobre a avareza; porque o Bartholomeu continuou a ser sovina até a hora da morte, na qual piamente se deve crer o catrafilou o diabo, não só por ser unhas de fome, mas por ter refinado a ponto, que, perdendo a vergonha, já começava a sizar nas maquias, com escandalo dos freguezes e grande mortificação de seu filho Manuel.

Agora duas palavras sobre a festa do orago da parochia, o meu rico S. Pantaleão. O leitor viu o padre prior caminhando pela estrada dolorosa da moral evangelica: é necessario que o veja tambem radiante no meio das pompas do culto.

IV

Alhos e bugalhos

S. Pantaleão era, como disse, o orago da freguezia rural cujos habitantes mais conspicuos o leitor já conhece, e por via dos quaes o pús em contacto com as differentes classes de que se compunha aquelle mundosinho, ou, para melhor dizer e falar de modo que não me entendam, aquelle *microcosmo*. Este grecismo espremeu-m'o do espirito S. Pantaleão, que, conforme o que bem pondera a folhinha, foi medico, e os medicos finam-se por grego. O padre prior e o sacristão representam a igreja espiritual e materialmente, o Agostinho da tenda o commercio, o Barnabé a agricultura, a senhora Perpetua Rosa a industria, e, finalmente, o honrado Bartholomeu da Ventosa

representa, nos seus sonhos, a industria-agricola ou a agricultura-industrial, genero de existencia lembrado por alguns economistas da Allemanha, para salvar as classes laboriosas do horrivel futuro com que as ameaça o vapor; porque se ha-de advertir que alguns restos de prudencia e juizo, que ainda havia cá por esta nossa Europa, varreu-os Deus para aquelle canto do mundo, a que nós chamamos a terra das theorias e das chimeras; nós, os homens do meio-dia, que fazemos phalansterios e não sei quantas mais comedias politicas, capazes de fazer rir... quem direi eu? O proprio mirradissimo S. Pantaleão da cidade eterna.

Eterna, entenda-se, até que o primeiro cometa venha embrulhar na cauda este nosso *microcosmo,* tão caturra e parvo, chamado o orbe terraqueo.

Celebra-se a festa de S. Pantaleão a vinte-sete de julho; data preciosa e averiguada por mim em largas vigilias, consumidas em revolver breviarios, antiphonarios, legendarios, missaes, sanctoriaes e livros historiaes, na phrase daquelle grande rhetorico Gomes Eannes. Está a folhinha pontualissima; podem acreditar-me! Celebrou-se, celebra-se e ha-de celebrar-se a festa de S. Pantaleão, o bemaventurado phy-

sico, todos os vinte-sete de julho, até a consummação dos seculos; salvo o caso de ninguem se lembrar d'aqui a cem ou duzentos annos de que existiu no mundo o meu rico sancto; mas espero tal não aconteça, ficando lançada a sua memoria nestas paginas, ás quaes indubitavelmente pertence a immortalidade.

«Mas — accudirão os leitores — que nos importa a nós que essa commemoração seja a vinte-sete ou a vinte-oito; seja em julho ou em dezembro? Vamos á festa e deixemo-nos de historias. — Devagar, devagar! É justamente porque isto é uma historia grave, sisuda, erudita, que eu não me havia de metter abrutadamente na narração, sem deixar averiguada, esmiuçada e apurada a data precisa e irrecusavel do meu *recontamento*. Sabem o que é uma data? Uma data é, depois de uma questão de orthographia, do talho e feitura de uma judia, a que os nossos velhos chamavam uma aljuba, e depois de um phalansterio, a que os dictos velhos chamariam uma sandice, a cousa mais importante que conheço neste valle de lagrymas. No caso presente, supponhamos que eu fosse um cabeça de vento, que atirasse com S. Pantaleão para vinte-sete de dezembro. Ficavamos aceados; não tem duvida! Ahi se

me ía metter a segunda oitava do Natal com o meu sancto martyr; e eu a querer revestir o padre prior para a missa cantada e a ver-me doudo na escolha da vestimenta. Vermelho? Saltava-me a canzoada dos criticos: — «Fóra, ignorantão! Vermelho na segunda oitava da Natividade!? Vai ler o Claudio de Vert, alarve! vai ler o Campello, o Gavanto, o Lambertini.» —Atarantado com a grita, atirava-me ao gavetão da vestimenta branca. Peor! Vinha-me outra surriada de sotavento: — «Olha a alimaria! Não querem ver? A um martyr vestimenta branca! Hypocrita que nos anda aqui a prégar sermões a favor dos padres e dos frades, e ainda não sabe qual é a sua vestimenta direita. Ahi têm os taes escrevedores d'agua doce, que se riem á socapa das Arcadias e das odes pindaricas e da sciencia em notas e das chronologias dos academicos. A gente que fazia essas cousas trazia as vestimentas na ponta da lingua: distinguia-as como *hora horæ* de *servus servi.* Vai ler, oh táboa rasa de Locke, vai ler o Prado, o Clericato, o Bauldry, o...»

E eu, que não podia ír ler tanto calhamaço em folio, em quarto, em oitavo e em doze, estacava, punha-me a gaguejar, perdia o fio da narrativa e não proseguia nesta notavel histo-

ria do padre prior, a qual me abriria as portas do Instituto Historico de París, se eu fosse tão creança que me resolvesse a pagar não sei quantos francos por anno, para gosar dessa incomparavel honra.

Por isto, façam os leitores idéa das deploraveis consequencias de um erro de data! — «Porém — replicarão elles — quem te obrigava a tractares essa questão chronologica, superior, talvez, ás forças do teu entendimento? Não foste andando até aqui sem te metteres nesses debuxos? Porque não descreves a festa, deixando aos entendidos em calendario o pô-la na epocha propria?» — Bonissimos leitores, pensaes vós que eu sou o Manuel da Ventosa, que me deixe assim esmagar por uma saraivada de perguntas? Enganaes-vos! A resposta vai caír dos bicos desta penna, como as frechas de Apollo *longe-asseteador* caíam no campo dos argivos, segundo resa Homero no capitulo primeiro da sua chronica das birras do Pelida e do Atrida: a minha tréplica vai desfechar sobre os prelos, convincente, irresistivel, irreplicavel. Ei-la. Finjamos por um momento que, em vez de consultar os respectivos actores sobre a verdadeira casa de S. Pantaleão no taboleiro do calendario, nem sequer pensava nisso, e começava *ex-*

abrupto a scena da festa aldean. Que succedia? Como estamos no inverno, e eu gósto do inverno, principalmente quando ruge uma boa nortada (são gostos), punha-me a descrever um destes formosos dias de dezembro ou de janeiro, em que o firmamento parece retincto de novo no seu tão lindo azul; em que a verdura infantil das searas á flor da terra sorri, estirando-se dos topos arredondados dos outeiros pelo pendor de recostos levemente inclinados; em que a relva se mira á luz vermelha da aurora no espelho do caramel, que envidraça a superficie dos pegos e remansos dos regatos. Falar-vos-hia de uma abençoada missa do gallo, na aldeia em noite de luar, missa mil e quinhentas vezes mais poetica do que toda a poesia protestante desde Luthero, o pae do protestantismo, até Strauss, que hoje lhe tira as derradeiras consequencias; falar-vos-hia, emfim, de mil cousas, muito bonitas, muito viçosas, muito brilhantes, mas que viriam tanto a proposito de S. Pantaleão, como o anho paschal daquella sancta velha da tia Jeronyma viria a pello da Natividade, com o seu caldo tradicional de perú, ou como o estylo do nosso drama moderno se casa com a linguagem da sociedade, cujo transumpto deve ser. E' por esta razão que, em cousas serias,

quaes a presente narrativa, eu sou muito pechoso em averiguar tudo quanto póde contribuir para a perfeição de obras em que a fórma de modo nenhum ha-de vencer a substancia: — e a essa classe pertencem estes estudos moraes.

Resolvida e assentada a questão de tempo e logar, sem o que não ha obra litteraria, segundo affirmam os glossadores e espevitadores daquella famosa embrulhada de Horacio chamada a Epistola aos Pisões, resta dizer alguma cousa ácerca de S. Pantaleão. Por muita importancia que eu ligue á feira, aos foguetes, aos buscapés, ás jarras de flores, aos tocheiros accesos, ao sacristão, á musica, aos festeiros, e ao padre prior, ligo muita mais á memoria daquelle cuja festa trazia num rodopío toda a aldeia e, até, tivera a influencia magnetica de alargar os fechos da bolça ao veneravel moleiro Bartholomeu. Tenham, portanto, paciencia; que já agora hei-de dizer-lhes duas palavras ácerca do meu rico sancto. São reminiscencias do sermão, o qual, desde aqui fique sabido, foi feito e prégado por Fr. Timotheo, o fradalhão arrabido de mendicante e espoliada memoria. E', pouco mais ou menos, um resumo da historia do sancto, como a contou Fr. Timotheo. Parece-me que o estou ouvindo.

S. Pantaleão era um medico de Nicomedia. O bispo Hermolau converteu-o ao christianismo. Desde então elle reduziu o seu receituario á invocação do nome do Senhor. Seguiram-se d'aqui duas consequencias graves: as suas curas foram mais baratas e mais rapidas, ao mesmo tempo que as offertas dos doentes escaceavam nos templos pagãos, e os sacerdotes de Esculapio começavam a morrer litteralmente de fome. O resultado foi um clamor geral contra o pobre sancto: os sacerdotes accusavam-no de impio e de bruxo, os medicos de charlatão. O odio contra elle chegou ao ultimo auge: só faltava uma occasião para a vingança: esta não tardou a apparecer.

«Não, que não havia de chegar! — rosnou o barbeiro, que, espécado em frente do pulpito, meneava a cabeça laudativamente de quando em quando, em honra da eloquencia de Fr. Timotheo, que, narrando a vida do sancto, esbravejava como um possesso. — Não, que não havia de chegar! Bastavam os medicos. Os medicos e os cirurgiões! Postoque, até certo ponto, pertença á faculdade, hei-de dizê-lo: é a classe mais invejosa do merito que eu conheço.»

O barbeiro pensava assim havia muitos annos: desde que fora cruelmente arranhado por

tres raposas, que os lentes do Hospital lhe tinham largado ás pernas em um exame de sangrador. Boas ou más, eram as suas doutrinas.

Entretanto o arrabido continuava a lenda de S. Pantaleão: as idéas que della conservo são as seguintes:

Neste meio tempo veio a Nicomedia o imperador Maximiano. S. Pantaleão restituiu perante elle a um paralytico o uso dos membros, o que nem os sacerdotes pagãos, nem os medicos tinham podido fazer, mostrando assim quanto era poderoso o Deus dos nazarenos. Mostrar aos poderosos que se tem razão contra elles é o maior dos perigos do mundo. S. Pantaleão experimentou-o. Lançaram-n'o ás feras no circo: mas as feras, em vez de o devorar, vieram lamber-lhe os pés. Cresceu a colera do imperador. Mandou atá-lo a uma grande roda e soltá-lo por uma ladeira abaixo: mas as prisões quebraram-se e o suppliciado ficou illeso. Então ordenou que o degolassem. O sancto, segundo parece, estava saciado de prodigios: ao golpe do algoz a cabeça voou-lhe dos hombros, e a sua alma, subindo ao céu, viu o proprio nome escripto no livro dos martyres. O inferno e a tyrannia tinham sido mais uma vez vencidos.

Tal é em poucas palavras a historia do san-

cto orago da aldeia, que constituia os dominios espirituaes do padre prior.

A noite, que precedeu a grande solemnidade da parochia, foi semelhante naquelle anno, em que succedeu o caso da Bernardina, ao que havia sido no anno antecedente; semelhante ao que costumam ser taes noites nos campos deste nosso bom Portugal. Um coreto cuberto de velhos razes alteava-se á porta da igreja; delle resfolegava uma selvagem, e, ás vezes, atrozmente desentoada musica, e em baixo crepitavam as fogueiras. Como faltariam fogueiras no mez de julho e em festa saloia? Os fogos nocturnos são o symbolo da alegria; mas cumpre que se repintem no céu diaphano e estrellado. Debaixo de uma atmosphera crassa e negra, o seu reflexo tem o que quer que seja soturno e infernal. O sentimento poetico está mais vivo e puro nas almas habituadas ás harmonias campestres do que em nós, os habitantes das grandes cidades: é por isto que os camponezes accendem no estio as fogueiras festivas, usança que, como todos sabem, offende o nosso profundissimo e estupidissimo senso-commum. Eu, por mim, que graças a Deus, não tenho a honra de pertencer á classe desses que lidam, contentes de si, por se bambolearem no vertice da animalidade

pura e que se chamam homens da vida positiva, digo que, por mais ardente que vá o estio, amo uma fogueira no arraial em vespera de festa, e aquelle estourar e chispar dos foguetes que roçam rapidos pelo manto escuro da noite. Sei tambem que o consumir-se polvora em esbombardear cidades e em alastrar de cadaveres um campo de batalha é cousa muito mais philosophica e sisuda, do que desbaratá-la nas festividades supersticiosas do povo. Mas nem todos podemos ser philosophos, e eu tenho quéda particular para a superstição.

E que quereis? O catholicismo é jovial: o seu culto, como o vulgo o entende, é ruidoso e risonho e brilhante e attractivo e sociavel, e por isso debalde trabalharieis por arrancá-lo ao povo, que vive e morre no meio do trabalho, dos cuidados, das privações. O domingo, o dia sancto, o orago da parochia são os seus dias de contentamento e repouso. Abençoado quem inventou os oragos! Pois as invocações da Virgem, e a advocacia dos sanctos?! Mil vezes bemdicto quem os multiplicou! Ridevos, se vos aprouver, dos que crêem que tal Senhora obra mais maravilhas que todas as outras Senhoras junctas; que tal sancto é remedio infallivel para esta ou para aquella enfermidade. As preces levam, pelo menos, uma

vantagem ás drogas dos physicos: não custam nada e são mais ricas de esperança, e a esperança é a maior, quasi a unica virtude dos medicamentos. E depois, as devoções, as promessas geraram as romarias, as festas e logo as feiras e todo esse franco e alegre folgar das multidões, que voltam de lá contentes, sem tedio e sem remorsos, o que nem sempre nos acontece nos nossos prazeres das cidades, a que bem longe estamos de associar nenhum pensamento de Deus.

Alguns economistas destes tempos dizem — «as feiras vão-se» — como certos doutores de ha uns annos diziam, alludindo ao christianismo — «*os deuses vão-se*». — Oh semsaborões de meus peccados! Nem os deuses, nem as feiras se vão. Tudo isso fica, porque o abriga e salva a egide encantada do amor popular: vós é que tendes seguro o passardes: e se fizerdes o vosso ablativo de viagem nalguma aldeia, como a do meu padre prior, lá do adro, onde haveis de jazer, alevantae a caveira descarnada, no dia de S. Pantaleão ou do sancto influente do logar, qualquer que elle seja, e vereis o foguete subir aos ares, e os Manueis e as Bernardinas de então a feirarem-vos, em revindicta, sobre as cinzas, que as ventanias terão espalhado, e ouvireis os ram-ram da

guitarra e o cantar ao desafio e o bradar dos leilões de cargos, e aviventar-vos-ha o olfacto o cheiro do incenso, envolto em rolos de fumo, que, espalmando-se nas faces dos gordos cherubins pintados no tecto, surdirão pelo portal da velha igreja remoçada d'ochre e virão embalsamar os ares: inclinae, não as orelhas, que não as tereis, mas os ouvidos em osso, escutae o futuro padre prior alevantando o *Gloria*, e o prégador — ai! já não será um fradalhão arrabido!... — contando, voz em grita, as maravilhas do martyr. Então reconhecereis a vaidade das vossas doutrinas, e morder-vos-heis e damnar-vos-heis, dizendo com as vossas costellas esbrugadas, á falta de botões: «Bem nos prégava aquelle grande chronista do padre prior! Aquillo é que era homem de juizo! *Miserere mei, Deus, quia asinificavimus!* Compadece-te de nós, Senhor, porque asneámos!»

Agora por asnear, acudamos a um reparo, antes de ír mais longe. Já ouço um destes oragos de botequim (tambem aquelles templos têm seus oragos); um destes eruditos em Balzac e Marryat, em Paul de Kock e Dickens, sacudir a melena amellada, affastar da boca o charuto apertado entre o pae-de-todos e o fura-bolos, salivar com os dentes cerrados, dando um som de espirro de gato, tomar a

postura solemne que estudou numa gravura em madeira do Anthony de Dumas, e dizer-me em tom pausado e soturno: — «Oh malfeliz, malfeliz! que, em vez de empregares esses raios do fogo ceruleo e invisivel das inspirações estheticas, que, da mysteriosa solidão em que se dilata o halito celeste da summa intelligencia, desceu aos abysmos intimos da tua essencia, em depurares o sentimento religioso das suas formulas materialisadas, para o transportares ás regiões ideaes do culto intimo, seguindo os vestigios das notabilidades mais remarcaveis da intellectualidade actual, que fluctuam nos grandes centros de luz progressiva chamados París e Londres, vertes os teus sarcasmos, baixos, triviaes e desgostantes, sobre o espiritualismo pantheistico, apoias o fetichismo e poetisas (crês poetisar, digo eu) essas festas da populaça e esses prazeres gordureiros das massas, que sublevam o coração daquelle que adora o supremo architecto no silencio interior, emquanto os seus labios estão immoveis, como se elles fossem de marmore explorado nas carreiras de Paros! Escriptor retrogrado e condemnavel, que, em logar de combateres a barbarie do paiz, pretendes atacar mais o povo ao obscurantismo, que dirão as summidades do jornalismo estrangeiro e

os toiristas e impressionistas viageiros, quando lançarem seu golpe d'olho d'aguias para o Portugal, e virem sua materialisação supersticiosa inculcada e suas tradições grosseiras exaltadas? Repetirão o que o immortal marido de Lady Byron dizia de nós, a proposito de uns cachações com que o massacraram certa noite á saída de S. Carlos:

Nação impando de ignorancia e orgulho,
Que lambe e odeia a mão que brande a espada
Que do Gallo assanhado á zanga o rouba [1],....
.....
Onde é sujo o palacio ao par da choça,
E o hospede forçado em lama trepa;
Onde nobres, plebeus nunca pensaram
Em ter limpa a casaca ou roupa branca [2],
Postoque a lepra egypcia os cubra e ròa,
Intacta d'agua a pelle, e a grenha hirsuta.

Servos torpes e vis [3], bem que nascidos
Nas pompas da creação. Tola és, natura,
Com defuntos ruins em gastar cera.

---

[1] Isto escrevia o nobre Lord em 1809, quando os ingleses reivindicavam dos franceses o throno de Beresford 1.º occupado pelo usurpador Junot 1.º —*(Nota do gamenho que fala.)*

[2] Estylo epico em Inglaterra e na Cafraria.

[3] *Poor paltry slaves!* — *Pobre* na livre Inglaterra é synonimo de *desprezivel e vil,* por isso traduzo assim.—*(Nota do gamenho orador.)*

Eis o que elles dirão, lendo a tua inconscienciosa defesa dos costumes e credulidades dos tempos do jesuitismo e da inquisição.»

Tal reparo antevejo eu que me ha-de ser feito pelos pensadores da nossa terra, por estas ou por outras palavras. Respondo — «o que escrevi escrevi.» A primeira vez que pûs os olhos naquelles bonitos versos do Childe Harold, impei. Fui vivendo e lendo, e affiz-me ás injurias de estranhos. Livros, jornaes serramadeiras, jornaes populares, jornaes atoalhados, jornaes lençoes, em se tocando em Portugal, sancta Barbara, advogada dos trovões, nos acuda! Fervem as calumnias, os motejos, as accusações de todo o genero, o que indubitavelmente é grande, é nobre, é generoso! O dar é assim! — numa nação cuja lingua, pouco conhecida na Europa, torna impossiveis as represalias. E se fosse a verdade só! Muitas verdades amargas nos poderiam dizer, como se podem dizer a todas as nações do mundo; mas a calumnia tem mais pilheria, e Portugal é um thema em que até os ingleses querem ter graça! Os franceses ainda alguma vez, por engano, nos fazem justiça: elles nunca. Em Inglaterra não ha nenhum tolo que não faça um livro *tourist*, nenhum architolo que não o faça sobre Portugal: estes livros e os

sermões constituem o grosso da sua litteratura [1]. Assim, oh philosopho idealista progressivo, eu sei tão bem como tu, o que nos ha-de custar a festa de S. Pantaleão, quando esta famosa historia for caír nas mãos dos criticos d'além-mar. Mas pensas que me faltará moeda para dar troco ás miserias de revisteiros, touristas, magazineiros, e fazedores de livros em sarapatel mascavado de normando e teutonico, surripiado por metade em cada palavra, na melodiosa pronunciação britannica? Enganaste, oh caricatura viva do Anthony morto! Enganas-te! Quando os ingleses se rirem de elles terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos, como creanças, pelas barbas abaixo. Quando elles compararem o Strand ou Regent-Street com os arruamentos da nossa cidade baixa, agachemo-nos. Quando perfilarem as suas estradas com as nossas

---

[1] Não me persuado de que nenhum leitor tome ao pé da letra este brinco litterario. A Inglaterra é uma grande nação, e possue no seu gremio muitos homens honestos, sabios, e por todos os modos respeitaveis. Mas a essa classe não pertencem por certo aquelles, que, propondo-se illustrar o povo, escrevem ácerca de uma pobre nação, que nunca os offendeu, toda a casta de absurdos e mentiras insulsas.

azinhagas reaes, cubramos a cara. Mas quando compararem as venturas do homem de trabalho inglês com a triste sorte do peão português, risada. Quando opposerem as virtudes e illustração das suas classes infimas á barbaria e estupidez das nossas, duas risadas. Quando encherem as bochechas das suas velhas liberdades (do tempo de Ricardo III, de Henrique VIII, de Isabel, de Cromwel e de Carlos II), das suas leis de propriedade em particular e da clareza, simplicidade, e rectidão de todas as suas leis em geral, e nos atirarem á cara o absolutismo dos nossos antigos monarchas, a bruteza da nossa ordenação, a intolerancia dos inquisidores, trinta risadas. Quando, emfim, nos offerecerem, em escambo das nossas crenças e dos nossos costumes religiosos, os seus costumes e a sua crença, que esborôa ha mais de dous seculos em quatrocentas crençasinhas, com seus nomes muito arrevesadinhos, quatrocentas risadas ou, antes, uma risada só, mas retumbante, macissa, inextinguivel, como aquellas famosas gargalhadas dos deuses de Homero. O caso é disso! Se caíssemos na troca, ficavamos lograda. Traziam-nos de envolta na carregação dos sermões domingueiros, os dizimos e as bruxas, de que ha muito estamos livres, pela mi-

sericordia divina, e que são os dois maiores flagellos da Inglaterra, depois da lei dos cereaes e dos arrendamentos das terras, que ahi alugam, até por semana, a dez milhões de esfaimados quatrocentos mil proprietarios gordos e anafados.

Ao menos são quatrocentas mil barrigas de uma amplidão respeitavel, campeando entre dez milhões de irmãos nossos, que não foram formados de barro, como nós e Adão, mas de massa ensossa de batatas.

V

Excurso patriotico

Falemos serio: não comtigo, philosopho esthetico-romantico-progressivo, que não vales a pena disso, mas com o povo português que fala português chão e intelligivel. Falemos serio, porque estas materias de crenças e de culto são cousas graves e sanctas. Saber resistir á violencia é forte, mas vulgar; saber resistir á calumnia e aos motejos é maior esforço e mais raro. Envergonhemo-nos do que houver mau e corrupto nos nossos costumes; envergonhemo-nos de, muitas vezes, não seguirmos na vida practica os dictames do christianismo: não nos envergonhemos, porém, do culto dos sete seculos da monarchia.

A lingua e a religião são as duas cadeias de

bronze, que unem, no correr dos tempos, as gerações passadas ás presentes, e estes laços, que se prolongam através das eras, são a patria. A patria não é a terra; não é o bosque, o rio, o valle, a montanha, a arvore, a bonina: são-no os affectos que esses objectos nos recordam na historia da vida: é a oração ensinada a balbuciar por nossa mãe, a lingua em que pela primeira vez ella nos disse:—«meu filho!»—A patria é o crucifixo com que o nosso pae se abraçou moribundo, e com que nós nos abraçaremos, tambem, antes de ír dormir o grande somno, ao pé do que nos gerou, no cemiterio da mesma aldeia em que elle e nós nascemos. A patria é o complexo de familias enlaçadas entre si pelas recordações, pelas crenças e, até, pelo sangue. Tomae, de feito, as duas dellas que vos parecerem mais estranhas, collocadas nas provincias mais oppostas de um paiz: examinae as relações de parentesco de uma com outra familia, quaes as desta com uma terceira, e assim por diante. Dessa primeira, que tão estranha vos pareceu, á ultima, achareis o fio, enredado sim, talvez inextrincavel, mas sem solução de continuidade. Uma nação não é só metaphoricamente uma grande familia: é-o tambem no rigor da palavra.

A oração que consolou nossos avós nos consola no dia da amargura: o gesto com que imploramos a Providencia é mais vehemente quando nos foi transmittido por aquelles que pedem por nós a Deus. E' por esse meio que os homens apertam mais os laços invisiveis que os unem aos seus maiores; porque o sentimento mysterioso da familia, e portanto da nacionalidade, se purifica e fortalece quando se prende no céu.

Vede na historia a prova de que a religião póde por si só crear uma nacionalidade mais rapidamente que todos os outros elementos que tendem a compôr as nações. Considerae as cruzadas; essa multidão de homens nascidos em paizes diversos, entre os quaes não ha nenhuma communidade de interesses, antes muitas vezes odios sangrentos e fundos. Lá na Asia, em frente do islamismo, formam um só povo; são irmãos, porque ajoelham todos ante o mesmo altar, combatem todos pela mesma idéa religiosa. Olhae para os mussulmanos: vede o koran, agglomerando, assimilando o beduino e o egypcio, o alarve do Atlas e o negro de Al-Sudan. Onde quer que um pensamento grande precisa de toda a energia de uma unidade social para se desenvolver e realisar,

lá haveis de encontrar a religião, produzindo essa energia.

Se isto é assim, qual culto, entre os de todas as parcialidades christans, será mais efficaz em gerar essa unidade forte do amor patrio, que dá, não tanto a vida activa e exterior, como uma vida intima, escondida, tenaz, que resiste á morte e á dissolução sociaes? Serão essas mil variações do protestantismo, que diariamente se vão subdividindo e condemnando umas pelas outras; essas crenças incertas, em que o filho já despreza o culto que o pae seguiu, e o neto desprezará o de ambos? Quando e onde, não dizemos na mesma cidade e na mesma rua, mas na mesma familia, emquanto o marido dorme ao som monotono do sermão anglicano, sublime de trivialidade e tedio, a mulher dá representações de Bedlam [1] numa senzala de quakers ou de methodistas, póde acaso dizer-se que ahi a religião é laço que impeça a morte do corpo da republica, não nos dias de ventura e prosperidade exterior, em que é facil conservar pelo orgulho a unidade nacional, mas nas epochas de calamidade e decadencia? Parece-nos pouco provavel. Ahi,

---

Bedlam, como a maior parte dos leitores sabem, mais famoso hospital de doudos em Inglaterra.

as prisões moraes da familia são apenas habitos humanos e não estão harmonisadas e sanctificadas por se prenderem no céu: o primeiro sopro das paixões ou da desventura as reduzirá a pó. A historia tambem no-lo diz, e a historia não é senão a prophecia do futuro.

O protestantismo accusa o catholicismo de se haver affastado da pureza christan antiga, e gaba-se de ter revocado o christianismo ás suas tradições primitivas. O discutir tal materia, em relação ás doutrinas, fora insensato: os tempos dessa argumentação consummaram-se: tudo por este lado está dicto de parte a parte. Quanto, porém, ás formulas exteriores do nosso culto, são essas que ainda hoje attrahem os insulsos motejos da imprensa protestante; é o culto catholico, principalmente, que dá origem áquellas graças inglesas, tão agudas, como a intelligencia dos habitantes do *Bethnal-Green* de Londres ou do *Winds* de Glasgow, embrutecidos pela fome, pela embriaguez e pela immundicie; tão brilhantes e leves, como o fumo de carvão de pedra que constitue a atmosphera britannica. Diariamente são accommettidas as duas nações das Hespanhas nos seus habitos religiosos por homens, que empregariam melhor o tempo em estudar os cancros asquerosos,

que devoram moral e materialmente a classe popular no seu proprio paiz, e em pedir á riqueza, só poderosa, só respeitada, só insolente, mais alguma caridade para com os muitos milhões dos seus compatricios, que lidam, cheios de fome e de frio, cubertos de farrapos e vermes, para accumularem aos pés de bem poucos homens as fortunas incalculaveis e quasi fabulosas, que alimentam o luxo desenfreado de Londres; da Roma, ou, antes, da Babylonia moderna.

Por certo, que no culto catholico se têm introduzido abusos, e para isso contribue muitas vezes o proprio clero, menos instruido, menos bem educado, moralmente, que o clero anglicano. Mas, em que é culpado o culto da pouca instrucção dos seus ministros e dessa falta de educação moral, que diversas causas, alheias á religião, têm trazido e trazem ainda? É a igreja que recommenda a ignorancia? São os abusos consequencias logicas das doutrinas catholicas? Eis o que cumpriria se provasse, como não é difficultoso mostrar que o protestantismo, querendo annullar as pompas e os espectaculos, as formulas externas e brilhantes do catholicismo, matou tudo o que a crença do Calvario tinha de uncção, de consolações, de affectos para o commum dos

seus sectarios, e converteu a religião numa certa metaphysica nevoenta, que foge á comprehensão das almas rudes e vulgares, quebrando todos os esteios a que, nesta vida de tristezas e dores, ellas se encostavam para confiarem no céu e consolarem-se na esperança; porque esses arrimos, necessarios á sua fraqueza intellectual, eram o unico meio de subirem até o throno de Deus e descerem de lá armadas de resignação para continuarem a luctar com as tempestades da existencia. O protestantismo foi só feito para os ditosos e abastados da terra!

Vede aquella casinha, tão humilde e só, no meio de um descampado. Lá, sobre camilha dura e rota, delira em accesso febril um filho, unico amparo da mãe desditosa, que véla, chorando ao pé delle. Na sua solidão e miseria, nenhuns soccorros humanos póde esperar a pobre velha, cujas mãos trémulas em vão tentam conchegar as roupas que o febricitante arroja, murmurando afflicto com o ardor que o devora. Uma lampada de ferro, que alumia frouxa o aposento, arde no canto opposto, diante de uma grosseira e affumada imagem da Virgem. A triste mãe volve para lá os olhos, embaciados da idade e das lagrymas, e sente que não se acha inteiramente

abandonada. Ali está outra mãe que tambem derramou pranto por um filho; pranto mil e mil vezes mais amargoso que o seu. Ella ha de comprehender-lhe a afflicção e valer-lhe, porque é boa, e poderosa ante Deus. Ei-la, a pobre velha, que trôpega se arrasta e ajoelha aos pés da imagem e cruza as mãos enrugadas e ora; ora com fé viva. Na procella de terrores que a cercam começa a bruxulear uma luz de esperança: espera, porque crê na possibilidade da intercessão e dos milagres; e anima-se, e a tempestade da sua alma asserena-se, e a dor mitiga-se, porque, no meio das lagrymas e das resas, ella pensa lá comsigo que aquella imagem trouxe já muitas consolações a seus paes, a ella mesmo e a toda a familia, e que a Virgem Sanctissima ha-de acudir-lhe ao seu filho, que, desde pequenino, gostava de ir apanhar as flores campestres para enfeitar a Senhora, e que tantas vezes, á noite, antes de se deitar, ía pôr-se de joelhos, alli onde ella estava e resar uma salve-rainha. Quantas vezes, depois destas orações ardentes, volve Deus olhos compassivos para a morada da miseria e da amargura, e obra, não um milagre inutil, mas o beneficio que faria qualquer medico, se na habitação solitaria houvesse a possibilidade

de se buscarem os soccorros da sciencia humana!

Dirá o protestantismo que isto é idolatria? Que! Ignora, acaso, o mais grosseiro catholico que acima dessa imagem está o espirito puro que ella representa, e que acima desse espirito está Deus? O catholicismo, no seu culto das imagens, nas suas festas, nas suas *visualidades*, como vós lhes chamaes, commetteu o grave erro de suppôr que a maioria do genero-humano não era composta de philosophos, nem capaz de um espiritualismo absoluto; de abstrahir inteiramente das cousas sensiveis para remontar ao céu.

O catholicismo lembrou-se das doutrinas do Christo; accommodou-se á curta comprehensão dos pequenos e humildes. Vós tendes um evangelho mais fidalgo e altivo. O protestantismo convem por isso ao Reino-Unido, onde os quatrocentos mil senhores do solo são tudo, e são nada quinze ou vinte milhões de servos de gleba e de mendigos.

E como deixaria elle de ser exclusivo, aristocratico, orgulhoso? Essa crença ou, antes, essa infinidade de crenças, unidas só em guerrear a igreja de dezoito seculos e que, no dia em que lhes faltasse o inimigo commum, se despedaçariam mutuamente, não podem dei-

xar de viver de um mysticismo perfumado, de um culto inintelligivel para o povo. Desde que a reforma substituiu á auctoridade e á tradição a sciencia humana, o raciocinio e a discussão saíu do templo para a eschola; transformou-se de fé em theoria. Então, o christianismo deixou de ser uma cousa practica e positiva para todos os homens: os espiritos grosseiros e ignorantes acceitaram-no como um costume que acharam no mundo, sem affecto, nem má vontade, e as imaginações desregradas fizeram cada qual uma religião a seu modo. Deram uma biblia ao ganhapão, ao porcariço, ao bufarinheiro, e por esse facto constituiram-n'o theologo, sancto-padre e, até, concilio. Creram ter estendido ao genero-humano a maravilha das linguas de fogo, que desciam sobre os apostolos, e ficaram muito contentes de si. As multidões é que ficaram tristes e desconsoladas, porque tinham desapparecido de redor dellas todos os symbolos, todas as imagens que lhes serviam como de marcos milliarios para buscarem a Deus.

Affigurae-vos, de feito, o exemplo da mãe idosa e miseravel que vê em trances mortaes o filho, seu unico abrigo; buscae este exemplo, ou outro qualquer, porque entre os peque-

nos não são raras nem pouco variadas as occasiões de asperos infortunios. Lançae a mãe afflicta no seio do protestantismo. Qual refugio lhe offerecerá a religião; refugio immediato, solido, esperançoso? A biblia? Tambem nós sabemos que thesouros encerra a biblia; tambem nós sabemos quantas vezes as suas paginas divinas têm feito dilatar em torrentes de lagrymas as negras aperturas do coração; tambem nós sabemos que dessa fonte inexhaurivel manam a resignação e a paz: a igreja catholica sabía-o muitos seculos antes de vós existirdes. Mas quem vos assegura que a pobre velha achará a passagem analoga á sua situação; que encontrará nas palavras do livro sacrosanto o conforto de que carece e a esperança do soccorro immediato e sobre-humano de que, não menos, precisa? Quem vos assegura, emfim, que ella saberá ler? Ou é que no paiz dos *quakers* a inspiração tambem faz de mestre-escola, como exercita o mister de mestre de theologia?

E depois, não sabeis, que a dor moral do homem do povo tem gemidos e queixumes; é estrepitosa, delirante, sincera? que não se reporta, não se esconde, e vem ao gesto, aos maneios, aos olhos, á voz, como a dor physica! Julgae-la, semelhante ao *spleen* do dandy,

ou ao devorar intimo e calado das almas a quem a educação e a sciencia ensinaram a dignidade das grandes agonias? Estes taes, exteriormente tranquillos, podem encostar-se ao braço, fitar os olhos no livro aberto ante si, e aspirar naquellas paginas sublimes e profundas o halito consolador que dellas espira. Mas para o homem do povo, quasi primitivo, quasi selvagem, cujos olhos nadam em pranto, e que se estorce e brada, flagellado pela afflicção, a biblia é, nesses instantes, inutil; porque é impossivel. Deixae-lhe a imagem do sancto, o crucifixo, o voto, o altar domestico, a lampada accesa ante o vulto do martyr ou da Virgem; deixae-lhe o ajoelhar, o gemer, o resar, o fazer promessas. Deixae os symbolos materiaes da confiança na Providencia á imbecilidade da natureza humana, aliás, crendo anniquilar a superstição e a idolatria, não fareis senão matar a vida moral e religiosa do povo.

Se nos dias, desgraçadamente mui communs, das maguas extremas só o catholicismo tem conforto para o homem rude, nos de contentamento só o catholicismo tem festas que convertam para a gratidão e para Deus o seu goso interior, que tende a trasbordar em risos e folgares. O simples repouso do domingo,

para aquelle que, condemnado a lavor indefesso durante a semana inteira, compra, á custa de suor e cansaço, um pouco de pão duro e grosseiro, é uma alegria semelhante á do preso, que, adormecendo em ferros, despertasse livre. Aquelle coração precisa de dilatar-se, aquelles sentidos de recrearem-se, aquelle espirito murcho e triste de se tornar viçoso, de desabrochar de novo ao sol da vida, ao menos nalguns desses dias reservados para o descanso. É então que o catholicismo lhe offerece as pompas das suas solemnidades; o templo illuminado, os canticos dos sacerdotes, as harmonias do orgam, o espectaculo brilhante das vestes sacerdotaes e dos adornos do altar, os ramilhetes povoando os degraus do sanctuario ou juncando o pavimento, o incenso embalsamando a atmosphera. E, como tudo isto é para as multidões, o culto trasborda do estreito recincto e derrama-se pelas ruas, pelas praças, pelos campos, em procissões, em cirios, em romarias, e o povo fluctua, folga, resa, tripudia, esquece-se dos seus destinos de miseria e trabalho, ama a religião que o consola, e, voltando ás suas habituaes fadigas, leva para o meio dellas a saudade do dia-sancto e as recordações affectuosas da igreja

E o protestantismo? O protestantismo despedaçou os vultos dos sanctos, prohibiu os oragos, as romagens; esfarrapou alvas, casulas, amictos, pluviaes; apagou as luzes; varreu as flores; assoprou o incenso. Fechou-se na celebração do domingo; e fez bem! bem ao povo a quem para tedio e tristeza, nos paizes protestantes, sobeja o domingo. E porque fez elle isto? Foi porque essas cousas eram superstições papistas; as imagens idolatria, a agua benta agua lustral, as vestes sacerdotaes indecencias ridiculas, as cerimonias visagem, a missa mentira. Passagens da biblia e compridos sermões ficaram bastando ao culto externo, e, se alguma cousa deixaram ainda a esta poetica e attractiva, foi o canto dos psalmos e a harmonia do orgam; porque, como todos sabem, nas ágapas dos christãos primitivos cantavam-se os psalmos ao som do orgam!! Os protestantes são indubitavelmente antiquarios eruditos, mas, sobretudo, logicos.

Qual foi o resultado desta reformação insensata de instituições antigas e venerandas? Foi que o culto se tornou num habito machinal, numa acção que se practíca, pela impossibilidade de se praticar outra. A policia vigia sobre isso. Deixe ella, ao domingo, abrir as lojas, os passeios, os estabelecimentos publi-

cos, os espectaculos, as fabricas e as officinas; deixe correr nas veias do corpo social o sangue comprimido, e os templos dos districtos d'Inglaterra mais fervorosos no protestantismo ficarão tão ermos como as igrejas da Irlanda, onde o reitor prega ao sacrista o suado sermão que ha-de um dia, impresso, alumiar o mundo, emquanto o seu recalcitrante rebanho, á porta do presbyterio solitario, ouve, ajoelhado na rua, a missa que, em altar portatil, lhe diz o pobre clerigo catholico, verdadeiro e legitimo pastor, a quem incumbe consolá-los, bem como ao parocho protestante pertence... o que? Fazer prédicas ás paredes e comer os dizimos, sacramento que, de certo, o puritanismo protestante achou nalgum alfarrabio velho ter sido instituido por Christo!

Temos ouvido lamentar ás pessoas de boa fé excessiva, destas que estudam as nações nas apparencias e não na vida intima, que o catholicismo não tome entre nós a severidade e decencia exterior do culto anglicano; que o dia consagrado ao Senhor não seja guardado pontualmente; que as nossas igrejas não offereçam na celebração dos officios divinos a gravidade, o silencio, a ordem, o aceio de um templo protestante, nas horas destinadas á

oração. No estado actual das sociedades, em que o fervor dos primeiros tempos christãos tem esfriado, em que, tanto entre catholicos, como entre protestantes, a religião deixou de ser o primeiro ou, ao menos, o exclusivo negocio dos homens, o que elles desejam sería impossivel e, se absolutamente um bem, relativamente um grande mal; porque as causas que facilitam esse estado de cousas em Inglaterra são a prova mais clara da morte, se não de uma certa religião vaga, em que os espiritos mais cultivados se alevantam até ao pé do throno de Deus, ao menos da religião positiva e practica e bem definida, morta e enterrada ha muito na mina de carvão de pedra chamada Gran-Bretanha.

Já dissemos que não é tanto o sentimento religioso que guarda em Inglaterra a decencia do culto, como a admiravel policia inglesa. Quem não o sabe? Quem ignora que, naquelle paiz, a religião tem a natureza de outra qualquer formula material da sociedade; que é uma cousa como o regimento, a nau de guerra, o *work-house?* Ao christão um vigario, uma biblia, e a cadeia se perturbar o officio divino; ao soldado um coronel, uma espingarda e uns açoutes, se mecher a cabeça na fórma; ao marinheiro um commodóro, um posto juncto

da amurada e um mergulho por baixo da quilha, se offender a disciplina; ao miseravel que vai caír no *work-house* um director implacavel, uma atafona e ração curta para aprender a deixar-se estalar á mingua sem pedir esmola. A cada instituição suas condições, sua sancção penal, seus destinos: o regimento serve para provar aos chartistas que a melhor organisação politica possivel é a que faz morrer annualmente milhares de obreiros de fadiga, de fome e de febres putridas, sobre uma pouca de palha fetida e humida, no fundo de subterraneos; a nau serve para civilisar a India pelas contribuições, e moralisar a China pelo opio; o *work-house* serve para curar radicalmente os que não têm nem pão nem camisa do vicio infame da mendicidade; emfim, a igreja dominante *(established church)* serve para sustentar de dizimos muitas familias honradas, com as modestas e reformadas prebendas anglicanas, entre as quaes nenhuma excede a vinte mil libras esterlinas *per annum,* que, em moeda portuguesa, apenas montam a uns miseraveis duzentos mil cruzados.

O templo catholico é commummente o symbolo da completa igualdade; lá não ha distincções, senão para os ministros do culto; e quando o orgulho humano, que forceja sem-

pre por invadir ainda as cousas mais sagradas, vai ahi profanamente estender o tapete aristocratico e collocar sentinellas, o povo murmura, e murmura em voz alta; porque sabe que na sociedade christan só ha um Grande e Poderoso, que é Deus. Os nossos habitos, as nossas idéas são que o mais commodo, o mais distincto logar do templo pertence ao que primeiro o occupou. O catholicismo entendeu que, diante da magestade do Creador, os vermes cubertos de brocado não o são menos que os vermes cubertos de farrapos. Assim, o vulgo dos fiéis precipita-se como torrente através dos umbraes da igreja; estrepita nas lageas do pavimento com os seus sapatos ferrados; roça com o burel grosseiro as finas sedas dos nobres e abastados; affasta com as mãos calosas os grupos alindados dos peralvilhos; esquece-se, emfim, dos respeitos humanos, que se guardam e devem guardar cá fóra. Como, pois, obter a ordem, as attenções, o silencio? O nosso povo é rude e mal educado (não o gabamos por isso; mas o vulgacho inglês leva-lhe, em bruteza, incomparavel vantagem); o nosso povo conserva dentro do templo os habitos ruidosos, inquietos, grosseiros da praça publica. E poderia elle despi-los de subito ao entrar na casa de

Deus? Prova, acaso, desprezo pela religião, o borborinho que ahi sôa? Examinae os que parecem estar com menos respeito e decencia; os que falam e se agitam: são aquelles entre os quaes o christianismo iria achar os seus martyres, se viessem de novo os tempos em que a crença do Crucificado precisava de ser revalidada pelo sangue dos seguidores da cruz. Que esses pobres tontos, que nos motejam sem nos conhecerem, venham estudar o catholicismo português, se disso são capazes, e saberão se nós falamos verdade.

Nestas consequencias, tão logicas, tão rigorosas do caracter primitivo da religião christan e do estado das classes inferiores da sociedade, pôs cobro a igreja anglicana. E' verdade que Jesu-Christo, segundo o evangelho, *na traducção vulgata,* chamou principalmente os pobres e humildes; e, se no templo ha quem valha mais que outrem, não são, por certo, aquelles que o filho de Deus achava mais anchos para entrarem no reino dos céus do que um camelo para entrar no fundo de uma agulha. A igreja reformada entendeu, provavelmente, que outra era a interpretação do evangelho; porque é corrente que os catholicos nunca souberam grego, desde S. Jeronymo até Angelo Policiano ou Ayres Barbosa,

para o poderem interpretar bem. Assim, em Inglaterra, aquellas tão formosas e vastas cathedraes da idade-média, a que só falta um culto poetico e consolador para serem sublimes, repartiram-se em camarotes de theatro, fechados á chave, e alguns, até, com todos os requisitos desse *comfort*, que só os ingleses conhecem bem. As jerarchias do dinheiro e do sangue estão lá rigorosamente guardadas: pelo logar dos stallos e pelo seu luxo, os espiritos habituados á topographia da *Church* podem orçar o numero d'avós ou os milhares de libras que possue cada filho da igreja anglicana: o commum dos villãos, empurrados para ao pé da porta, lá perdem em parte os deliciosos periodos do sermão do reitor, encarregado de acalentar... queremos dizer de conservar puros na fé, averiguada e decretada pela grande theologa chamada a rainha Isabel, os seus *dizimados* freguezes.

E o vulgo? Os homens do trabalho, da fome, dos farrapos? Os tres quartos da população inglesa? Esses? Esses lá têm o templo da esperança e do consolo: lá têm o *gin's palace* (palacio da genebra), a taberna. Na sua incrivel miseria, os homens que não podem encontrar Deus, porque a igreja anglicana lh'o collocou numa atmosphera nebulosa, onde o não

descortinam; porque o templo os repelle; porque o *priest*, com o seu aristocratico, pulido e perfumado sermão, não póde substituir a entidade exclusivamente catholica chamada o missionario, sublime de persuação, de energia e de virgem rudeza; os miseraveis, dizemos, atiram-se desorientados aos braços da embriaguez, porque a embriaguez tem o esquecimento, tem a sua horrivel alegria. Lá, no *gin's shop*, estendendo o braço cadaverico e vacillante para a destruidora bebida, sorvendo-a com phrenesi, essa especie de brutos com fórma humana resumem no seu aspecto e meneios e na decadencia de todos os sentimentos de pudor, as ultimas consequencias moraes do protestantismo.

Que nos seja permittido citar as proprias palavras de um escriptor moderno [1], que, melhor, talvez, que ninguem, pintou o estado presente das ultimas classes em Inglaterra e que em todos os factos que narra se funda ou nas proprias observações ou nos documentos officiaes publicados pelo governo inglês. Perfeitamente imparcial a respeito da Gran-Bretanha, o seu testemunho é o que

---

[1] Buret, De la misère des classes laborieuses (1842), Liv. 2, cap. 4.

mais a proposito podemos neste ponto invocar.

«A seriedade e o silencio com que este licor ardente (a genebra) é tragado fazem arripiar. E' como se o povo assistisse a um officio divino. Consummado o sacrificio, vão-se assentando no banco de madeira corrido em frente do balcão, e alli ficam quedos, mudos, como arrebatados em ineffavel extasi. Depois, passados alguns minutos, voltam ao balcão, tornam a beber, e repetem até se lhes acabar o dinheiro. Vai-se assim a ultima mealha. E têm animo de affrontarem o morrer de fome, elles e seus filhos, para se embriagarem. Provou-se, pelos inqueritos feitos por causa da lei dos pobres, que as esmolas em dinheiro dadas pelas parochias íam caír inteiras na taberna e só aproveitavam ao taberneiro. *O povo infimo da Inglaterra está de tal modo atolado no seu lodaçal, que não ha ahi caridade que possa desempégá-lo.*»...

«Sabem todos quão rigoroso preceito ecclesiastico e civil é o guardar o domingo em Inglaterra. A unica excepção da regra é a taberna. Lojas, tudo fechado; logares de honesto ou instructivo recreio, como hortos botanicos e museus, o mesmo. Só o *gin's shop* se abrirá de par em par a quem empurrar a porta com o pé.

O caso está em que pareça cerrada: duas meias portas solidas, que se fechem por si, fazem a festa: janellas fechadas: dentro lusco-fusco, como em sanctuario, e até sua luz de gaz. Tomadas estas cautelas, licença inteira, licença auctorisada para se venderem bebidas todo o dia sem lhe faltar hora. E é neste paiz que os caminhos de ferro estão devolutos por todo o tempo do officio divino, em honra do domingo! Emquanto, em Manchester, eu me espantava das largas que se davam ás tabernas, apresentava-se á camara dos Lords um bil para prohibir o transporte das mercadorias pelos canaes, no sagrado dia do domingo! Na cidade de Manchester ha jardins zoologicos e botanicos, que o povo frequenta gostoso; mas não se obtem da pontualidade anglicana que estejam patentes no dia-sancto; e os bispos, tão escrupulosos no mais, são indifferentes pelo que toca aos *gin's shops*, abertos publicamente e frequentados ao domingo. Não é singular que a cousa unica permittida ao povo seja embriagar-se?»

Não! — diriamos nós ao auctor do excellente livro que havemos citado. — O governo e a igreja da Gran-Bretanha sabem que entre a horrivel miseria das classes laboriosas, a embriaguez e o suicidio não ha uma quarta

cousa para suavisar a agonia dos tractos que a primeira dá ao homem do povo. A religião, que falava aos sentidos do vulgacho e, por meio delles, ao seu espirito, mataram-na, e como a morte não tem remedio, o protestantismo, crença de dous dias, mas já sem vigor e esfalfada, encommenda á religião das pipas o salvar os malaventurados obreiros, não do suicidio moral, mas, ao menos, do physico.

Dir-se-ha que o povo não está entre nós numa situação analoga á do povo inglês, para o catholicismo ser posto á prova? Felizmente isso é verdade. Mas já houve tempos quasi semelhantes, postoque ainda inferiores em terribilidade aos que vão correndo para a gente miuda de Inglaterra. Era quando a peste devastava as nossas cidades e ermava os nossos campos, levando-nos, ás vezes, mais de um terço da população. Ahi existem innumeraveis monumentos dessas epochas desastrosas: que appareça um só por onde se prove que o desalento popular buscasse conforto no vinho e na aguardente. Pois cá o remedio não era caro! O que achamos são as preces, as romarias, as procissões, as lagrymas, os votos, o sentimento exaltado da confiança e da resignação na Providencia. Achamos a pequena differença que vai de um christão a um bruto.

«E os irlandeses?»—Oh, bem sabemos que os irlandeses, catholicos como nós, na sua miseria monstruosa têm caído, se é possivel, ainda mais fundo que os ingleses. Mas, em rigor, esses catholicos na intenção e na crença podem, acaso, sê-lo no culto que aviventa o espirito? Onde lhes deixou o protestantismo os seus templos, os seus sacerdotes, os seus costumes religiosos? O vulgacho irlandês é o argumento mais dolorosamente persuasivo da necessidade dessas festas, dessas alegrias, dessas fórmas materiaes do culto. Sem ellas, o catholico miseravel embrutece-se como o miseravel protestante, e o seu embrutecimento vem, por outra parte, recordar-nos de que não é possivel achar um nome, que qualifique devidamente o descaro com que o anglicanismo, inquisidor implacavel e tenaz de tres seculos, nos lança em rosto as trinta mil verdades e as sessenta mil mentiras, que, com justissimo horror, se relatam da inquisição.

Eis o que nós podemos responder aos insulsos dicterios com que é diariamente vilipendiado o catholicismo português: e não dizemos tudo; não dizemos metade. Quanto aos motejos que nos dirijem, como nação pobre, pequena, fraca, isso não passa de uma covardia, que só deshonra a quem a practíca. Tra-

balhemos por levantar-nos da nossa decadencia. Será essa a mais triumphante resposta.

E com estas deambulações de patriotismo religioso, saltámos a pés junctos pela historia do padre prior. No capitulo seguinte daremos satisfação plena ao pio e benigno leitor.

VI

Bartholomeu da Ventosa

A quem não tem succedido, nas horas de solidão, no silencio da noite em que não póde dormir, ou no pino do dia calmoso, ao atravessar o bosque cerrado e sombrio, onde só se ouve o zumbir e o fervor dos insectos; a quem não tem succedido engolfar-se numa vaga meditação, e, por assim dizer, despenhar-se de pensamentos em pensamentos, presos por fio tão tenue, tão imperceptivel para a consciencia, que, depois dessa especie de devaneio, pretender remontar da ultima á primeira idéa sería baldado empenho, por falta de transições naturaes e logicas? E todavia, a alma, que, nessa situação, como que perde o sentimento da vida externa, lá achou, no seu

incessante cogitar, uma ponte invisivel para transpôr os abysmos que a fria, coixa e orgulhosa razão humana suppõe existirem, quasi a cada passada, no mundo da intelligencia. Quando o espirito se desata dos corpos; quando a imaginação, depurando o senso intimo o faz repellir a materia, fechando-se, como a mimosa pudíca, á acção grosseira dos sentidos externos, o homem alevanta-se até o viver de além da morte, a luz dos anjos alumia-lhe as profundezas mais obscuras do universo ideal, e elle sabe quaes os caminhos que, mergulhando pelos valles, unem as suas cumiadas brilhantes, unicos pontos que se podem enxergar da terra. O primeiro que disse: «*em tudo está tudo*» teve uma destas revelações da imaginação pura, revelação completa do ideal, que não é mais do que a fusão da variedade absoluta e infinita na infinita e absoluta unidade.

Mas estes momentos em que somos illuminados pelo sol da vida celestial passam rapidos: o espirito cai logo dentro dos limites da sua existencia de provança e desterro e, recordando-se confusamente daquellas inspirações fugitivas, sorri-se e chama-lhes sonhos, abusões, desvarios. É que a pobre e suberba razão, myope advogada do lodo e do crepus-

culo, rejeita com horror as cogitações puras e luminosas que Deus faculta, ás vezes, ao miseravel ente, creado quasi anjo por elle, e a quem o primeiro raciocinio que se fez na terra converteu em insensato e precíto.

E a que vem estas metaphysicas aqui? De que utilidade são ellas para a historia do parocho da aldeia e da festa do orago ha tanto tempo interrompida e que até agora não tem passado de divagações por objectos sem ligação com a vida e costumes do reverendo padre prior? — «Venha o padre prior: venha a festa — dirão alguns — e deixemo-nos dessas metaphysicas modernas, que escorregam por entre os dedos, e não passam de feixe de maravalhas, ao pé daquellas grandes philosophias dos ideologos, que até um sapateiro era capaz de estudar, batendo a sola e apertando o ponto; philosophia de pão pão, queijo queijo; philosophia substancial; philosophia d'ouvir, ver, cheirar, gostar e apalpar, roliça, atoucinhada, confortativa. Se era necessario algum troço da sciencia do *atqui* e *ergo* para atar estes capitulos ou capituladas da chronica aldean, porque não recorrer ao clarissimo Condillac, ao bisclarissimo Tracy? Para que parafusar em entes de razão impalpaveis, em armadilhas que trescalam ás parvoices germanicas, quando

estava ahi á mão a philosophia do senso commum, que é o senso patagão e russo, tupinamba e sueco, chim e dinamarquês, emfim o senso de todo o mundo?»

Ai, leitor, que ahi bate o ponto! Quem me dera isso! Quem me dera poder explicar por um capitulo tantos, paragrapho tantos, daquelle sancto homem de Locke o que me succedeu ao escrever esta famosa historia, e lançar na balança da tua inflexivel justiça uma desculpa de obra grossa dos meus rodeios, desvios e viravoltas na ordem e disposição destes importantes estudos! Por mais que scismasse, por mais que afferisse pelos bons principios ideologicos o meu trabalho, saía-me tudo torto: era querer levantar uma bóla com um gancho, ou firmar a taboa-rasa do philosopho inglês sobre uma das pontas de um dilemma. Como ageitar a minha narração deambulatoria pelas regras do methodo? Impossivel, impossibilissimo! Fiz então como Constantino Magno. Não achando escapula, nem esperança na religião da materia, em que me crearam, fugi para a religião dos espiritos, e por uma theoria de abstracção *subjectiva* expliquei, como Deus me ajudou, as minhas, aliás inexplicaveis, divagações. Encostado a ella, como a uma columna de basalto (de ba-

salto, porque as de marmore e de bronze estão muito safadas do uso quotidiano) rir-me-hei do mais abalisado doutor, que venha perguntar-me qual é a ordem logica das minhas idéas. A resposta está no que expûs: pontes intellectuaes, invisiveis, inappreciaveis pelas regras ordinarias do methodo; pontos que unem o branco ao preto, o circular ao anguloso, o proximo ao remoto. Fecho-me nisto. A imaginação que assim o fez, é porque assim devia ser: está muito bem feito, ao menos no mundo da idealidade pura. Foi lá que eu passei de um vulneravel parocho d'aldeia, português velho em costumes, em linguagem, em crenças, vulto poetico e sancto, para um inglês impertigado, monosyllabico, iconoclasta, libertador de pretos alheios, escravisador de saxões e irlandeses brancos; numa palavra, galguei de um a outro pólo da humanidade. Foi lá que eu pude tombar, rolar, precipitar-me do catholicismo suave, consolador, festivo, ameigador dos miseraveis, desprezador dos poderosos suberbos, symbolisador, no seu culto, da igualdade ante Deus, para o anglicanismo perfumado, espartilhado, casquilho, teso, aristocratico, nevoento, dizimador, intolerante, enxotador dos mendigos, camaroteiro dos templos; pude tombar, rolar, precipitar-me do

vertice brilhante d'onde derrama a sua eterna claridade o puro espirito do christianismo no charco onde o mergulhou e affogou a vontade de um tyranno devasso do seculo XVI, e a van presumpção de sua filha, a pura, generosa e sabia Isabel, especie de concilio Niceno de carne e osso para o protestantismo inglês. Dou vinte annos a todos os ideologos para explicarem por outro systema a transição monstruosa e incomprehensivel que fiz a semelhante respeito nestes gravissimos estudos. Idealisei um inglês (foi façanha!), idealisei o meu bom prior, e no mundo da razão pura lá achei que havia entre essas existencias, infinitamente oppostas, uma affinidade: qual, não sei eu dizer, porque o esqueci: e ainda que me lembrasse, não saberia exprimi-lo. Dad esta explicação aos pechosos, vamos ás pro mettidas duas palavras sobre a festa.

Era um dia ardente de julho, a 27, cousa certissima para o leitor, em consequencia das minhas profundas investigações chronologicas. O sol ia alto: a igreja parochial, envolta no manto tricolor — branco, amarello e vermelho — cal, ochre, rôxo-terra — parecia rir no seu jubilo. Um moço do Bartholomeu da Ventosa, rapazote de quinze annos, quatro mezes, vinte quatro dias, e vinte tres horas e

tres quartos completos (por ter nascido a uma segunda-feira á meia-noite menos um quarto, de dous para tres de março) neste grande dia do orago pilhara ao moleiro duas graças a um tempo, a de deixar em descanso o seu tonel das Danaides, a implacavel joeira, e a de poder assistir á festa e ouvir a missa cantada e o sermão, em vez de ír acabar o pesado somno da madrugada á missa das almas. Gabriel, que assim se chamava o rapaz, ou antes, *Graviel*, segundo a mais euphonica pronuncia saloia, vestiu logo pela manhan as suas calças e jaqueta de bombazina em folha e o seu colete vermelho, engenhado de um do patrão a troco de dous mezes de soldada, calçou as botifarras novas e enterrou o barrete azul e encarnado na cabeça, derrubando-o para trás, e, sem fazer caso do almoço (pois era uma açorda que os anjos a comeriam) desandou, outeiro abaixo, pela volta das sete e trinta e cinco minutos da manhan, caminho da parochia. Via-se que um grande negocio lhe occupava o espirito, por isso que levava os olhos cravados no campanario e, sem fazer caso das trilhas, cortava por entre as restevas, escorregando, aqui, nas pedras soltas, levando-as, acolá, diante dos bicos agudos das botifarras. Chegou. O sacristão, que estava á

porta da igreja, apenas o lobrigou pôs-se a rir, porque entendeu o verso. Gabriel era um dos maiores pimpões em repicar sinos que havia entre a rapaziada do logar, mas desde que entrara para casa do tio Bartholomeu, nunca mais posera pé no campanario. Nos meneios, no gesto, no olhar lhe revia a sede, a ancia, a saudade das harmonias risonhas, doudas, estrugidoras de um repique desenganado. Vinha tão cégo, que só viu João Nepomuceno (assim se chamava o sacristão) quando deu de rosto com elle. Estacou embatucado; tirou o barrete, e começou a coçar a região occipital, olhando de revés para o sacristão, que se encostara á hombreira com as mãos cruzadas atrás das costas, assobiando o *Veni Creator*.

«E'-lé Graviel! — disse este, por fim, com um sorriso. — Você hoje campou. O patrão é festeiro; fica o moinho a dormir! Heim? Galdére; não é assim? Mas, c'os diabos! não sei como não vieste cá dormir. Botas os olhos acolá para o arraial. Vês? Duas bolaxeiras, e a tia Sezila com queijadas; e disse. Ainda nem sequer o Chico appareceu para começar o repique. Pois para isso não é cedo, que a missa da festa é ás dez em ponto. Já o padre Chaparro e frei José dos Prazeres estão na san-

cristia, e dizem que não tarda ahi frei Narciso, que vem servir de mestre de cerimonias.»

«Oh sô João de Permecena! — acudiu o saloio, que tornara, ao ouvir o nome do Chico, a enterrar o barrete na cabeça, mas desta vez á banda — com a sua licença, ha-me de perdoar: não sei o que fez em chamar num dia destes aquelle jimento do Chico para tocar os sinos. Aquillo!? Ora, deixe-me rir. Ha-de-a fazer bonita; não tem duvida! Olhe, sempre lhe digo...»

«Não digas nada: bem sei. Mas que dianho querias tu com uma cravella de doze que dá a menza da irmandade, e nicles? Mesmo o Chico, deu-me agua pela barba para o resolver. Se aquillo são uns dianhos d'uns fonas!»

Pois, se vocemecê quer — interrompeu Gabriel, em cujos olhos se accendia o desejo, o deleite, a esperança — eu lá vou. Hoje o patrão deu-me licença até ás trindades. Salto na torre, e vai tudo raso. Toco, até, aquella cantiga de Lisboa, em que dizem que canta um tal Catragena em S. Carlos:... totro, trão-balão, re-pim, pi-ri-pim-pão.»

Enthusiasmado o moço do moleiro cantarolava imitando os sons de um sino, ou antes de um tacho, a musica horrendamente aleijada, esfarrapada, assassinada do duetto de

Assur e Semiramis: *La sorte piu fiera.* Se Rossini alli chegasse de subito, ou não a conhecia, ou esganava-se. O sacristão estava enlevado.

«Homem! — disse elle, quando Gabriel parou — bom era isso: mas o Chico está ajustado; e já agora...»

É que o Chico é o seu padagoz: ha-me de dar licença que lh'o diga, senhor João de Permecena! — interrompeu o moço do moleiro, vendo apagar-se a luz que lhe illuminara o espirito.—Pois eu tocava ahi a desbancar, ainda por menos: bastava que me pagasse um arratel de bolaxas e dous berimbáus.»

«Eu cá não tenho padagozes, homem! C'os dianhos! — replicou o sacristão. — Se elle não estiver aqui ás oito, dou-te a chave da torre, e são hoje teus os sinos. Quando quizeres terás as bolaxas e os berimbáus.»

A proposta de Gabriel penetrara, como um balsamo suave, na alma do sacristão: fazia a despesa com seis e meio, e economisava o resto para a igreja, isto é, para si, como representante della.

Gabriel saltou acima do parapeito do adro e pôs-se a olhar para o lado onde morava o Chico. Batia-lhe o coração com força. Ás oito horas devia nascer para elle um dia de gloria

e contentamento ou de desdouro e zanguinha. Deram as oito. — «Viva!» bradou, saltando ao terreiro e correndo ao sacristão. — «Venha!» — proseguiu, lançando mão da chave da torre com tal violencia, que João Nepomuceno por um triz não foi a terra. Ia-lhe quebrando um dedo.

«Dianho!... Safa, alimaria! Forte doido!... Oh Gabriel! Ouve cá, Gabriel! Olha que está passada a corda da garrida...»

Qual Gabriel, nem meio Gabriel! Tinha desapparecido como um foguete. O sacristão levantou os olhos para o campanario e viu já as cordas a bambolearem e a desembaraçarem-se, como as tranças de nobre dama nas mãos subtis de aia geitosa. Gabriel era, sem a menor sombra de duvida, a flor e nata da rapaziada curiosa da aldeia.

Uma pancada retumbante e sonora no sino grande, a qual se repetiu lentamente algumas vezes, foi como um mensageiro, despedido por montes e valles, a annunciar um dia de repouso e folgares para o homem do campo, curvado sob o sol ardente nas ceifas e mais trabalhos ruraes do estio, durante os longos dias de trabalho. Era como o romper de vasta symphonia. Gradualmente, os outros sinos misturaram as suas vozes argentinas com a

do primeiro, e a atmosphera esplendida vibrou, ondeando em tempestade de notas, que se cruzavam, cortavam, interrompiam, luctavam, com barbara harmonia. A principio, Gabriel, pausado e lento, lançava successivamente uma ou outra mão a esta ou áquella corda; pouco a pouco, os movimentos tornaram-se mais rapidos, e os sons que transudavam por todas as aberturas, pelos minimos poros da torre, começaram a assemelhar-se ao graniso do noroeste, que, de instante a instante, se torna mais espesso ao passo que a nuvem corre mais perpendicular. Era, por fim, um remoinho, um delirio, uma furia sonora. Gabriel estava tomado de campanomania; mãos, pés, dentes, tudo repicava. Ennovelado, como um gatinho, que quer agarrar e ao mesmo tempo repellir um dixe que colheu ás unhas, o bom rapaz, com os olhos faiscantes e desvairados, parecia possesso: trepava, bracejava, careteava, tropeava, agachava-se, torcia-se, pulava, volteava, como se estivesse recebendo por todos os lados e a cada instante descargas electricas. Insensivel á matinada infernal que lhe estrepitava nos ouvidos, Gabriel dirigia palavras de amor, d'ameaça, de incitamento aos sinos, como se elles podessem ouvi-lo. Queria communicar-lhes o seu ardor e entho-

siasmo de dilettante; e, como se o entendessem, dir-se-hia que, no continuo vaivem, elles oscillavam trémulos de prazer e tentavam desprender da pedra os braços robustos e voarem, como as aves que tambem soltavam livremente as suas harmonias, pela amplidão dos céus.

No fim de duas horas de lida, a natureza recuperou os seus direitos. Alagado em suor, perdido o alento, esgotados os brios e as forças, Gabriel affrouxara pouco e pouco. A estrepitosa e horrenda caricatura do duetto da Semiramis fora o canto do cysne. A viveza doudejante do repique converteu-se num tocar lento e solemne, que ora imitava o dobre de finados, ora os tres signaes melancholicos que indicam o fim do dia que expira.

Tambem era tempo. No seu banco, parte dos festeiros, cubertos de fitas e medalhas, esperavam já impacientes que o prior, o padre Chaparro e frei José dos Prazeres saíssem da sacristia para começar a missa. No coreto, as rabecas chiavam, cada vez com o odio mais figadal entre si, ao passo que os *virtuosos* faziam todas as diligencias possiveis para as pôr de accordo comsigo mesmas e com os outros instrumentos. A gente, não só da aldeia, mas tambem dos casaes e logares vizinhos,

affluindo de continuo, enchiam a igreja, e o apertão, que ía a maior, principiava a avariar os chapeus, os chailes e os vestidos das aldeans mais opulentas, que tinham obtido transfigurar-se horrendamente com os trajos das peralvilhas da capital, os quaes harmonisavam tão bem com aquelles corpos mal acepilhados e robustos, com aquelles rostos morenos e rosados, como os instrumentos da revoltosa orchestra se afinavam entre si.

Era um escandalo, profundo escandalo, para as beatas da freguezia, para as almas repassadas de patriotismo saloio, ver as novidades de vestuarios, que as corruptoras influencias de Lisboa, íam exercendo nos antigos costumes, viciados por essas escusadas louçainhas. A honestidade das raparigas, entendiam aquellas matronas de virtude tão solida como as suas sapatas, tinha ido por ares e ventos, envolta nos farrapos das humilhadas sáias de baeta vermelha, das abandonadas roupinhas de panno azul e das pyramidaes carapuças. A devassidão, embrulhada nos vestidos de chita, de lan e de seda, e mettida entre o forro dos chapeus de palha, penetrara no seio das familias. Tudo estava perdido, e a moral ía cada vez a peor, diziam ellas, com a philosophia macissa que o judicioso Horacio já gas-

tava ha dous mil annos, e que é a mentira mais trivial, mais velha e mais tola que se conhece no mundo. Nas suas reflexões piedosas, as respeitaveis decanas da aldeia esqueciam, ou antes ignoravam, o unico motivo serio que havia para lamentar aquella transformação. Era que esses trajos tornavam contrafeitas as raparigas aldeans; matavam a poesia campestre; associavam ao idyllio a walsa e o whist, e como que impregnavam a atmosphera, pura, brilhante e livre, dos miasmas repugnantes que povoam o ambiente pesado e abafadiço de tertulia cortesan.

Mas, antes de proseguirmos nesta gravissima historia, é necessario que trepemos áquella encosta que fica defronte do presbyterio, e que vejamos o que é feito de um nosso conhecimento antigo, roda indispensavel para o andamento da machina de successos que vamos tecendo. Quem não vê que falamos do jovial e praguejador Bartholomeu, sancto velho, se não fosse um desalmadissimo avaro? O moleiro, desde que o filho casara, andava-lhe tudo á medida dos seus desejos. Era ganhar dinheiro como milho, e o futuro da familia dos Ventosas surgia brilhante no horisonte. O Manuel estava, de feito, aposentado na azenha do Ignacio Codeço, e com uma labutação de por

ahi além. As peças do padre prior tinham feito o milagre sonhado por Bartholomeu, e ainda haviam sobejado algumas, que o honradissimo moleiro associara ás do seu mealheiro, para arranjar o casal dos Caniços, de cuja venda já lhe dera palavra seu irmão Barnabé, a quem elle, havia dous mezes, não deixava de dor d'ilharga para que lhe tornasse as suas vinte moedas, que lhe eram indispensaveis, dizia o matreiro saloio, para pagar uma divida contrahida com um usurario de Lisboa por causa do casamento do seu Manuel, que se vira obrigado a arrumar. E como Barnabé, que tambem era saloio e manhoso, lhe objectasse que só vendendo o casal dos Caniços lh'as poderia pagar de prompto, e que era uma de seiscentos achar comprador que désse o que elle valia, Bartholomeu, acceso em amor fraterno, lhe declarou que o maldicto usurario dera a entender que, se elle Bartholomeu tivesse umas terras que lhe empenhasse, esperaria pelo dinheiro com quaesquer cinco por cento ao mez; que por isso, vendo-se naquelles apertos e afflicções, faria o sacrificio de lhe tomar o casal pelas vinte moedas e mais o que fosse justo, que iria pedir ao mesmo usurario; porque — accrescentava elle, quasi chorando — vão-se os anneis e fiquem os dedos. Que

ficaria arrazado, e a bem dizer a pedir esmola; porque, como elle Barnabé lhe affirmava todas as vezes que lhe ía pedir o seu dinheiro, as excommungadas das terras apenas davam para o fabrico. Emfim, tão despejadas mentiras pregou ao irmão, tanto o atenazou, taes artes teve de lhe converter as sétas em grelhas, que as bichas pegaram, e Barnabé deu o sim, a risco de estourar os ossos á tia Vicencia, sua respeitavel consorte, á minima pegadilha, ou de rebentar de paixão alguma noite na cama, como um satanás, se não desabafasse daquella grande magua com uma boa massada na mulher, consolação que para um verdadeiro saloio é, nas afflicções o supra-summum dos prós e precalços matrimoniaes.

A Providencia temperou as cousas deste mundo de modo que se podem symbolisar todas as felicidades delle numa ameixa saragoçana. Doçuras, succo, belleza externa, sim senhor; tudo quanto quizerem: mas, no fim de contas, travo e mais travo ao pé do caroço. E' o que explica, pê á pá sancta Justa, a theoria das compensações d'Azaís. Mais um caso, para mostrar as carradas de razão que Azaís tinha na sua grande cenreira a este respeito é o que succedeu ao moleiro, no dia em que Barnabé acabou de se resolver sobre o casal

dos Caniços. Tinha sido, justamente, no dia da festa pela manhan, que Barnabé fora com a sua Joanna á missa das almas e viera pelo moinho almoçar com o irmão, que não lhe mostrou a melhor cara a principio, mas que, até, mandou fazer uma fritada de meia quarta de linguiça e tres ovos (um botou-se fóra, porque estava gôro) quando soube ao que elle vinha. Bartholomeu não cabia em si de contente: obrigou a sobrinha a levar atados no avental obra de dois arrateis de farinha, para fazer umas raivas, pondo lá o assucar e os ovos e mandando-lhe metade dellas, e por mais que pae e filha se escusassem de acceitar o seu favor, embirrou, e não houve torcê-lo. Estava naquelle dia capaz de lhes dar de presente metade da sua fortuna, e mais era, dizia elle, um pobre de Christo. Logo que se foram, Bartholomeu deitou a correr para casa, fechou-se no seu quarto, abriu, umas após outras, as vinte gavetas de um contador, mecheu e remecheu em todas ellas, tornou a fechar e, fazendo contas de cabeça, começou a passear de um para outro lado do aposento, com as mãos cruzadas nas costas e entregue ás suas cogitações.

Os adornos ou guarnição do quarto consistiam em um leito de casados de pau-santo, de

pés torneados e cabeceira redonda, thalamo nupcial, agora enluctado pela sempre chorada morte da tia Genoveva da Ventosa, mãe de Manuel da Ventosa, e mulher que fora do honrado Bartholomeu da Ventosa, que, para falar como os poetas, solitaria rola (ou rollo ou rolho) naquelle ninho silencioso, se encouchava triste nas longas noites de inverno, ahi, outr'ora tão felizes! O contador ficava defronte, ao lado um bufete, e sobre o bufete um oratorio forrado de damasco amarello, com sanefa encarnada. Sete sanctos povoavam o lararıo da defuncta moleira: S. Servulo, Sancto Onofre, S. Miguel, S. Sebastião, S. Gregorio, Sancto Antonio e S. João Baptista; este ultimo, no centro e em peanha mais elevada; Sancto Antonio á sua direita com um cordão de ouro lançado ao pescoço, dando muitas voltas ao redor do corpo. Como suplemento, por cima da cabeceira da cama, uma lamina da Senhora da Conceição e dous registos, um de Sancta Barbara e outro de Sancta Rita; no tardoz da porta uma cruz de S. Lazaro, pregada com massa. Uma arca da India, com ferrolho de correr e pregaria de grandes cabeças chatas, de duas pollegadas de diametro, e quatro cadeiras de costas e assentos de couro lavrado completavam a mobilia do aposento. No canto

do bufete, quasi á borda, estavam cravados um cruzado-novo e um tostão falsos, memorias dolorosas de um mono que pregara certo padeiro de Lisboa ao moleiro, na compra de uns saccos de farinha, historia que, se eu a contasse, havia de fazer arripiar o pello aos leitores, mais do que as novellas de Anna Radcliffe.

«Dez centos de mil réis! Chumba-lhe!—dizia o velho, esfregando as mãos, como um botecudo esfrega dous paus de que quer tirar lume, e passeando com passos curtos e rapidos de um para outro lado. — E' isso! cem peças, setecentos e meio: quatrocentos pintos, dous centos menos oito: fazem novecentos e meio menos oito: duzentas cravellas de doze, meio cento menos dous: oito e dous dez: dez centos menos dez: oitenta de seis fazem duas moedas: duas moedas dez mil réis menos um cruzado: oito meios tostões quatro tostões: quatro tostões com... justamente, dez centos. Ah, sô Barnabé, quer setecentos? Heim? Com vinte moedas que já lá andam a juro, parece-me!... Quer ou não quer?» — «Homem, isso é muito pouco...» — «Pouco?! E doze moedas de foro?» — «As terras dão bem para isso: só a Abrunhosa...» — «Pois se dão, homem, paga-me as vinte moedas. Ah, embatucas? Oh, oh, ih, ih, ih!»

E Bartholomeu ria a bom rir daquelle dialogo que phantasiava travar com o irmão. De repente, porém, as feições contrahidas pelo riso se lhe immobilisaram diante de uma idéa fatal. Barnabé podia dar com a lingua nos dentes ácerca do negocio, nalguma noite em que fosse para a tenda do Agostinho jogar a bisca a vinho, conforme o seu costume, e saír um atravessador a picar-lhe o lanço; o Bento Rabicha, por exemplo, que tinha muito caroço, e que era um dos da tripeça da bisca. Vinham-lhe calafrios com tal pensamento. Uma palavra, uma allusão perderia, talvez, tudo. Era verdadeira agonia a sua. Costumado a implorar o céu nas grandes afflicções, Bartholomeu, por uma daquellas subtilezas moraes dos avaros, que sabem conciliar a devoção com o seu vicio hediondo, ajoelhou diante do oratorio e, com lagrymas e fervorosas supplicas, começou a pedir a S. João Baptista fizesse com que Barnabé não tugisse nem mugisse a semelhante respeito. Nas suas orações passou-lhe, talvez, pela cabeça, a idéa de um estupor na lingua de Barnabé. Desconfio: não o affirmo; porque não gosto de cousas dictas no ar. O que é certo é que procurou dar a entender ao sancto que teria duas vélas accesas e uma esmola para a sua festa, se as cousas lhe saís-

sem a geito, exprimindo-se, todavia, por tal arte que não ficasse absolutamente preso pela palavra e podesse roer a corda depois de se pilhar servido.

Emquanto o moleiro se debatia nestas tempestades de ambição, passava-se no presbyterio a scena que já descrevi entre João Nepomuceno e Gabriel. A principio, Bartholomeu, embebido nos seus calculos, temores e rogativas, nem sequer ouvira os repiques variados e harmonicos com que o rapaz do moinho rompera o seu grande e festivo concerto; mas, pouco e pouco, o motim dos sinos crescera a ponto, que só os defunctos do cemiterio poderiam ficar indifferentes a tão retumbantes bellezas musicaes. Na aldeia já ninguem se entendia no meio dessa procella de sons, que, trepando pelos outeiros ao redor e precipitando-se para os valles além, íam levar o ruído da festa e a gloria de S. Pantaleão ás povoações vizinhas. Penetrando pelos ouvidos do moleiro, aquellas vibrações desalmadas fizeram-no despertar do extasi de sovinaria devota que o arrebatava. Ergueu-se, chegou á janella, alçou a adufa, pôs-se a mirar o relogio de sol do campanario, piscando os olhos e fazendo com a mão uma especie de pala para os defender da luz, e, depois de se afirmar por um pedaço, dei-

xando caír de golpe a adufa, correu á arca, murmurando: — «Nove horas! Já mais de nove horas! Esta, só por trezentos milheiros de diabos! E ainda tenho de me vestir! Com seiscentos diabos! D'aqui a nada estão lá os outros. Ora o diabo!...»

Estas imprecações em razão descendente, que o moleiro tinha sempre na boca por um mau habito, e que todas as prégações e remoques do padre prior não haviam podido fazer perder áquella lingua damnada de Bartholomeu, nasciam de uma circumstancia, na verdade seria. A funcção d'igreja devia começar ás dez horas, e elle era um dos festeiros. O padre prior tantas voltas dera que o obrigara a sê-lo e a esportular uma moeda para as despesas. Devemos acreditar que nunca o teria alcançado, se não fosse o dote de Bernardina, sobre o que o moleiro tremia que o velho clerigo deixasse escapar alguma palavra. Elle aproveitara habilmente o caso para passar por bom pae e generoso e, ao mesmo tempo, para se esquivar ao menor acto de beneficencia o resto da sua vida, affirmando que se empenhara até os olhos para comprar e reparar a azenha do Ignacio Codeço, e estabelecer lá o seu rapaz, quando a verdade era que, comprada a azenha, posta a casa aos noi-

vos, adquiridos seis machos, paga a soldada de tres mezes a dous moços, provída a dispensa, e deixadas algumas moedas para as despesas diarias, ainda certo numero de louras do padre prior tinham ido caír, como já disse, no escaninho onde jaziam, sem ver sol nem lua, aquellas que o moleiro acabava de contar. Obrigado por tal consideração, e á força de rogativas do parocho e das picuinhas de outros irmãos da irmandade do Sanctissimo, que se tinham mettido no negocio, o moleiro achava-se elevado a uma situação que estava longe de ambicionar. Perdida a moeda, que elle havia de chorar toda a sua vida, importava-lhe não perder a consideração e valia na festa, valia que por tão alto e raivado preço comprara; era esse o risco que elle via imminente, ao menos em parte, se não estivesse a ponto de saír da sacristia para a capella-mór no prestito dos festeiros.

O dia começara bem; mas ía-se tornando aziago.

Apesar de velho, curto e barrigudo, o moleiro, não vendo nenhum outro meio de esquivar o contratempo que receava, apressou-se o mais que pôde em se adornar com o aceio e pontualidade que requeria o acto. Do fundo da arca saíu o arsenal completo para os dias

de ver a Deus. Era respeitavel pela antiguidade! Monumentos de mais felizes epochas, os arreios esplendidos de Bartholomeu constavam de uns calções de gorgorão cor de tabaco, de um colete de veludo verde e de uma casaca azul de abas largas e gola estreita (isto passava ha bem dezoito annos) antipoda da casaca peralvilha dos casquilhos daquelle tempo. As menudencias do trajo diplomatico do moleiro compunham-se de um chapéu armado, de um pescocinho com bofes, de umas meias de algodão brancas e de uns sapatos de entrada a baixo, ensebados de novo, com fivelas de prata, que batiam quasi na vira, de um e de outro lado. Assim vestido, era um principe. Não; que lá isso é verdade; mettia respeito! Apressado, vermelho, suando com a calma, bufava como um touro, encaminhando-se para a igreja. Os moços dos seus collegas, os de tres padeiros que havia no logar e os de cinco lavradores a quem costumava comprar os trigos, passando por elle desbarretavam-se até baixo; a outra saloiada, espécada pelo arraial, fazia mencão de cortesia com o barrete: dos mendigos que começavam a apinhar-se para o lado do presbyterio ao cheiro do bodo, uns, que não o conheciam, por virem de longe, estendiam-lhe a mão e

davam-lhe senhorias, tudo em vão; outros, que eram dos arredores, rosnavam e praguejavam-no. Mas dessas rosnaduras e pragas ria-se elle. Na auréola de gloria que o cercava já, que o ía cercar, ainda mais brilhante, Bartholomeu estava tanto acima da maledicencia daquelles madraços, como os homens d'estado de qualquer partido costumam estar acima das ferretoadas, sovinadas e lambadas da imprensa periodica do partido contrario, segundo affirmam os da sua parcialidade: *vide* jornaes de todas as cores e cambiantes, *passim*. Como os politicos, o moleiro podia dizer, pondo a mão no coração — a minha consciencia — a minha honra — a opinião publica — os meus serviços — a nação — a posteridade: — e depois tossir e escarrar grosso, e seguir ávante, sem se embaraçar com aquelle rosnatorio despeitoso e zangado; porque, como bem disse um poeta de philosophia ancha:

> O premio da virtude é a virtude:
> O castigo do vicio o proprio vicio.

E foi o que Bartholomeu fez: e com razão. Não eram os respeitos dos moços e dos outros moleiros e dos lavradores seus freguezes, e os dos pobres que o avaliavam pelo

secio dos trajos a prova cabal e indestructivel da sua popularidade? Eram. Que caso devia, pois, fazer dos zums-zums de meia duzia de farroupilhas? Nenhum. Eu cá, pelo menos, sou de opinião que fez bem proseguindo no seu caminho, tranquillo com o testemunho de uma voz intima, que o certificava de que era homem de importancia e digno por todos os titulos de representar o papel de festeiro a que fora chamado.

Mas a nobre altivez do moleiro e a firmeza que mostrara, em não deslisar um ápice do caracter grave e sobranceiro que era proprio da sua situação, tinham de ser postas a mais dura prova. O momento em que chegou ao adro foi aziago. Ahi viu e ouviu cousas que o fizeram saír da gravidade e compostura que até então guardara. O que o negocio deu de si vê-lo-ha o leitor no proseguimento desta historia, que poderá ter mil defeitos, mas que (não é por me gabar) tenho levado com toda a pontualidade na chronologia e na averiguação dos mais miudos factos que possam illustrá-la.

VII

Tantaene animis?

Quando Bartholomeu ía entrando no adro, viu um taful e uma senhora, que, á porta da igreja, forcejavam para romper a pinha de povo que a obstruia. Vistos assim pelas costas, pareciam pessoas de conta. Trajava ella um vestido de seda preta, um grande chaile vermelho e um chapéu, franzido á inglesa, cor de café: elle calça e casaca preta da moda e chapéu fino, postoque já amarrotado pelos apertões da saloiada, que, fingindo quererem abrir caminho ao elegante par, cada vez se uniam mais, olhando uns para os outros com aquelle sorriso de socapa e malevolo que é peculiar dos camponios, quando colhem algum individuo, cujo porte e apparencia os hu-

milha, para victima das suas graças e perrarias, um pouco abrutadas.

O moleiro tinha nascido naquelles sitios, nunca dormira uma noite fóra do logar, lidava com muita gente em consequencia do seu trafego, ía-lhe já a neve pela serra e, por isso, conhecia perfeitamente os habitos, propensões e manhas dos seus patricios. Percebeu logo que os saloios estavam de embirração com as duas personagens cortesans, e desenganou-se de todo, vendo vir do lado da igreja um dos moços do Agostinho da tenda, que, fingindo-se bebado e cambaleando, dizia: — «cresça o monte, rapazes; cresça o monte!»

O magnetismo animal é um mysterio ainda: a extensão das affinidades magneticas ninguem a póde demarcar. De homem para homem, ellas são indubitaveis; mas, porventura, vão mais longe. Ao menos, eu creio que os calções, a casaca e o chapéu armado do moleiro actuavam fortemente no seu espirito por influencia occulta. Sentia no coração uma especie de cocegas aristocraticas, uma vontade de mostrar o que podia e valia aos nobres hospedes da sua terra, que, pretendendo assistir á festa, se collocavam naturalmente debaixo da sua protecção como festeiro. Era

esta uma idéa que não lhe viria á cabeça quando trajava os seus calções enfarinhados, o seu colete assertoado e a sua jaqueta de saragoça. Mas veio-lhe então, mysteriosa, irreflectida, forçosa, postoque sem quebra da liberdade de a rejeitar, semelhante, se a comparação fosse licita, á graça efficaz. Aproximou-se, pois, abrindo passagem por entre a turbamulta. O primeiro individuo com quem topou em cheio foi com Gabriel, que, tendo saído do campanario, tractava tambem de penetrar na igreja para ajustar contas com o sacristão, logo que se lhe offerecesse ensejo. Para aproveitar o tempo, Gabriel, informado do que se passava, ía ajudando a augmentar o apertão que crescia cada vez mais, de modo que a dama do chaile e o dandy de preto, entalados junto do guarda-vento, nem podiam recuar, nem surdir ávante. Apesar, porém, da pequenez do seu corpo, Gabriel parecia ter de olho as duas victimas, como receoso de que, voltando a cabeça, o lobrigassem. Careteava, ria, empurrava com alma; mas, de instante a instante, punha-se nos bicos dos pés, espreitava por cima dos hombros e por entre as cabeças dos vizinhos, agachava-se, ao menor movimento que via fazer aos dous, tornava a empurrar e, nesta lida, o garoto renovava, in-

cansavel em novo combate, as façanhas que, havia pouco, practicara no sempre memorando repique.

«Mariola!» — rosnou colerico o moleiro por entre os dentes cerrados, ao chegar ao apertão e agarrando de subito as orelhas de Gabriel, que, com uma cara onde assomava o choro, encolhia a cabeça entre os hombros, mal comparado, como um caracol quando lhe puxam os tentaculos. Não tanto pela voz, como pelo contacto das mãos, assás conhecidas daquellas pobres orelhas, Gabriel sentira o patrão. Era, todavia, já tarde.

«Mariola!» — repetiu Bartholomeu, com o mesmo grito mal sopeado de colera. E ouviu-se o tinir duvidoso de uma fivela, acompanhado de um som baço, como quem dissera o do bico de um sapato grosso batendo sobre uma pouca de bombazina estufada de certa porção convexa de carne humana. Gabriel descreveu com o corpo um arco, mas no sentido inverso ao de quem faz cortesia profunda. E começou a soluçar.

«Mariola!» — accrescentou, ainda outra vez, o moleiro, com aquelle fatal rugido que significava o seu profundo despeito. Ao dicto seguiu-se rapidamente o feito. Largou as orelhas do rapaz: recuou o braço, cerrou o punho e

desfechou-lhe tal murro no toutiço, que Gabriel foi ao chão.

A principio, uma certa contemplação com a idade, com o caracter e, mais que tudo, com a fama de ricaço de que Bartholomeu gosava, conteve os murmurios dos poucos a quem as diligencias communs para penetrar na igreja haviam consentido attender ao duro castigo que convertera Gabriel num como bode emissario dos peccados de muitos. Quando, porém, o mesquinho rapaz caíu em terra, a indignação dos seus co-réus rebentou. O moço do Agostinho, postoque a medo, levantou a antiphona.

«Tamem é bater á bruta! Agora, a prove creança fez-lhe algum mal?! Vá bater assim no diabo. Olhe não matasse aquelles milordens!...»

«Entre, sô doutor!» — atalhou Bartholomeu, atirando umas escorralhas de pontapé que ainda lhe titilavam nos tendões da perna direita ao limite inferior das vertebras de Gabriel, já que não podia sem risco applicá-las ao orador. Essa fora, todavia, a sua primeira inspiração.

«Ai, é para isso que uma mãe cria um filho! Coitadinho, já não tens pae! Não foras tu orfo e prove. Mas, cal-te, boca. A gente sempre vê cousas!»

Ouvindo estas palavras, proferidas por uma voz feminina conhecida, o velho moleiro voltou-se. Era a senhora Perpetua Rosa, que, em companhia da ama do prior, tinha chegado naquelle instante a mata-cavallos, por se haverem ambas entretido a examinar umas meadas que a tia Jeronyma dera a curar á lavadeira, e que esta, vindo para a festa, de caminho lhe fora entregar. Postoque ligados, até certo ponto, pelo casamento de seus filhos, a mutua má vontade da lavadeira e do moleiro, alimentada por largo tempo, tinha sido como o escalracho: cada anno profundara mais um palmo de raizes. Só havia uma differença, e era que Perpetua Rosa, protegida pelo genro, perdera pouco a pouco o medo que tomara a Bartholomeu desde aquella historia das saccas, e já se engrifava para elle sem ceremonia. Encontrando-se ás vezes na azenha, nem uma só deixavam de se travar de razões por qualquer palha podre. De resto, tractavam-se com apparente cordialidade. Era como a alliança e sympathia actual entre a França e a Inglaterra.

«Pois não, sua lambisgoia! — acudiu o moleiro, fazendo-se vermelho. — Acha você muito bonito que meia duzia de patifes estejam judiando com as pessoas que querem entrar na

igreja? Com um quarteirão de diabos! Quem dá o pão dá o ensino; e este, pelo menos, hei-de eu ensiná-lo!... Rosna p'ra ahi, pedaço de bruxa velha» — accrescentou elle, vendo que Perpetua Rosa continuava a resmonear, já com acompanhamento de — «tem razão, tia Perpetua!» — «olha o maluco!» — «se queres ver o villão, mette-lhe a vara na mão!» — «é agora o senhor assaluto!» — Era uma tempestade eminente: era a revolta eterna do pobre contra o abastado, que resfolga pelo minimo respiradouro. E o sussurro crescia, e Bartholomeu, suffocado pela raiva, batia o pé, e debalde tentava cuspir por cima daquella quasi algazarra as pragas, as injurias, as ameaças, que lhe faziam maior entupimento na garganta do que pão de cevada faria em guellas de peralvilho dengoso. Vingava-se, é verdade, em servir de couces e cachações o misero Gabriel, que se lhe reboleava aos pés; mas isto não era senão botar lenha ao forno e augmentar cada vez mais o tumulto. A hirta mó de saloios ao pé do guarda-vento tornava-se mais flexivel, ondeava, alargava-se, dissolvia-se, e vinha agglomerar-se de novo em volta de Bartholomeu, curiosos de indagarem o motivo daquella assuada. Falavam todos a um tempo: no meio do borborinho já ninguem se

entendia; e, apesar da colera e da sua habitual firmeza, o moleiro começava a titubear.

Na furia em que estava incendido contra Perpetua Rosa, contra a ama do prior, que tambem tinha desembainhado a lingua em defesa de Gabriel, e contra outras duas velhas do logar, que ajudavam a atenazá-lo, Bartholomeu não reparou que o taful, por cuja causa se mettera naquella nora, forcejava por chegar ao pé delle. Por fim, foi a propria Perpetua Rosa que o fez attentar por isso.

«Venha, Manuel, venha cá: olhe a figura que está fazendo seu pae. Forte toirão! Abrenuncio!»

A isto o moleiro alçou os olhos para aquella parte, e viu... Quem havia elle de ver? O seu Manuel, que, com effeito, rompia por entre a turba aproximando-se, seguido de Bernardina, que, lá de longe, fazia esgares e visagens á senhora Perpetua Rosa e á tia Jeronyma para que se calassem. Os dous tafues, os dous *milordens,* os dous fidalgos, por quem Bartholomeu affrontava as iras populares, eram, nem mais nem menos, seu filho e sua nora. Ficou parvo. O luxo dos noivos fez-lhe esquecer Gabriel, as velhas, as injurias, tudo. Como o corpo electrisado pelo contacto da resina, que é re-

pellido ao chegarem-no de novo a ella, e desembesta para o vidro se lh'o aproximam, a sanhuda indignação do moleiro nordesteou para as novas victimas. Cingiu involuntariamente as algibeiras com as mãos; porque cada uma dellas se lhe figurou convertida num repuxo de cruzados novos, que, descrevendo uma curva parabolica, íam caír nos balcões dos arruamentos de Lisboa. Depois, fincando os punhos cerrados nos vazios e meneando a cabeça de um para outro lado, poder-se-hia comparar ao oceano, nos momentos que precedem a tempestade, quando as vagas, profundamente revoltas, ainda se não encrespam em carneiradas, mas banzam, como somnolentas, espertando-se para o combate.

Passa a França pela terra classica da galanteria: parece que o bello-sexo tem alli o seu throno. Neste ponto cedem a palma aos franceses os outros povos. Dizem-no todos; mas eu digo que não. Vence-os esta namorada terra de Portugal. Os nossos affectos serão menos ruidosos, menos rendidos; são, porém, mais ardentes e duradouros. Se as phrases de uma lingua podem, muitas vezes, servir para revelar o caracter, os costumes e, até, a historia da nação que a fala, a nossa lingua e a francesa nos offerecem argumento

da existencia dessa superioridade do coração, pela qual eu ponho, não digo a cabeça, mas quasi. E senão, respondam-me. Que incendio sería maior: aquelle que precisasse de um anno para amortecer e extinguir-se, ou o que durasse apenas um mez? Indubitavelmente o primeiro. Bellamente. Venhamos agora á hypothese. O matrimonio é de sua natureza resfriativo: a paixão mais violenta acalma, entibia-se, entisica e morre com o tracto domestico; e feliz se póde chamar a união em que a amizade e a estima vem substituir os sonhos e delirios do amor já saciado. Ha, todavia, um periodo em que, apesar de satisfeito, elle resiste ainda: é durante o lento desabar das illusões, que vão caíndo peça a peça. Nesse periodo, ainda aos casados cabe o nome poetico de amantes: depois é que se chamam a cousa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo; chamam-se marido e mulher. Esta epocha transitoria tem a sua formula diversa, conforme as diversas linguas. Exprime-a em francês a phrase *lua de mel:* o português diz *anno de noivos.* E' claro que em Portugal resiste o amor ao matrimonio doze vezes mais que em França. Lá um mez; cá um anno. Fiquem as raparigas de aviso: nada de amores com estrangeiros.

se em França num mez colhem todo o fructo da victoria, que será por essas terras de Christo mais geladas e nevoentas? Eu, por mim, façam lá o que quizerem. Lavo d'ahi minhas mãos.

Bernardina, essa é que a dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa. Aos quatro mezes de noivo era ainda um baboso por ella. No principio de julho ajustara contas com os compradores das maquias da azenha e recebera algumas moedas: a festa da aldeia estava proxima: Bernardina morria por tafularia: o moço moleiro tambem não lhe era avesso. Tinham o vicio instinctivo da gente moça, vicio legitimo, se em vicios se póde dar legitimidade. Duas forças arrastavam, pois, o pobre Manuel da Ventosa: o amor e a propria inclinação. D. Thomasia, irman do mestre eschola da aldeia (se Deus me der vida e saude, ainda talvez um dia conte a historia do digno professor) vivera na corte muitos annos com o sabio mano. Nisto de modas, falava que nem um livro. Quando ía por acaso a Lisboa, nunca deixava de visitar duas ou tres modistas suas conhecidas, de maneira que, por assim dizer, andava sempre ao par da sciencia. Foi num aposento interior, no sancta sanctorum da residencia magistral, que se traçou, discutiu e

resolveu a conspiração que devia baralhar os calculos de Bartholomeu sobre as maquias da azenha naquelle semestre. Seis moedas foram alli barbaramente espatifadas. Foi um orçamento perfeito: talhou-se por cima da risca do necessario, e gastou-se; gastou-se, d'ahi a poucos dias, até o ultimo real, já se sabe, com severissimas economias, ficando-se devendo apenas uns tres mil e seiscentos a D. Margarida, famosa modista daquelle tempo. A campanha fez-se do modo seguinte: Manuel da Ventosa acompanhou D. Thomasia a Lisboa, para umas compras de certos arranjos domesticos, de que ella dizia muito carecer. Os arranjos eram os da fatal conspiração contra o velho Bartholomeu. Os trances d'esperança e de receio do bom ou mau desempenho de D. Thomasia por que passou Bernardina, emquanto os dous não voltaram, não cabe no possivel narrá-lo. Apesar disso, a elegancia com que se imaginava trajada e trajado o seu homem namorava-a de si mesma e dobradamente delle. Chegava a ter ciumes das olhaduras que deitariam ao Manuel as outras raparigas, sem que por isso deixasse de admittir, com certa complacencia innocente, a idéa do quanto a haviam de achar attractiva os rapazes da aldeia. Emfim, é aqui o caso de dizer

com o poeta, ácerca do que se passava no coração da moleira:

> Melhor é exp'rimentá-lo que julgá-lo;
> Mas julgue-o quem não póde exp'rimentá-lo.

Voltaram os dous ás trindades. O escholar valído do mestre, que aviava os recados de casa, tinha acompanhado a expedição. Num grande sacco de damasco amarelio, herdado por D. Thomasia de sua avó materna, e em duas grandes caixas de papelão, trazia o rapaz os almejados adornos. Quem diria que o monumental sacco era a boceta de Pandora!? Pois era. Bernardina saltou de contente ao desenfardelar aquella feira: estava vestida á moda desde os pés até á cabeça, postoque o seu Manuel houvesse cortado para si uma posta de leão. Digo isto, porque, apesar de toda a farandulagem feminina que a boa da irman do professor escolhera com fino tacto, quatro moedas tinham ficado no Adrião, num chapeleiro do Rocío e num sapateiro ahi proximo, não me lembra em que rua, porque isto já lá vai ha muito tempo, e a historia está sujeita a estas deploraveis lacunas. O caso é que elle, pela sua parte, envergada aquella fatiota, poderia, sem grande favor, passar por um fidalgo

de provincia chegado de tres dias á corte. Fugia-lhe tudo um és não és do corpo e tolhia-o, é verdade; mas ficava um mocetão teso; um milordem, como diria o moço do Agostinho da tenda.

Segredo, segredo profundissimo (semelhante ao da nossa tão celebre conspiração em 1640 contra os castelhanos, da qual só, talvez, sabía o primeiro ministro de Castella) se guardou na azenha, *olim* de Ignacio Codeço, ácerca de todas aquellas tafularias. Quantas vezes não se vestiram a casaca e o vestido de seda! Quantas se não poseram o chapéu de castor e o franzido! Que reviravoltas se não deram, que visagens se não fizeram diante de um espelho de espinheiro, com suas cortinas de panninho, que adornava a casa de fóra, sobre uma commoda de vinhatico oleado, cujas puxadeiras de metal amarello luziam que nem ouro! Que disputas não houve sobre o abotoar e o desabotoar, o atacar e o desatacar, o pôr o chapéu assim e o pôr o chapéu assado! E D. Thomasia, que presidia áquellas conclusões, da alteza da sciencia punha termo á questão com o seu parecer decisivo, magistral, oracular. No grande dia da festa, a vaidade daquellas duas creançolas, satisfeita com a admiração popular, não valeria, não podia valer, o

deleite que a antevista gloria desse dia lhes dava em imaginação. Ai, assim são todas as ambições e esperanças humanas! O goso é sempre o desengano, mais ou menos ensosso, das fascinações do desejo.

Mas havia uma nuvem negra que entenebrecia o brilho de tão completa felicidade. Era a lembrança do genio de Bartholomeu. A's vezes, no meio dos mais festivos commentarios sobre a grande vista que haviam de fazer com as inopinadas secias, a figura do moleiro surgia terrivel, enrugada a testa pela severidade, os olhos-ervilhacas faiscantes de colera, a boca borbulhando pragas. Bartholomeu cortava com o seu vulto ameaçador aquella linda pagina dos sonhos da vida, bem como o pingo de amarellado simonte (perdoe-se o enxovalhado do simile em favor da exacção) que, rolando insensivelmente pelo estendido beiço do velho sapateiro, vai caír sobre o Carlos Magno, aberto em cima dos joelhos e, espalmando-se arredondado sobre as linhas mais interessantes do livro immortal, embacia e mata as chispas de Alta-clara no momento em que ella rompe o arnez de Ferrabraz. E o mestre pára e assoa-se; mas a interrupção fatal desvanece as illusões dos officiaes ouvintes e, descerrando-lhes os dentes, lhes quebra os brios com

que puxavam a encerolada linha ou cravavam os pinos no alteroso tacão.

Uma idéa, todavia, asserenava logo a alma de Manuel da Ventosa: o furacão paterno estava certo; mas devia ser passageiro. Elle não havia de pôr-se a ralhar nenhuns vinte annos. Era um dia ou dous, e aquellas louçainhas ficavam para toda a vida. Dilatava-se-lhe esta por horisontes tão illimitados! O bom do rapaz ainda não dobrara o melancholico padrão de trinta annos, d'onde só se começa a medir bem com os olhos o curto caminho-de-ferro entre o berço e a cova, pelo qual vai correndo esta especie de locomotiva chamada existencia humana.

Aqui tem, pois, o leitor que gostar da historia lardeada de todas as investigações, exhibições e minudencias gravissimas de que ella se costuma temperar, com tanto juizo e talento, nesta nossa terra, as causas e items mais remotos e reconditos da difficultosa situação em que achámos Bartholomeu, á vista da descommunal tafularia do filho e da nora, cuja defesa tomara sem os conhecer, como verdadeiro paladino, e que dava de todo coração ao démo desde que vira assim arder sem remedio o seu remedio, como diriam o elegante auctor dos Cristaes da Alma, ou os poetas da Phenix-renascida.

Banzou por alguns momentos o velho. A transição era demasiado violenta e rapida, e a revolução que se operava na sua alma vinha gravida de uma apoplexia. Indicavam-no as veias da fronte que engrossavam, a vermelhidão do rosto que ía tirando a rôxo. Semelhante ao hesitar da grimpa no topo do campanario, quando, em trovoada eminente, luctam dous ventos contrarios, Bartholomeu não sabía se repellisse as insolencias de Perpetua Rosa, que tivera a ousadia de chamar-lhe toirão, se descarregasse a colera que o asphyxiava sobre os dous barbaros delapidadores da quasi sua fazenda; quasi sua, digo, porque o moleiro bem sabía que a azenha, comprada com o dote de Bernardina, era, em rigor, delles, e, por consequencia, delles o seu rendimento, que, por paternal precaução, se encarregara de administrar e poupar.

Mas a avareza, superior ao orgulho no animo do velho, fez desembéstar para o lado dos noivos o vento da colera. Abandonando o arranhado e moído Gabriel, rompeu para os novos criminosos, que assim de subito ousavam apresentar-se no seu inexoravel tribunal. Andando, as mãos contrahiam-se-lhe por espasmo nervoso, como as garras aduncas do girifalte, e, ao chegar ao pé delles, lançou uma á gola

da casaca do Manuel e outra ao braço de Bernardina. Eram duas tenazes de ferro.

«Que patifaria é esta, sô tratante? — disse, dirigindo-se ao filho em voz baixa, rouca e, de vez em quando, apipiada pela indignação que lh'a tolhia. — Você não sabe que o dinheiro custa a ganhar? Para que é essa trapagem toda? Com quê, já a sua jaqueta azul tem bichos? E cá a grandessissima tola não podia passar sem sedas? Não se lembra do tempo em que andava de sapatas atrás das vaccas da Josepha Enguia? Diga, senhora mosca morta... Olha a sonsa, que parece não quebra um prato! Anda-se um homem a matar para lhes fazer casa, e vocemecês, senhores badamecos, a botar o suor da gente pela porta fóra. E eu sem saber nada disto! Com trezentas carradas de diabos! Pena tenho eu de que essa mariolada os não posesse num frangalho. Não têm vergonha de se fazerem alvo do povo e de se arruinarem e arruinarem-me a mim, que toda a vida tenho labutado para viver com a minha cara descuberta?... Oh desalmado — proseguiu depois de um instante de silencio — que contas me has-de tu dar do dinheiro que extravaganciaste e que é preciso para me acabar de desempenhar da compra da azenha?...»

Neste momento, o discurso de Bartholomeu, que se ía encaminhando ao pathetico, foi interrompido por um rir esganiçado e trémulo, que lhe chiou ao pé dos ouvidos. Era o caso, que Perpetua Rosa o seguira sem que elle reparasse em tal, e se posera a escutá-lo attentamente. A ultima phrase que a boa da velha ouvira tinha produzido nella tão subita hilaridade.

«E ri-se você, sua atrevida?!—exclamou o moleiro, voltando-se para a Perpetua Rosa.—E' natural que fosse intrépece nesta alhada...»

«Pois vocecê nan quer que eu ria a arrebentar, ouvindo-lhe essas lérias da compra da azenha? Calo-me eu, bem sei porque. Mas sempre lhe digo que está paga e repaga. Meu dinheiro, teu dinheiro... Entende-me, senhor Bertolameu! Minha filha não veio descalça...»

«Oh diabo de bruxa!—exclamou o moleiro fóra de si.—Dão-me inguinações de t'esganar! Olha a piolhosa, a estraga albardas, que me deu cabo de seis saccas, as melhores que eu tinha, por desmazelada...»

«Já lh'o disse, seu mirra-mofina, seu manita de carneiro assado, seu sovina-mór! Não me faça falar. Olhe que eu não tenho papas na lingua...»

«Um estupor tivesses tu nella, que te po-

sesse a boca á banda, aldrabista de centopeia, basculho de chaminé, carraça do inferno! Falta agora que a senhora diga que a lesma da filha trouxe para o casal mundos e fundos!»

«Então, como meche nessa borbulha, — acudiu Perpetua Rosa, agarrando o moleiro por uma das largas abas da veneranda casaca e sacudindo-o com força — é preciso que não faça da gente tola. Assim o quiz, assim o tenha. Saibam vocecês — isto dizia-o, voltando-se para cinco ou seis velhas que faziam roda e segredavam umas com outras — saibam vocecês que o senhor Bertolameu da Ventosa recebeu mais de cinco centos de mil réizes de dote...»

«Eu deito-me a perder com este diabo! — interrompeu o moleiro, fazendo-se fulo e soltando as mãos do braço de Bernardina e da gola do seu Manuel, para as lançar no gasnete de Perpetua Rosa. — Oh lingua perversa! Quaes quinhentos mil réizes?!...»

«Os que meu amo tinha ajunctado grão a grão, como se lá diz, á custa do suor do seu rosto, com muito *gloria in incelsis* muito bem cantado, e muito enterro feito, e suas bátegas d'agua nos ossos, e muito sermão prégado, e muito arranjo e poupança desta sua criada, senhor Bertolameu. Senhor Bertolameu, tenha

proposito! que quem não diz não ouve; que lá resa o dictado: manha do açougue, e com villão villão e meio. Foram setenta caras; salvo seja! Vi-as contar com estes olhos, que hão-de comer a terra. E quem as arrecebeu? Nanja eu. Assim compra-se muita cousa, e arrotam-se postas de pescada. Diz bem, senhora Perpetua Rosa; diz bem! Quem perdeu perdeu; mas não queiram metter os dedos pelos olhos á gente. Nunca vi creatura assim: t'arrenego!»

Este brilhante discurso, até certo ponto, e debaixo de certos aspectos, quasi parlamentar, fez volver o catavento de raiva do moleiro para a oradora, que não era ninguem menos que a tia Jeronyma, a qual abicara ao pé delle, na alheta de Perpetua Rosa.

Bartholomeu andava-lhe já a cabeça á roda, e fugia-lhe o lume dos olhos. Largou os grogomilos da sua estimavel consogra, e começou a menear os braços, por tal geito, que faziam lembrar as vélas do moinho da Ventosa. Os olhos saíam-lhe das orbitas, e a escuma dos cantos da boca: quasi não podia falar. Entretanto Perpetua Rosa, solta do feroz amplexo, exclamava:

«Pouca vergonha! pôr as mãos na cara de uma mulher velha, este gaiato!»

Á palavra «gaiato» homens, rapazes, mulheres, que de instante a instante augmentavam a roda, ninguem se pôde conter pelo contraste monstruoso entre semelhante epitheto e o vulto de capitão hollandês, rhomboidal, vermelho, rugoso, quadrangular, irritado, do moleiro. Foi uma cachinada, um palmear, um ah ah ah... ih ih ih... um assobiar de garotos, que fazia tremer as carnes. Debalde Bartholomeu tentava fazer ouvir as suas explicações: o estrepito opposicionista embaraçava a atrapalhada voz do ministro, que pretendia desemaranhar aquella inextricavel questão de orçamento. Ninguem se entendia: era completamente parlamentar.

Neste momento, á porta de um corredor, que dava para a sacristia, appareceu de subito, já meio revestido, o padre prior. O motim do adro tinha ecchoado lá dentro. Á vista daquelle aspecto veneravel e venerado, fez-se prompto e profundo silencio.

«Que estrupida é esta? — perguntou o velho parocho, com aspecto carregado e voz severa. — É na vizinhança da casa de Deus, na hora em que vão celebrar-se os divinos mysterios, que os meus honrados parochianos vem tecer disputas e travar-se de razões, em vez de guardarem a compostura e devoção com que

devem preparar-se para o tremendo sacrificio do altar? Rixas e apupadas no dia do bemaventurado S. Pantaleão?! Não o soffro. Vamos, expliquem-me a causa de tal barulho. Que foi isto?»

«São estas descaradas...» — gritou Bartholomeu.

«Saiba vossenhoria...» — acudiu, ao mesmo tempo, a tia Jeronyma.

«É este insolente...» interrompeu Perpetua Rosa.

«Não é nada, padre prior; não é nada» — diziam conjunctamente o Manuel e a Bernardina, mais com a mão, fazendo gestos negativos, que com as palavras, enredadas inintelligivelmente com as do moleiro, da ama e da lavadeira.

«Fale um! — gritou o prior. — Assim, fico jejuando.»

«Foi...» — disseram todos ao mesmo tempo.

«Peor! — acudiu o parocho. — Cada um por sua vez. Vamos.»

«Saiba vossenhoria...» — vociferou o moleiro, ganiu Perpetua Rosa, flautou a ama, murmurou o Manuel, pipitou a Bernardina, exclamaram os circumstantes.

«Visto isso, é impossivel saber de que se tracta? — interrompeu de novo o prior. — Está

bom... Não importa! Depois da festa averiguaremos o caso. Tudo para dentro já! Vá tomar o seu logar, Bartholomeu. Estão os mesarios á espera, e você entretido aqui com estas toleironas! Vamos. Nem mais uma palavra.»

E dizendo e fazendo, recolhia-se para a sacristia. No relogio de sol o gnomom estendia exactamente a sua sombra sobre o ponto de intersecção marcado pelo X. As rabecas soltaram a sua chiadeira quasi harmonica, e o grupo, desfazendo-se, escoou-se pelo portal tricentico, cujas pedras a broxa vandalica havia amarellado; e dentro de poucos instantes o adro ficou silencioso e deserto.

Os instrumentos tambem fizeram silencio passados alguns minutos, e sussurrou lá dentro uma voz humana, cansada e debil, que entoava com suave melopea:

«*Introibo ad altare Dei.*»

XIII

Gloria ao padre prior!

Estamos á porta da igreja. A saloiada mettemo-la dentro. O padre mestre Prazeres, o padre Chaparro e o padre prior, não sei se d'aqui os vêem na capella-mór. Fr. Narciso gyra, mira, vira, revira tudo, na credencia, no altar, na banqueta. O ceremonial romano é um mundo de idéas que elle dispôs nos diversos repartimentos cerebraes, com uma comprehensão, um tino, uma logica de por ahi além. Fr. Narciso tem d'olho o padre Chaparro, que foi toda a vida um tonto em liturgia e assim ha-de morrer. General naquelle conflicto, Fr. Narciso está alerta; nem seiscentos Chaparros seríam capazes de lhe entortarem uma ou mil missas cantadas. Em semelhantes

occasiões, o veterano mestre de ceremonias contempla impassivel da altura da sciencia as evoluções dos seus subordinados: tudo abranje, tudo prevê, tudo dirige tranquillo. E não solta uma unica voz: não reprehende, não incita, não ameaça. Uns beiços estendidos e inclinados á esquerda fazem parar o missal, que ía a ser extemporaneamente arrebatado da banda da epistola para a do evangelho; uns olhos trasbordando pelas palpebras, acompanhados de um oscillar de cabeça rapido, horisontal e fugitivo, inteiriçam os joelhos que vão a vergar em genuflexão deslocada. Emfim, para que estarmos a matar-nos? Como o nome de Fr. Timotheo na parenetica, o de Fr. Narciso, na liturgia, será o nome que a historia transportará ás mais remotas eras, emquanto as glorias da familia arrabida durarem na posteridade.

O *introibo* entoou-se: o negocio está agora em mãos de mestre: podemos ficar descansados com a festividade. Como o calor da igreja é muito, venhamos eu e o leitor, conversar um pouco á fresca sombra dos plátanos do adro. Tenho explicações indispensaveis que lhe fazer; dê por onde der, embora ouçamos a missa descabeçada.

Sou homem de bofes lavados, como diziam

os nossos velhos, e não gósto de que me estejam a morder na pelle por causa de lacunas, mysterios ou contradições nas minhas narrativas. Menos isso. A historia é a historia, e não se hão-de deixar por aqui e por alli obscuridades e incertezas, que façam suar o topete ás academias futuras: muito mais que ha ahi uns quidams, cujo officio é esmiuçar, anatomisar e criticar os escriptos alheios e que lhes fazem os mais crueis e desalmados processos verbaes que é possivel imaginar, não lhes escapando periodo nem linha, ponto nem virgula. Critica rosnada pelos cantos é a destes, semelhante ao bisbilhotar da cozinheira com a criada da vizinha, á janella do saguão, sobre os talhos que a ama deu ao presunto ou sobre o mais ou menos acogulado da medida dos feijões fradinhos. É por isso que a taes criticas chamo eu verbaes; verbaes, porque seus actores d'ahi não podem passar. Coitados! escreveriam vinte heresias, se copiassem o padre-nosso. São os alcaiotes dos *lapsus linguæ,* os mexeriqueiros dos actos de memoria. No vento e com vento compõem: vivem de epygrammas agudos como tranca: morrem sem deixar vestigio. Litteratos a barbas enxutas, eruditos lendo ainda por baixo, passam nas trévas, como a

coruja; mas, bem como a coruja, roçando as azas, que salpicou na alampada, pela alva toalha do altar, a deixa ennodoada, assim a pagina pura, affagada de tanto amor do artista, estudada com tão sincera consciencia, lá recebe, na tertulia de parvos, a dedada torpe e sebenta de um chapadissimo tolo.

Não sou dos mais queixosos; todavia, guardo acatamento profundo a essas caricaturas de adibe, que, á falta de dentes para devorarem carniça, contentam-se de fazer empolas e brotoeja na pelle do proximo. Respeito-os a todos, altissimos e baixissimos; que os ha de todas as riscas da craveira social, no civil, no militar e no ecclesiastico. Estou, por isso, sempre com o credo na boca, quando escrevo uma linha, e antes quero que se queixem da frequencia dos prologos, do que me condemnem sem me ouvirem.

Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. Tenho; e é indispensavel. Estou ouvindo um melenas arguir assim: — «Como soube a tia Jeronyma que as peças do padre prior se haviam esgueirado, com tanta magua sua, só para dotar Bernardina? Como o souberam os noivos e Perpetua Rosa? Não se passou tudo particularmente entre o prior e o moleiro, ambos interessados no segredo do

negocio, um por virtude, outro por avareza? Foi um duende que veio revelá-lo? Mas isso é fazer como Eugenio Sue, que, logo desde o principio das suas novellas, arranja um homem humanamente impossivel e, até, uma entidade immortal, para nos casos difficultosos se desembrulhar das aperturas da situação. Isso é empalmar; isso não vale. Queremos saber por onde transpirou a generosa acção do velho parocho; mas por meios naturaes. Não admittimos tergiversação, nem milagres.»

Tá, tá! Nem eu, falando de telhas abaixo. E era para explicar este mysterio naturalissimamente que chamava agora o leitor para a fresca sombra dos plátanos do presbyterio. O caso foi este:

Quando o prior, preoccupado pela idéa de remediar a todo o custo a rapaziada que fizera o Manuel da Ventosa, deu comsigo, ao romper da manhan, no moinho de Bartholomeu, lembrados estarão de que o velho, accedendo aos desejos manifestados pelo seu parocho de ficar a sós com elle, posera fóra da porta os moços, com o grito de *rua!* Se o homem fizesse como Polyphemo, o qual, quando tinha Ulysses e os seus camaradas encapoeirados no antro com os carneiros e

como carneiros, á falta do unico olho que possuia e que lhe haviam vasado, ía apalpando e contando os que saíam, conforme mais largamente narra Homero, não succederia o que succedeu, e já as embrulhadas, picuinhas, dicterios e descomposturas *ad facem ecclesiœ,* de que antecedentemente dei conta, não teriam sobrevindo, com escandalo das pessoas graves e tementes a Deus. Era, como no logar competente deixei especificado, grande o tráfego no moinho á chegada do prior: duas récuas de machos a inquirir á porta; moços para dentro e moços para fóra; saccos de farinha a rolarem e a empoeirarem a atmosphera; bulha, encontrões, sapateada, arres, xós, pragas, diabos; um pandemonio, emfim, em miniatura. A chegada do prior foi tão inesperada e subita, que Bartholomeu, azoinado, não reparou nos que saíam á sua voz de commando. D'aqui o damno. Uma testemunha ficava ahi, sem que Bartholomeu désse por tal.

Esta testemunha era Gabriel. O pobre rapaz tinha andado, até a meia-noite, do moinho para a fonte e da fonte para o moinho, com um macho e dous barris, a carregar agua. Depois, estirou-se a dormir atrás de uma pilha de saccos de trigo, com aquelle valente

somno da primeira juventude a que se não resiste nem num campo de batalha. Dormiu, dormiu, dormiu. Rompia a alva, e ainda elle era pedra em poço. O grito de Bartholomeu despertou-o, na verdade; mas não teve animo de erguer-se: bocejou, bufou, espriguiçou-se, estendeu os braços para diante com os punhos cerrados, virou-se de barriga para o chão, metteu o nariz debaixo do sovaco, e proseguiu na interrompida tarefa. Felizmente para o pobre do moço, que se fosse presentido pelo moleiro teria de acordar de todo com o despertador infallivel dos dous pontapés, Gabriel não resonava, ainda no mais profundo somno. Crendo estarem sós, os dous travaram a larga conversação que no principio desta famosa historia ficou fielmente trasladada.

Não faço eu tão fraca idéa de mim ou do leitor, que supponha assás falta de interesse a minha narrativa ou o tenha a elle por um tal cabeça de vento, que admitta se esquecesse da estrondosa gargalhada que desandou o padre prior ao manhoso saloio, quando este lhe propôs désse o dote a sua sobrinha Joanna, á falta de outra mais digna. Á descommunal risada é que o somno de Gabriel, se não quebrado inteiramente, ao menos já estalado

pelo grito de Bartholomeu, não pôde resistir. O rapaz fez uma revira-volta, abriu os olhos, deu uma guinada ao corpo, ficou assentado, com as pernas estendidas e a cabeça inclinada sobre o peito, meditabundo por alguns momentos e immovel, como um daquelles manigrepos de que resa Fernão Mendes Pinto. Depois, levando as mãos á cabeça, começou a coçar rapido d'alto a baixo por cima das orelhas. Pouco durou, todavia, essa primeira furia. Como o som da harpa d'Ossian, alongando-se e esmorecendo por entre a nebrina das serras, aquelle coçar d'alma affrouxou e desvaneceu-se gradualmente; as mãos, confrangidas em fórma de garra, espalmaram-se flexiveis, os braços, hirtos e erguidos, despenharam-se mortaes ao longo do tronco, e a cabeça, somnolenta, balouçou á direita, depois á esquerda, depois pendeu de chofre para diante e resultou, quasi ao bater sobre os joelhos, semelhante ao judeu martyrisado pela sancta inquisição, quando, ao descer pendurado da polé, a corda, atada mais curta que o espaço médio entre o chão e a roldana, o desconjunctava, retendo-o subitamente alguns palmos acima do pavimento. Assim se desconjunctou aquella machina de somno, e Gabriel abriu seis vezes a boca, engradou-a com

outras tantas cruzes, esfregou os olhos com a parte anterior do canhão da jaqueta, mirou por entre os saccos os dous velhos, embasbacou de ver alli o prior e, sem tugir nem mugir, pôs-se a escutar o dialogo que se travara entre ambos.

Qual este foi e o seu desfecho sabe-o o leitor, tão bem como eu. Apenas o prior se despediu, encaminhando-se pela encosta abaixo, Bartholomeu, recolhendo as setenta peças que elle deixara sobre a arca das maquias, pôs logo tudo em movimento, e Gabriel, por cuja falta, naquelle primeiro impeto, o moleiro não dera, teve arte de se confundir com os outros moços que entravam e saíam, sem que o amo, nem por sombras, suspeitasse que havia uma terceira pessoa sabedora do importante negocio que se acabava de compôr, e sobre o qual, no meio do seu mandar e ralhar e lidar, já a ambição lhe ía alevantando na phantasia muitos castellos de vento.

Segredo em boca de rapaz, outros dizem de mulher (eu, por decencia e pelos meus principios, sustento a moção relativa aos rapazes) é manteiga em nariz de cão. Elle na verdade, contou-o com variantes para mais e para menos, mas contou-o, que é o caso. E a quem o havia de ir metter no bico. Á pessoa que

mais interessada suppunha na historia; á senhora Perpetua Rosa, mas pedindo-lhe pela alma das suas obrigações e pela fortuna da sua Bernardina que não dissesse nada, porque o patrão, se tal soubesse, era capaz de esganá-lo. Prometteu-lh'o Perpetua Rosa; jurou-o e tresjurou-o. Pulava a boa da velha de contente, e a primeira vez que levou roupa á cidade, fez das fraquezas forças e trouxe de mimo a Gabriel um pião novo, uma gaiola de grilos cousa d'espavento, e uma abáda de castanhas do Maranhão e de figos passados, com que o bom do rapaz se regalou de pôr a boca numa lastima. E o mais é que teve palavra. Apenas contou o caso a duas ou tres freguezas antigas de Lisboa e á tia Jeronyma, com quem desde a mestra, podia dizer-se, era unha com carne. Aqui é que foram as ancias. Pelos domingos tiram-se os dias-sanctos. A ama do prior fez-se fula quando tal ouviu. A lanceta que sangrara a meia do forro da escada apparecia finalmente; e a tia Jeronyma, sem lhe importar o ver a mortificação da pobre Perpetua Rosa, desabafou á sua vontade; mas, passado o primeiro estouro da dor, levou de seu brio nunca mais tornar a bulir nesta desagradavel materia.

Eis a verdade, nua e crua, de como se aven-

tou o segredo. A alhada da porta da igreja, nascida daquellas tafularias tolas do Manuel da Ventosa e da sua companheira, acabou de divulgar o negocio, sem que nisso andasse o fradinho de mão furada, nem os jesuitas, gente de poder mysterioso e terrivel, nem, finalmente, o judeu errante, que tantas maravilhas obr actualmente na terra. Mas, se nisto não entraram os irmãos do quinto voto, nem o caminheiro Ashavero, com as suas sapatas tauxiadas de pregos em cruz e com os seus alforges de cholera morbus, entrou, a meu ver, a Providencia, mas uma Providencia natural e simples nos seus meios, como ella o é sempre, sem milagres nem bruxarias. Cuidava o prior que a sua nobre e evangelica generosidade ficasse occulta; cuidava Bartholomeu que trévas perpetuas cubrissem a torpe cubiça e a sórdida avareza com que se houvera neste negocio. Vai, que faz Deus? Serve-se de um pobre rapaz, que ninguem tinha em conta de nada, e põe tudo ao olho do sol. E fique desde aqui dicto que essa é a moralidade da minha historia: a virtude exaltada, e o vicio punido. Nem mais, nem menos, como desfecho daquellas grandes comedias que, ha vinte ou trinta annos, eram as delicias de nossos paes e a gloria dos nossos dramatur-

gos das tres unidades, que Deus haja... As tres unidades, entenda-se bem; porque os dramaturgos, esses o senhor no-los conserve, emquanto podér ser, para nosso regalo e consolação.

Quem disse lá que as velhotas, testemunhas dos *items* do moleiro com as personagens que mais conjunctas lhe eram, entraram para a igreja e se poseram a ouvir o cantar dos padres, e a musica do coreto, e o esbravejar do prégador? Por um oculo! Á sombra da sua victima que fora e que ía ser; á sombra de Bartholomeu, a quem todos abriam caminho para o deixarem aproximar-se do banco dos festeiros, ellas atravessaram a mó dos homens, unidos, como sardinha em tigela, dos estrados para baixo até o guardavento, e chegaram ao meio do mulherio. Haja o apertão que houver, ainda não consta que saloia deixasse de fazer praça para si na igreja. Verdade é que a tia Jeronyma ía em frente, com a cara de arremetter que Deus lhe dera, e que mais arrabinada se tornara com a anterior refrega. Quem deixaria de dar campo á ama do prior, e, sobretudo, áquella carranca? Seguiam-na os noivos, encolhidos e vergonhosos do escandalo que tinham causado, tornadas em fel e absinthio as tão risonhas espe-

ranças que, pouco havia, punham no seu garbo e bizarria; que nisto vem a acabar muitas vezes as vanglorias do mundo. (Mais moralidade). Após elles, vinha Perpetua Rosa, e após a lavadeira, vinha a Veronica do Thiago, padeira gorda, vermelha e reverendaça, a Engracia Ripa, mulher do fogueteiro da aldeia, magra, alta, cor de enxofre, a Eufrasia Tasquinha, tia do Gabriel e varias outras, mais anchas ou mais esguias, mais esgrouviadas ou mais repolhudas, que não sou eu nenhum Homero para estar, nem antes nem depois da batalha, a tecer catalogos de guerreiros. — «Dê licença!...» —«Ai, que me pisou!...» — «Perdoe!...» —«Não vê?...» — Eis o que se ouviu murmurar por alguns instantes. E, no meio daquelle mar de cabeças adornadas de lenços de cor, listrados e brancos, avultava a pinha das recem-vindas, que tentavam ajoelhar; pinha semelhante á embarcação rota a ponto de submergir-se, que balouça vacillante e se atufa lentamente nas aguas. Manuel da Ventosa, que ficara em pé no topo inferior do estrado, sentia apertar-se-lhe o coração, vendo a sua Bernardina no meio daquelle cahos de capotes e roupinhas, como avesinha do céu no meio de ninhada de sapos. As sedas, o chapéu, as flores, a romeira rangiam, achatavam-

se, engorovinhavam-se entalhadas entre aquellas baetas, pannos, camelões e durantes, do mesmo modo que, sobre o cadaver da virgem, se achatam e quebram as alvas roupas da innocencia e a coroa de rosas, debaixo da terra aspera, pesada, immunda, que o coveiro atira brutalmente sobre os restos do que foi bello, delicado e puro. — «Mas que remedio?— pensava Manuel. As cousas assim hão-de ser sempre, porque assim foram desde o principio do mundo.» — Elle, de feito, cria que desde esse tempo existiam missas cantadas, saloias e apertões. Mas, emfim, ajoelharam, persignaram-se, e a festa principiou.

Não a descreverei eu. Quem não sabe o que é uma festividade de orago e o que é a missa solemne celebrada num templo catholico? Ha ahi alguem, crente ou não-crente na fé que seus paes lhe ensinaram, que não tenha bem vivos na memoria esses dias festivos da sua meninice; esse culto, que sabe elevar o espirito para o céu, com as pompas de espectaculo sensual, pompas que, parece, deveriam fazê-lo descer para a terra? Quem se não lembra daquelles bons dias-sanctos dos doze annos, em que o sol era mais formoso que nos dias de trabalho, sem exceptuar a folgada quinta-feira do sueto escolastico? Quem se não lem-

bra da epocha em que o nosso parocho era para nós um ente quasi divino; porque, pobres creanças, ainda ignoravamos os caminhos por onde esses homens chamados a uma existencia de sancta e sublime poesia, sabem vir despenhar-se no charco das miserias e torpezas humanas e revolver-se ahi com aquelles de que deviam ser esperança, salvação e exemplo? Quem não se recorda com saudade do tempo em que o altar só lhe apparecia a certa distancia, com o seu frontal broslado e a sua toalha alvissima, assuberbado pela catadupa de lumes de um throno, perfumado pelas jarras de flores, envolto no ambiente turvo pelos rolos do fumo raro e pallido do incenso, symbolo do mysterio? A quem não murmura ainda nos ouvidos o rythmo monotono e severo do psalmear sacerdotal mais accorde com as doces tristezas do coração, que toda a musica sentida e dolorosa dos espectaculos scenicos, a que estes, na impotencia de o vencer, têm ido humildemente imitar, nas creações dos modernos artistas (porque Meyerbeer, para ser o rei das harmonias, foi invadir o templo)? Quem, finalmente, não refugiu uma vez, cansado de scepticismo, para as memorias infantis das commoções geradas pela religião dos primeiros annos, religião toda de affectos, de

inspirações, sem sciencia nem raciocinio, os quaes, semelhantes ao sal espalhado sobre a terra, podem fertilisar algum coração, mas esterelisam os mais delles? As impressões indestructiveis das festas religiosas guardam-nas os que crêem, como consolação do passado e como esperança de regosijo futuro, e guardam-nas tambem os que não crêem, no longo crepusculo da sua alma, como guardamos no inverno as plantas odoriferas já murchas, que, debaixo de céu pardo e frio, ao pé da veiga nua e da arvore desfolhada, nos recordam o halito suave dos campos ao pôr do sol de um dia sereno do estio.

Eis-ahi porque não descrevo a festa. Era especular descaradamente com os leitores: era como se ao Bartholomeu se lhe mettesse em cabeça ir ensinar o ceremonial romano ao incomparavel Fr. Narciso.

E que terá Fr. Narciso, que já escarrou duas vezes, já se assoou quatro, já bufou seis, já arregalou os olhos para o corpo da igreja oito? É que as attenções estão distrahidas. Fortes brutos! Uma perfeição de ceremonias, que nem na capella sixtina no dia da benção *urbi et orbi!* — «Olha o que lá vai! o que lá vai! — rosnava elle, cheio de indignação. — Aquellas endiabradas... Quem vos decepara as linguas.

tarameleiras! Até aqui! Louvado seja Deus! É de mais. Psiuhhh!»

Tinha razão. Era um zum zum na igreja, que quasi galgava por cima das rabecas; e mais chiavam e desafinavam com alma. O arrastado psiu! de Fr. Narciso restabeleceu, porém, a ordem, que nem, num motim popular, uma carga de cavallaria.

Mas para se restabelecer a ordem é necessario haver desordem. Quero ver se tambem dizem os parvos que esta proposição é uma das minhas exquisitices, ou excentricidades, para lhes falar na sua algaravia. A cousa tinha saído do logar onde estavam a tia Jeronyma, Perpetua Rosa e a Bernardina. Qual cousa? Isso é o que não diz a historia. O que é certo é que era um bis bis que partia do centro para a circumferencia, como os circulos concentricos que encrespam a superficie do lago ao meio do qual se atirou uma pedra, e era ao mesmo tempo um balouçar de pontas de lenços sobre os cabeções dos capotes, um rir abafado, um sussurro, uma agitação entre o mulherio, tal, que attrahira a attenção e logo a colera de Fr. Narciso. O mais que se pôde perceber foram alguns fragmentos de dialogo entre a tia Jeronyma e a Engracia do Estanislau fogueteiro.

«Padre nosso que estaes nos céus — dizia Engracia Ripa, deixando correr um dos bugalhos de umas contas da terra santa que tinha nas mãos. — Ora essa! — Sanctificado seja o vosso nome. — Forte tractante! — Venha a nós o vosso reino. — E uma pessoa com a sua áquella de que era um home como se quer! — Seja feita a vossa vontade. — Safa! — Assim na terra como nos céus. — Com que então, setenta?

«Entregadinhas! — *Ave Maria, gracia plena* — respondeu a tia Jeronyma que latinisava raivosamente, á força de viver com o prior. — Como lh'o hei-de dizer — *Domisteco.* — Foi o démo que o tentou. — *Benedités tu...*»

Neste ponto a interessante conversação das duas matronas foi interrompida pelo psiu! fulminante de Fr. Narciso. Não podemos dizer sobre que ella versava nem aonde iria dar comsigo; e quando numa chronica profunda e grave como esta, faltam fundamentos favoraveis para affirmar, é dever do chronista ser sobrio, ou antes abster-se de conjecturas. Direi só que, ao saír a gente da festa, não havia cão nem gato que não soubesse tim-tim por tim-tim a historia do Manuel da Ventosa e da Bernardina.

Mais moralidade: — é o que elles tiraram das suas tolas tafularias.

Quando o prior saíu da igreja os rapazes desbarretavam-se, ainda com mais signaes de cortesia e respeito do que era costume; as raparigas affagavam-no com um sorrir e volver d'olhos affectuoso, que fazia scismar o bom do parocho. Todos olhavam para elle e falavam em voz baixa. O prior estava zangadissimo.

Mas, qual foi o seu pasmo ao ver chegarem-se a elle muitos velhos de cabeça branca (eram varios lavradores seus freguezes, honrados paes de familia) e beijarem-lhe a mão, com os olhos arrasados de agua! Estava fumando. Uma onda se lhe ía outra se lhe vinha de destampar com tudo aquillo, e pregar uma descompostura solemne e por atacado nos velhos, nos rapazes e nas raparigas.

E para isso não lhe faltava metralha. Mas lembrou-se de que era o dia do orago da aldeia, e teve mão em si. Só lá perguntava aos seus botões qual sería a causa deste destempero e doudice

Como havia elle de atinar, se tinha o costume de esquecer-se do bem que fazia, porque, sendo fraco de memoria, reservava-a toda para o bem que recebia?

A historia do casamento feito pelo velho parocho, conforme depois me contaram (era

eu pequeno, e lembra-me como se fosse hoje) chegou aos ouvidos do prelado diocesano, o qual disse ao famulo do famulo do seu secretario, um dia em que se levantou de dormir a sésta com vontade de galhofar, que, na primeira visita que fizesse á diocese, havia de elogiar publicamente aquelle digno pastor. Nunca, porém, houve occasião para a primeira visita, porque esta costumeira velha tinha passado já de moda. Eram pieguices só boas para os Bartholomeus dos Martyres e para os Caetanos Brandões; pobres homens, a quem Deus fale na alma, se é que valiam a pena disso.

Ajuda — novembro de 1844.

DE JERSEY A GRANVILLE

(1831)

Abandonavamos, emfim, o solo d'Inglaterra. Sería pela volta do meio-dia quando saltámos no chasse-marée que devia conduzir-nos de Jersey a Saint-Maló, atravessando aquella estreita porção do canal que nos separava da França. Sentimentos encontrados eram nesse momento os meus. O sol resplandecia brilhante, e o ar estava puro e sereno: era um dia d'outono, tão bello como o que mais o fosse em Portugal. De um lado alteava-se a ilha, com os seus outeiros e valles, solo anfractuoso semelhante ao nosso, e a povoação com os seus edificios cubertos de telha, que nos faziam esquecer aquelles borriveis tectos ingleses de lousa negra, especie de tabuletas do *spleen,* penduradas pelos bretões sobre as suas cidades, e onde parece ler-se a inscripção de Dante:

Per me si va nella cittá dolente.

Do outro lado estendia-se o mar, chão e espelhado, que se interpunha entre nós e a França; entre nós e esse paiz, que, para a mocidade das nações occidentaes da Europa, é como uma segunda patria; porque lá está o centro das idéas que hoje agitam os espiritos, tanto no que respeita ás questões sociaes, como no que interessa á sciencia e á litteratura; porque lá vivem os escriptores que melhor conhecemos; que, até, amamos como se foram nossos: paiz, a cujos habitos, tradições, successos e glorias nos têm associado os seus livros, sem sentirmos, sem, talvez, o querermos. Ao aproximarmo-nos da França, o coração não bate violento, não se derramam lagrymas, como ao avistar a terra em que nascemos; mas o animo desaffoga-se e abre-se á esperança; vamos tractar homens que nunca vimos, mas com quem de largo tempo vivemos pelas intimas relações dos affectos e da intelligencia.

Eramos seis portugueses a bordo do chassemareé, além de dous marinheiros franceses e um grumete, entidades analogas aos nossos antigos desembargadores; porque cada um delles cumulava seis ou sete cargos daquella vacillante e pequena republica, cargos disparatados, que, todavia, os tres personagens desempenhavam perfeitamente, destruindo assim,

em parte, a analogia radical que tinham com esses magistrados de pedante e pesada memoria, que não desempenhavam bem nenhum. Um cão e tres ingleses completavam a collecção dos animaes inclusos entre as quatro taboas da fragil embarcação.

O chasse-marée é um transporte maritimo, que, na minha profunda ignorancia das cousas navaes, me parece semelhante ao hiate português, ao menos na immundicie e na carencia absoluta de tudo o que seja commodidade. Nisto, entre parenthesis, não sou eu ignorante; porque tenho experimentado uns e outros, e posso asseverar que sería mui difficultoso de resolver qual dos dous generos de navios tem parentesco mais proximo com as rudes e acanhadas galés em que ha sete seculos, Guilherme o conquistador transportou, através daquelle mesmo canal, da Normandia para Inglaterra, os ascendentes da actual aristocracia britannica.

Commoda ou incommoda, era necessario aproveitar aquella detestavel jangada para passarmos a França, e isto por duas razões urgentissimas: a primeira, porque nenhuma outra embarcação havia no porto de Saint-Hélier com destino immediato para a costa fronteira: a segunda, porque o preço da passagem era

apenas uma libra esterlina, e uma libra esterlina era o folego maior que podia saír da boca das nossas bolças, cuja phtysica pulmonar ía já no ultimo periodo. Tendo-nos, portanto, ajustado com o marinheiro que capitaneava o outro marinheiro, e havendo mettido a bordo os nossos bahus, que, pelo leve e desempedido, podiam servir-nos de botes de salvação em caso de naufragio, saímos da caldeira de Saint-Hélier com uma brisa forte da terra, que brevemente nos arremessou para o largo. Era muito depois do meio-dia. Do lado do poente, algumas nuvens brancas recortavam as suas franjas irregulares sobre o chão do céu, que a luz do sol tornava de um azul desbotado. Raras e diaphanas, aquellas nuvenszinhas balouçavam-se no ar, ao que parecia, mais voluptuariamente do que nós, que sentiamos arfar, pinchando dentre as vagas crespas, o nosso pequeno baixel. Pouco a pouco, esses vapores accumulados, cujos contornos occidentaes barravam orlas de ouro, engrossaram, tomando fórmas determinadas. Depois, correndo gradualmente mais rapidos e interpondo-se entre os raios do sol, já inclinados, e o vulto rugoso das aguas, lhes remendavam o dorso, semelhante á pelle mosqueada do tigre. Este jogo da luz dava ao mar um aspecto verda-

deiramente accorde com a sua natureza. Que é elle, de feito, senão a mais terrivel das bestas-feras?

E o vento refrescava de instante a instante, e os mastros do chasse-marée principiavam a soltar de quando em quando um gemido doloroso, curvando-se para as vélas quadrangulares retesadas diante delles.

O grumete ía ao leme: o marinheiro, que representava e resumia a campanha, de bruços e com os joelhos sob o ventre, no ademan do gato que se apresta a saltar sobre o murganho immovel de terror, parecia examinar os novellos de nuvens tenebrosas que se rolavam no horisonte e cresciam para nós, como visualidade de camara obscura. A barlavento, o arraes ou capitão *(capitaine* lhe chamavamos nós, pelo menos) que representava e resumia a officialidade do navio, com o corpo torcido, e encostado á amurada, firmando a barba nos braços cruzados em cima da borda, tambem parecia esquadrinhar o céu e o mar. Dir-se-hia que o encapellar das ondas se regulava e medía pelas rugas que successivamente augmentavam em numero e profundeza na fronte tostada do antigo marujo. Um susto vago e inexplicavel como que pairava no meio de nós. Era que a postura e o gesto daquelles

dous homens tinham um não sei quê sinistro e mysterioso, semelhante ao bofar morno do vento que precede e annuncia a procella.

Nós os passageiros, assentados numa especie de canapé mal affeiçoado, que circumdava a cuberta á pôpa, tinhamos insensivelmente caído em completo silencio; ou, para falar com mais exacção, nós os portugueses eramos os que nos haviamos calado; porque nem o cão, nem os tres ingleses tinham proferido, aquelle um só ladro, estes um só grasnido, desde o momento em que saltaram a bordo, na abra de Saint-Hélier. O unico ruido que sussurrava era o ranger do baixel e o sibillo do vento, embatendo em nós e abysmando-se nos nossos ouvidos, o que nos fazia escutar um som semelhante ao do pinhal que se estorce e vérga, ao redemoinharem-lhe por entre as ramas os mil braços da tempestade nocturna.

Dos tres ingleses, um, velho de cabeça inteiramente branca e rosto inteiramente vermelho, dava certidão, nas cans, de que a agua do baptismo passara por alli havia muitos annos; na côr da tez dava-a de que, tambem, não havia poucos que elle, levado de um sancto respeito pela materia do principal sacramento abjurara de coração tocar-lhe com os

labios, contentando-se de humedecê-los com os tres liquidos fundamentaes de todos os contentamentos possiveis entre os netos dos kimhris e saxonios—o rhum, o vinho e a cerveja. Dos outros dous, um mostrava ser inglês de cincoenta annos, outro de quarenta; o primeiro, magro, de altura de cinco para seis pés craveiros, faces encovadas, nariz meridional ou antes judaico, isto é, prominente e adunco, tez não tanto morena como macilenta; o segundo, typo saxonico, isto é, rosto largo e achatado, olhos azues, guedelhas louras, boca profundamente vincada nas extremidades do beiço inferior, de aspecto aborrido e orgulhoso, como se todo o fumo de carvão de pedra britannico o cercasse com a sua auréola de gloria nacional. Demais disso, não havia que duvidar-lhes da patria: indicava-a o cheiro dos seus vestidos, suavemente impregnados do fartum sebaceo de carneiro e aromatisados com os effluvios nauseantes da infusão de chá preto, os quaes constituem a formula odorifera da sociedade politica chamada os Tres Reinos unidos.

Pois tambem ha cheiros nacionaes? — dirá o leitor.—Que duvida! Cada nação tem a sua crença, a sua lingua, e o seu cheiro. O credo inglês é representado não sei ao certo por

quantos centenares de seitas, que se mandam reciprocamente para o inferno, desde a igreja anglicana, em que os bispos e arcebispos (poetas, amphytriões, millionarios e politicos) bradam anathema contra as vaidades, luxo e cubiça de Roma, até os methodistas, que vão para os seus templos caçar as inspirações de cima, inspirações que muitas vezes são papadas por velha fanatica e tonta, e ouvidas pelos seus irmãos, com uma compuncção que daria vinte comedias a Gil Vicente, se hoje vivesse, e viajasse pelo *Might Empire* do vapor e da cerveja.

A brisa, que ao saírmos de Jersey era em popa, rodou successivamente para noroeste, e, antes do pôr do sol, soprava já violenta do lado do oeste. Nós seguiamos, pouco mais ou menos, o rumo do sul, e a mudança do vento, postoque ameaçadora, tinha sido momentaneamente uma vantagem de commodidade: o chasse-marée corria á bolina, e por isso o seu arfar se tornara mais suave. No horisonte, quasi pela popa, divisavamos ainda o promontorio de Noirmont, e pela nossa esquerda prolongavam-se quasi imperceptivelmente as costas de França, como uma linha negra lançada ao través dos mares. O silencio que reinava a bordo dava certa melancholia solemne ao

quadro do céu nublado, das vagas revoltas, e da terra que parecia quasi desvanecer-se na orla das solidões do oceano.

O inglês velho, que ía justamente assentado á minha direita, a pouco mais de meia milha de Saint-Hélier começou a empallidecer. O ar marinho é inimigo figadal do fastio, e por isso, teriamos apenas navegado duas horas, quando começámos a experimentar, nós os portugueses pelo menos, a immutabilidade inflexivel desse axioma dietetico. Tirámos algumas das nossas provisões, e posemo-nos a despachar os requerimentos do estomago. Offereci ao velho que tomasse parte naquella refeição; mas elle recusou, declarando-se *sea sick* (enjoado); todavia, para não perder, como verdadeiro inglês, os prós da minha boa vontade, entendeu que podia trocar uma obra de misericordia por outra, e deixando-se escorregar do banco ao convez, fincou-me sobre os joelhos a cebeça entontecida, e cerrou os olhos. Recommendei então a Deus os meus pobres ossos cruraes, ameaçados de chegarem a França em estado de para nada prestarem, visto ser a cabeça do velho uma legitima cabeça britannica: dura, pesada e macissa, como o governo da Companhia inglesa na Asia.

Porque não repellia eu a familiaridade omi-

nosa do bom inglês; de um homem que, como bom português, tinha obrigação de repellir? Era porque em contrario havia duas considerações graves. Uma cabeça branca é sempre respeitavel, ainda que assente sobre o tronco de um filho da Gran-Bretanha. Além disso o cesto de verga em que íam as nossas provisões estava alli como um espectro, que me embargava sacudir a fronte do ancião para o travesseiro macio do convez gordurento. O porque desta acção sympathica do cesto sobre o meu espirito di-lo-hei em breves palavras. Miss Parker de Plymouth era uma donzella de sessenta annos; excellente creatura, que nos dera cama e luz por dous mezes naquella cidade, mediante a bagatella de tres shellings semanaes por cabeça. A Inglaterra, como todos sabem, é o paiz da franca e sincera hospitalidade. Eramos ahi nove portugueses, em seis camas e tres aposentos, o que dava certo ar pythagorico e mysterioso á familia, que, dirigida por Miss Parker, podia servir de modelo ás outras ninhadas de emigrados que ainda viviam em Plymouth. Ninguem tinha uma patroa como nós, e os seus *lodgings* eram a perola das albergarias de Plymouth. A principio, havia-se encarregado de nos preparar a comida; mas poucos dias podémos

resistir aos abominaveis temperos do paiz. E' precisa uma raça de estomagos que ainda fosse antropophaga no meado do quinto seculo da era christan para luctar vantajosamente com a cozinha d'Inglaterra, e estes estomagos só os ingleses os possuem, segundo o testemunho do seu historiador Gibbon. Os nossos cederam a tão dura prova, e vimo-nos obrigados a dispensar Miss Parker do mister de nos envenenar. Quanto ao mais, eramos verdadeiramente seus filhos em espirito; em espirito, digo, porque, afóra muitas reflexões pias que se dignava fazer-nos, a nós pobres idolatras do catholicismo, obrigava-nos a respeitar o domingo com o inteiro rigor da igreja anglicana, isto é, a morrermos de tedio e tristeza, prohibindo em sua casa todo o genero de divertimento, ainda o mais innocente, desde pela manhan até solposto, momento em que, naquelle abençoado paiz, Deus cede ao diabo o resto do dia dominical, e em que a devassidão e a embriaguez, tripudiando nos prostibulos e nas tabernas, se vingam das dez ou doze horas de sermões impertinentes dos *clergymen* e de psalmos desafinados pelas vozes roufenhas e prosaicas da turbamulta, debaixo das abobadas sanctas, poeticas e venerandas das antigas igrejas catholicas, repartidas hoje

em camarotes de theatro pela pureza aristocratica e beata do protestantismo inglês.

Miss Parker foi o unico folego vivo da Gran-Bretanha a quem, na minha estada em Inglaterra, devi um beneficio: quando partimos para Jersey, deu-nos um cabazinho, em que levassemos a nossa matalotagem, e derramou algumas lagrymas ao despedir-se de nós. Aquelle cabazinho era o que estava ante mim e me sustinha em cima dos joelhos a cabeça do velho. Sobre as vagas procellosas do canal da Mancha, saldava assim as minhas contas com a Inglaterra.

O vento continuava a rodar para sudoeste, e os nossos dous marinheiros colheram parte do panno e mudaram algum tanto de rumo: depois tornaram a assentar-se na mesma postura em que estavam, e tudo voltou ao anterior silencio, que só era interrompido pelo marulho das ondas, espalmando-se no costado do chasse-marée.

Mas um flagicio, mais abominavel ainda que os condimentos ferozes da cozinha inglesa, veio cortar atrozmente este silencio triste, que representava no meio de nós a previsão de imminente procella.

O inglês alto, de gesto esguio e nariz hebraisante, tinha-se assentado ao pé do outro

inglês affeiçoado pelo typo saxonico, no topo esquerdo da banqueta corrida á popa. Duas ou tres vezes, desde que levámos ferro, elle dirigiu ao companheiro uma rosnadura, a que este respondeu com o estirado monossylabo *Yes*. Á quarta vez, aquella resposta laconica foi proferida com certa melopeia de resignação, que cortava os fios da alma, e acompanhada de um volver d'olhos azues, onde se pintava uma supplica de piedade. Mas o inglês aguçado carregou o sobr'olho e, mettendo a mão ao seio, pôs-se a procurar o que quer que era na algibeira interior de uma das quatro sobrecasacas que tinha vestidas. Eu observava esta scena; sabía o que póde o *spleen*, e o receio de algum anglicidio passou-me pela mente, ao contemplar o aspecto torvo de um e o gesto confrangido e timido de outro. O vento sibillava violento, as aguas começavam a tingir-se de negro, e o céu estava completamente toldado; era meio poema britannico. Um tiro de pistola e um cadaver baldeando ao mar completariam uma epopeia. Nas feições do inglês esgrouviado parecia-me ler duas palavras — Spleen e Poeta — e por isso os meus temores não eram infundados, como, no primeiro momento, talvez os tenha julgado o leitor.

E o mais era que eu acertara, farejando em

Mr. Graham Senior (eram os dous ingleses irmãos, segundo depois soubemos) um fazedor de regrinhas que na lingua inglesa correspondem ao que nas linguas do meio-dia é e se chama versos. O honrado Mr. Graham não procurava na algibeira o amago e substancia da idealidade e poesia britannicas, a pistola suicida. Não! Era cousa mais atrozmente assassina; era um quaderno grosso de letra microscopica, onde provavelmente se continham as suas inspirações ineditas! Estava explicada a longa taciturnidade dos dous. O perverso meditava aquelle fratricidio intellectual desde a partida de Saint-Hélier, e os quatro grunhidos abafados que lhe ouviramos tinham sido quatro tentativas para predispôr a victima. De feito, quando elle sacou o alentado canhenho, Mr. Graham Junior parecia inteiramente resignado.

Aquelle atenazador das orelhas do proximo começou a sua leitura pela primeira pagina. Era um algoz de consciencia, e já se podia prever que tinha a boa tenção de atormentarnos emquanto durasse o dia, que felizmente se inclinava a seu termo. Como me foi possivel, percebi aos trinta ou quarenta versos que era um poeta da eschola de Pope ou, como quem o dissesse entre nós, um poeta da Ar-

cadia. Cá teria falado em Jove, Marte e Neptuno, nas musas, nos zagaes, nas nymphas, na tuba de Calliope ou na sanfona não sei de que deusa: lá, nas inspirações de Mr. Graham, eram as paixões, os vicios, os affectos personalisados quem fazia o serviço dos seus poemas: aqui a esperança, alli o desalento; ora a temperança, logo a desenvoltura. Aquella poesia frigidissima fazia-me lembrar do Olimpio, do Pinto e da Castalia dos nossos arcades, e de algum modo me consolava das miserias domesticas, ao ver que a poesia cadaverica das fórmas e convenções não vivia unicamente entre nós, mas ainda ousava, no canal da Mancha, misturar as suas semsaborias academicas com o bramido terrivel do vento e com o fervor estrepitoso das vagas, que entoavam accordes a sublime invocação da procella.

O poeta esguio declamava as suas regrinhas lentamente e com todos os requebros da melopeia inglesa, genero de canto semelhante ao gemer rabugento de uma creança na primeira dentição. O pobre diabo, postoque, provavelmente, acreditasse que nenhum de nós o entendia, pensava, por certo, que, nova especie de Orpheu, bastavam os sons das suas palavras harmoniosas para nos arreba-

tarem e extasiarem, a nós selvagens da Europa, como com tanta graça e verdade denominam os escrevinhadores de John Bull os habitantes da Peninsula! Pensava assim, de certo; porque, de quando em quando, volvia para nós os olhos, com aquelle sorriso de complacencia estupida que é peculiar na cara de um inglês vaidoso e contente de si.

Um dos exemplos mais lamentaveis da cegueira do espirito humano é a persuasão em que os escriptores de Inglaterra estão de que possuem uma lingua litteraria falada; isto é, que os sons quasi inarticulados do seu chilrear e grunhir correspondem sufficientemente aos grupos de caractéres alphabeticos de que elles se servem para representarem os proprios pensamentos. Todavia, a lingua escripta de Inglaterra nada tem que ver com a linguagem em que a nação se exprime: são dous typos diversissimos, que dão fórma sensivel ao pensamento. Abri um livro escripto em qualquer outro idioma da Europa, e fazei ler por elle um estrangeiro completamente ignorante desse idioma: o natural do respectivo paiz, aquelle que o falou desde a infancia, entenderá tudo ou quasi tudo, se escutar essa leitura. Fazei a mesma experiencia com um livro inglês: o natural de Inglaterra não en-

tenderá provavelmente uma unica palavra. É que na realidade entre este povo, em tudo singular, os signaes chamados letras não têm um valor constante e determinado, e por isso não podem corresponder rigorosamente a um som.

A Inglaterra ha visto nascer no seu gremio grandes poetas. Shakspeare e Byron bastariam para lhe dar uma gloria immensa. Mas a sua poesia reside toda no pensamento, na essencia da arte. As fórmas externas são rudes, barbaras, ou fluctuantes. Shakspeare e Byron forom dous selvagens, um porque estava além da civilisação, outro porque estava áquem dela; mas foram, talvez, as duas almas mais sublimemente poeticas da Europa. Porque, pois, não souberam ajunctar a melodia material ás harmonias intimas das suas idéas? Foi porque não podiam converter em palavras humanas o intoleravel grasnido dos seus compatriotas.

Uma cousa que sempre me acontece em ouvindo falar um inglês é notar as mysteriosas analogias que ha constantemente entre a lingua de qualquer povo e os seus habitos de moralidade. Considerae, por exemplo, a lingua alleman: é um idioma perfeitamente accentuado: os vocabulos escriptos correspon-

dem rigorosamente aos falados: não ha ahi luxo inutil de letras: todas se proferem: todas representam um som ou uma articulação. Os caractéres do alphabeto nunca serviram para enganar o estrangeiro. Não achaes nisto uma expressão do animo leal, franco e singelo daquelle povo? A *Deutsche Treue*, a *fé germanica* não se reflecte, como em um espelho, na lingua desse paiz? Agora escutae um inglês: dous terços de cada palavra, como a representam os signaes alphabeticos, não se proferem: devora-os o leitor: são uma armadilha para obrigar os labios peregrinos a darem syllabadas: o inglês pronuncia com os dentes cerrados, como se temesse que essas palavras-ouriços lhe fizessem, ao perpassarem, os labios em sangue. Não achaes nisto um typo de cubiça e avareza? Um pensamento enganoso? O algodão tecido á sorrelfa com a lã? Não descobris lá o pensamento do tractado de Methuen, ou do desembarque de Quiberon? Não se revela no coaxar das rans de Wordsworth e dos poetas dos lameiros o *British Interest?*

Taes eram as reflexões em que eu estava embebido, emquanto o poeta mastaréu acreditava ter-nos enleiado a todos com as mellifluas toadas do seu poetico lavor. A noite,

entretanto, despenhando-se de castello em castello de nuvens, lançava sobre o dorso do mar revolto o seu manto de escuridade. O sectario de Pope cedeu então ás trévas: fechou o canhenho, e resguardou-o outra vez dos olhos profanos debaixo da meia fabrica de Leeds que fora absorvida na mole immensa dos seus quatro casacões.

Mr. Graham Junior, apenas seu respeitavel irmão cessou de ler, volveu para elle o rosto melancholico, e murmurou, depois de um suspiro:

«*Aye! — Very good!*»

Com os tres *Yes* precedentes faziam a conta de seis palavras ou grasnos, que dispendera naquelle dia Mr. Graham Junior.

Dous ingleses ridiculos são indubitavelmente as duas cousas mais ridiculas deste mundo.

O temporal que se preparara durante a tarde desfechou em cima de nós com o cerrar da noite. O vento saltara inteiramente ao sul, de modo que nos ficava ponteiro. As vagas accumulavam-se em serras, que, alçando-se e topando em cheio, se enlaçavam e confundiam, como dous luctadores furiosos. Depois, a mais possante, sumindo debaixo de si o grande vulto da sua contraria, erguia o topo esguio,

que vacillava um instante e caía, desfeita em catadupas de escuma, nos valles profundos cavados momentaneamente em volta della. A lucta daquelles vagalhões gigantes, em pé sobre o abysmo das aguas, estreitando-se e despedaçando-se, como as hyenas e tigres num circo romano, vista assim ao lusco-fusco, sob céu achatado e cinzento, era uma sublime peleja! Todos os espectaculos da terra — dos homens ou da natureza — que são ou que valem, comparados com a colera da procella que passa no oceano? Menos que farça semsabor de titeres, comparada com o Hamlet e com o Othelo representados por Betterton ou por Garrick. O mysterio dos mares é de todas as obras da creação aquella em que mais profundamente o Senhor estampou o seu verbo; a inscripção indelevel indubitavel que narrará perpetuamente ao genero-humano o seu infinito poder.

O chasse-marée havia-se posto á capa. O vento não consentia já que surdissemos avante, e o arraes, depois de breve conferencia á prôa com o seu companheiro, veio declarar-nos que sería impossivel seguir o rumo de Saint Maló; que era necessario pôr a prôa nas costas da Normandia, e dirigirmo-nos a Granville; que, finalmente, só ahi poderiamos tocar em terra

na manhan seguinte. Recebemos esta desagradavel nova com mais heroica resignação, se é possivel, que a de Mr. Graham Junior, ao levar a sova poetica das inspirações fraternas. E que não nos resignassemos! A immutabilidade do nosso destino proclamavam-na os silvos do vento e, o que mais era, a declaração do arraes. Um capitão de qualquer baixel é o absolutismo incarnado: as suas decisões equivalem á fatalidade moslemica. Em muitos sermões politicos, que é a especie mais impertinente do genio litterario — sermão —, tenho lido comparações fulminantes contra os tyrannos, buscadas no despotismo asiatico. Se eu caísse na miseria de fazer eloquencia politica, não ía tão longe buscá-las. Saltava no primeiro hiate, chasse-marée, ou sloop, e, travando do arraes, dizia ao mundo: *ecce homo;* eis-aqui a flor, a maravilha, o ideal de todos os despotismos possiveis. Os que andam incommodando Attila, Kulikan ou Timur, para afferir por elles os tyrannetes quasi ridiculos da Europa moderna, são dissertadores d'agua doce, que (para me servir de uma phrase do auctor de Micer Harold) nunca poseram a mão sob a juba crespa do oceano. Tyrannia e arraes são synonimos: digam o que quizerem os extirpadores implacaveis das synonimias.

Maître Jean Legris era um verdadeiro arraes normando: duro, carrancudo e inexoravel, como os piratas do seculo duodecimo seus antepassados, de que tão pavorosas memorias restam nas costas de Portugal e de Galliza. Ouvimo-lo com magua, mas com respeito, porque não havia replicar. O chasse-marée obedecia ao leme, o leme ao marinheiro, o marinheiro ao capitão, e o capitão, pactuando com o vento, resolvera empalmar-nos Saint-Maló e a Bretanha, para nos dar em troco Granville e a Normandia. Por isso, antes de nos communicar as suas intenções, mestre João tinha dado a popa á tempestade e tomado o rumo de leste. Contava d'antemão com a obediencia que não lhe podiamos refusar.

Emfim, anoitecera: a unica luz que viamos nas campinas do céu e das aguas era aquella especie de branquejar phantastico e transitorio da escuma, que é para o luar o que um retrato de morte-cor para um vulto original — menos que frouxissima claridade, e mais que o crepusculo esbranquiçado e indeciso de um corpo alvo e que mal se divisa no meio das trévas.

O chasse-marée, galgando por cima das ondas, no meio do refluxo dellas, devia parecer

visto de longe, um baixel mysterioso e infernal, perseguido por espectros que surgiam successivamente dos abysmos e que, em roda delle, dançavam danças maldictas, envoltos em seus alvos sudarios.

Bem importavam a Mr. Graham, o fratricida psichologico, aquellas solemnes tristezas de uma noite procellosa! Tirou um frasquinho de aguardente que trazia a tiracollo, bebeu um largo trago, e alevantou-se, dirigindo-se á escotilha da especie de camara que nos ficava debaixo do tombadilho. Era um pinheiro! Quando o vi em pé, receei que o sul o partisse; mas nem sequer rangeu. Se me não mente um calculo rapido, Mr. Graham era, ao menos physicamente, um poeta da força de oitenta cavallos, medida britannica: era um poeta de alta pressão: era um poeta *warranted,* para me exprimir como os laconicos letreiros de todas as peças de fazendas inglesas falsificadas. Mr. Graham Junior seguiu Mr. Graham Senior, *non passibus aequis,* como mais curto que era. Ouvimos lá embaixo ainda dous ou tres regougos; depois, tudo caíu de novo em silencio.

O velho que se me encostara sobre os joelhos, apenas viu os seus compatriotas buscarem acolheita para a noite, ergueu-se e, cam-

balcando, chegou á ingreme escada que conduzia á estreita camara. Pôs um pé no primeiro degrau, pôs o outro no segundo, tornou a pôr aquelle no ar, e disse com o corpo no fundo — pan!

Era o som de um *cask* de cerveja caíndo de vinte pés de altura. Ouviu-se um grito rouco e mais dous grunhidos dos seus respeitaveis patricios. Tinha arrebentado o saxonio ou espalmado o poeta? Talvez ambas as cousas. Corremos a acudir-lhes, levados pelo primeiro impulso da humanidade. Os primeiros impulsos, nestes casos, não prestam nem para Deus, nem para o diabo, porque são estupidamente involuntarios. Seja isto dicto, com paz do leitor, como desculpa da nossa caridade e como descargo da consciencia nacional.

Para clareza desta importante narração, é de saber que, apenas viraramos de rumo, o marinheiro substituira o grumete no governo do leme, como ministro responsavel de mestre João, e o grumete fora assentar-se á prôa, no logar que deixara o seu successor, exactamente como um ministro demittido, que vai tomar assento nos bancos da opposição. D'alli olhava para o tombadilho, fazendo a segunda, com um assobiar monotono, ao bramido do vento.

Chegámos dous ou tres á escotilha onde soara o baque do velho. Iamos a descer, a risco de nos despenharmos tambem, quando a cabeça de Mr. Graham Senior começou a surgir, como uma visão de Manfredo:

> What dost thou see?
> .....
> I see a dusk and awful figure rise.

A' luz da bitacula, que enviava um raio frouxo ao rosto do grumete, o poeta acenou-lhe que se aproximasse, sem se dignar sequer de olhar para nós humildes creaturas, que haviamos parado em roda de sua grandeza.

O rapaz chegou-se a Mr. Graham.

«*Brandy!*» [1] — rosnou este com o aspecto temerosamente carrancudo e imperativo de um Nelson, dando a ordem de accometter na batalha de Trafalgar. Dizendo e fazendo, mostrava o seu frasco de aguardente virado de boca para baixo. O rapaz pôs-se de novo a assobiar.

Nós então ousámos perguntar a sua extensão se porventura succedera algum fracasso aos seus compatricios. Elle lançou-nos um

---

Aguardente.

olhar obliquo, e em voz alta mais bradou ao grumete:

«*Rhum!*»

«Não ha» — respondeu o rapaz, entre dous assobios.

«*Bring rhum, boy!*» — insistiu o cantor da temperança, já colerico, e fazendo-se desentendido.

«*Chien d'anglais,* não percebes?...» — exclamou o grumete na sua lingua nativa, com um gesto de impaciencia; e accrescentou, voltando-se para nós:

«Que diz este diabo?»

«Que lhe ponhas para alli cachaça» — ía eu a dizer, paraphraseando em francês os tres monosyllabos britannicos, quando fui interrompido por um mugido, subito, incisivo, retumbante, que sobrelevou o rugir da tempestade. Soltara-o Mr. Graham, que cerrando os punhos, com todos os ademanes de um professor de sôco, crescia já para o pobre grumete, o qual avaliara erradamente a linguistica do poeta. Elle percebera ás mil maravilhas as duas personalidades de *cão* e *diabo,* que ousara dirigir-lhe o imberbe e enfarruscado normando.

Felizmente para este, uma onda galgando exactamente neste momento, á popa, veio la-

var o tombadilho, e um forte balanço, fazendo perder o equilibrio ao filho da Gran-Bretanha, o estendeu ao comprido na agua que passava em demanda da prôa, com grave perigo do precioso manuscripto do casacão. Estirado sobre a tilhá do chasse-marée, e coleando e bufando para se levantar, Mr. Graham representava soffrivelmente o papel de um congro tirado naquelle instante do mar. Quando elle, emfim, pôde concluir o plagiato que fizera ao tombo do seu velho compatriota, o grumete tinha-se já retirado ao anterior posto, sobre os escovens, e continuava o seu acompanhamento de assobio ao estrepitar do vento.

Mr. Graham meditou um momento. Parece que o abalo da quéda e a frescura da agua lhe haviam modificado poderosamente o orgam da *combatividade;* porque, sem dizer palavra, desceu outra vez para a limitada camara da fragil embarcação.

Este incidente, que passara com grande rapidez, podia ter dado motivo a uma seria desavença entre o arraes e o poeta, porque mestre João mostrava-se assás cioso da propria auctoridade para não consentir que um dos seus subditos fosse punido por haver recusado uma cousa que, talvez, não houvesse

realmente a bordo, e por ter dicto duas verdades duras a um conterraneo dos nevoeiros e dos beefsteaks. Mas, porque não se exprimiu Mr. Graham de modo que o grumete o entendesse? Como imaginou elle que o pobre rapaz podesse perceber os seus tres monosyllabicos grunhidos? É que o orgulho e o patriotismo britannico andam aninhados em tudo. O que nos outros paizes se olha com um primor d'educação, em Inglaterra é uma indecencia. Um Inglês parece envergonhar-se de saber algum idioma estranho, sobretudo o francês, que nos paizes continentaes não é permittido ignorar a qualquer individuo medianamente instruido.

A lingua francesa, pela sua simplicidade, regular syntaxe, determinada prosodia, e mais circumstancias que a tornam facil para os estrangeiros, tem obtido certa universalidade, que a vai convertendo, por assim dizer, em lingua geral, principalmente na Europa. Este predominio da lingua francesa deve ter, talvez, em mais ou menos remoto futuro, graves consequencias politicas. É por esta razão que aos ingleses doe excessivamente tal predominio. Primeira nação do mundo, como potencia material; representando nos tempos modernos uma imagem da antiga Roma, a Inglaterra

mal-soffre ser intellectualmente inferior á Allemanha e á França. A influencia moral que, pelos seus livros, esta ultima exercita na Europa, nomeadamente nos paizes occidentaes, tende a augmentar ahi a sua influencia social, na razão directa do progresso de civilisação desses paizes. A França actua pelas idéas, emquanto a Inglaterra o faz pelas esquadras: mas a acção das idéas cria a semelhança de crenças, de costumes e de affectos, emquanto o temor das esquadras, o apparato do poder, as insolencias do forte contra o fraco só geram odios fundos, que se vão legando de paes a filhos; que se vão accumulando no thesouro commum das gerações que vem surgindo. Estes odios são um incendio que lavra e que póde abrasar a Inglaterra, num desses dias aziagos que amanhecem para as nações, como para as familias. Uma crise basta para perder o Reino-Unido, e esta crise é facil num corpo moral cuja physiologia é monstruosa e antinomica. A Gran-Bretanha deve saber que os ecchos do continente repetem de continuo a grande voz do povo, que, em mais de um paiz, murmura aquelle terrivel verso do poeta italiano:

Siam'servi, si: — ma servi ognor frementi!

Ninguem como os ingleses tem o instincto da vida politica. Nuns, este instincto é ajudado pelo raciocinio: noutros, pelo orgulho nacional. A Inglaterra desejara tirar á França as influencias intellectuaes: para isto fora necessario generalisar a propria lingua. Ahi é que bate o impossivel. Entretanto o inglês vai falando o inglês na terra e nos mares, quer o entendam, quer não, e só em casos desesperados recorre a algum idioma estranho, não sem o torcer, estafar e mutilar, com toda a barbaridade de um verdadeiro Kimhri! É uma teima perpetua entre a Europa e a Gran-Bretanha:

O mundo a porfiar que os bretões grunhem;
E os bretões a teimar que o mundo mente.

Aquelle caso de Mr. Graham fora mais um capitulo desta polemica eterna.

Nós os portugueses pensámos então em buscar uma guarida para passarmos a noite, porque algumas pingas grossas de chuva nos annunciavam um aguaceiro imminente. Dirigimo-nos a mestre João, que nos declarou categoricamente ser impossivel dar-nos entrada na tóca miseravel a que elle tivera a ousadia de pôr o nome de camara; e isto pela razão composta de que os tres ingleses a occupavam

inteiramente, e de que não podiam ser d'alli expulsos, tendo pago trinta shellings por cabeça, emquanto nós pagaramos só vinte. O argumento era de uma solidez irreprehensivel. Pedimos-lhe, todavia, humildemente que nos declarasse onde nos poderiamos resguardar da agua do mar e do céu; porque, se houvessemos pretendido passar a nado de Jersey para França, escusaramos ter-lhe pago a malaventurada capitação de uma libra esterlina, que nos fazia descer, na escala social, dez shellings ou dez furos abaixo dos tres ingleses.

Os selvagens têm mais que os homens civilisados a eloquencia do gesto, e o bom do normando, forçoso é confessá-lo, dava todos os indicios de verdadeiro butecudo. Tomando a postura sublime de um *seekoenig,* o rei do mar dos antigos sagas da Islandia, e com um — *là* — que podia fazer ainda mui decente papel ao lado do—*qu'il mourût*—de Corneille, o arraes, especie de Buonaparte juncto ás Pyramides, nos apontava para a escotilha d'avante, a escotilha da boca do porão, e parecia dizer-nos no seu gesto mudo: — «Ahi quarenta dores rheumaticas vos esperam!» — Melhor era isso, contudo, do que amanhecer inteiriçados sobre a tolda: e assim, dando-nos por avisados, arremettemos com o abysmo.

Escada não havia, e as trévas interiores não eram menos densas que as trévas exteriores, de que resa a biblia, onde ha o choro e o ranger de dentes. A altura, porém, não devia ser grande. Como os cavalleiros do Palmeirim d'Inglaterra, cada um de nós se encommendou á dama dos seus pensamentos e, do modo que pôde, desceu aquella especie de *bolgia* dantesca.

O chasse-marée, destinado a transportar gado de França para as ilhas do canal, ía em lastro, e o lastro era d'areia. Se não fossem os terriveis balanços da embarcação, a pocilga em que nos achavamos poderia passar ao tacto, unico sentido de utilidade naquella situação, por uma praia deserta. Depois de apalparmos por largo tempo em volta de nós, achámos por fim uma véla e alguns cabos, lançados para uma extremidade do areal fluctuante. Ao menos, tinhamos um leito, se não mais macio, ao menos mais enxuto que esse com que já contavamos. Uma pouca d'areia humida por pavimento, algumas braças de lona por leito, e por agasalho e cubertura a tolda de um miseravel barco eram, com as trévas que nos rodeavam nesse momento, toda a nossa consolação e abrigo.

Se esta recordação escripta, humilde e ob-

scura, como seu auctor, passar ante os olhos do major C*** [1], elle ha-de por certo lembrar-se de que essa noite foi uma das bem dolorosas e tristes da sua larga vida de soffrimento e abnegação; da sua vida de honesto e valente soldado. Padecimentos antigos haviam crescido com os trabalhos e estreitezas do desterro, e postoque o seu animo de ferro lhe não consentisse o soltar um só queixume, o incendio lavrava lá dentro, e a dor, que não podia subjugar-lhe o espirito, ás vezes se lhe revelava no gesto confrangido. O seu estado gerava em nós, que sinceramente o amavamos, serios receios. Mas como o padecer se não traduzia em gemidos, no meio da escuridão, e entretidos com a scena ridicula do poeta da temperança e da aguardente, haviamo-nos persuadido de que esse padecimento diminuira consideravelmente.

Deitados em cima da véla convertida em colchão, os meus companheiros breve adormeceram. Quando a consciencia está tranquilla a mocidade encontra facilmente o repouso, ainda no mais duro leito. Só eu velei; porque lhes levava uma vantagem, talvez an-

---

[1] Actualmente (1843) brigadeiro Celestino Soares

tes desvantagem, uma imaginação mais ardente. O major C*** tambem parecia dormir.

Achava-me, finalmente, só!

Havia muito que para mim não existia a vida intima, senão no silencio da noite. O dia, esse passava-o como embriagado na agitação tumultuosa do peregrino, vendo fugir diante dos olhos, na terra e nos mares, os quadros e as scenas de uma natureza e de uma sociedade diversa daquellas que me tinham cercado na infancia e na primeira juventude. Era de noite que a imagem da patria, terribilissima de saudades, se me assentava, como pesadelo, sobre o coração e me espremia delle bem amargas lagrymas! Aos vinte annos, a nossa alma, viçosa e virgem, tem affectos para derramar com mão larga por tudo o que nasceu e cresceu juncto de nós; por todos aquelles que nos ensinaram a balbuciar as primeiras palavras e nos guiaram os primeiros passos no caminho da vida. Para achar deleite em vaguear fóra do nosso ninho paterno, é preciso haver passado a idade das esperanças; é preciso ter já calcado aos pés, inteiramente sugado, o pomo das illusões, e assistir ao drama da existencia, não como auctor possuido do seu papel, mas como espectador indifferente, que sabe ser esse drama

um embuste, algumas vezes attractivo, mas semsabor as mais dellas; é preciso ser homem; e eu tinha então vinte annos. Por isso, este errar entre estranhos teria para mim sobejo tedio e tristeza, quando se lhe não ajunctassem outras maguas e privações de muitos generos.

O desterro é uma das mais profundas miserias humanas; mas a pobreza, no desterrado, é o tormento mais intoleravel do espirito, porque é um composto monstruoso de saudade, de humilhação, de abandono, de desesperança, que vos lembra cada dia, cada hora, cada instante, a vossa situação desgraçada; que vos recorda sem cessar que sois uma especie de Ahasvero, de judeu errante, que a maldicção de Deus guia, em meio do desprezo dos homens, em meio dos vituperios e dos trabalhos, por uma peregrinação sem termo e sem horisonte. Tendes de experimentar a affronta e calar, os maus tractos e soffrer, a fome e a nudez e não ousar pedir uma esmola, porque o pobre estrangeiro é um ente médio entre o homem e o animal, a sua linguagem inintelligivel e ridicula, a sua dor e o seu sentimento quasi um impossivel, o nome do seu paiz a fabula e o escarneo das gentes, sobretudo se esse paiz é fraco, limitado e

obscuro. Então vem o comparar tudo isso com os commodos e gasalhado do lar domestico, com o amor e a amizade que vos cercavam de suavidade o viver de outro tempo, e a comparação vos converte em fel e lagrymas o sangue mais puro das veias. Tombastes de pedra em pedra e caístes no fundo de um abysmo: lá acharam os vossos membros pisados e feridos um leito de sarças; e d'ahi medis de continuo a altura da quéda, porque vos luz lá em cima o céu da patria, e a saudade vos mede palmo a palmo a distancia que vai do despenhado a essa imagem querida.

Que todos aquelles que nunca saíram de sob o tecto da sua infancia; que nunca buscaram debalde o sol esplendido da terra occidental para o saudar na manhan de primavera; que nos remansos do seu rio natal não imaginam o ennovelar-se e o bramir das vagas do oceano; que nunca viram o céu chato do norte pesar sobre a campina, estendida como cadaver e cuberta do seu sudario de neve; que esses alguma vez se recordem e compadeçam do pobre foragido, a quem as intolerancias insensatas e ferinas de paixões politicas arremessaram para estranhas regiões. Seja qual for a vossa crença, a vossa parcialidade, doei-vos delle; porque as doutrinas podem ser

erros, mas não são crimes. E demais, quem vos diz que essa opinião, que vos parece verdadeira e sancta, vos não parecerá com o tempo absurda e má, se de sincero coração a seguis?

Engolfado nestas idéas, postoque bem desperto, conservava-me calado no meio dos meus companheiros, os quaes dormiam placidamente ao murmurar da agua no costado do chassemarée, que rompia pelas vagas agitadas. De vez em quando, os mastros rangiam com os turbilhões de vento, e sentia-se um golpe soturno e embaçado sobre a tolda. Era alguma onda que salvava por cima do baixel, como a que viera acalmar a colera do esgrouviado Mr. Graham. Depois, ouvia-se a voz do arraes, que proferia algumas palavras inintelligiveis: depois, outra vez só o silvar da procella.

O major C*** revolvia-se, entretanto, perto de mim, ao que parecia grandemente inquieto. A persuasão, talvez, de que ninguem o escutava e a intensidade da dor arrancaram-lhe, emfim, um gemido. A sua energia moral succumbira. O veterano, depois de largo combate de muitas horas, declarou-se vencido.

Falei-lhe em voz baixa: na tristeza da noite o padecimento physico parece achar consolo no som da voz humana. Era o unico soccorro

que, na situação em que nos achavamos, lhe podia ministrar.

A nossa conversação durou por algum tempo; nesta conversação havia para mim o refrigerio do espirito, porque nos recordavamos da patria; elle buscava assim um allivio para dous generos de angustias, as do espirito e as do corpo. Era mais infeliz do que eu!

Por este modo passou grande parte da noite. A tempestade crescia progressivamente, e o balanço do chasse-marée era já intoleravel. Começámos então a sentir por cima das cabeças os passos apressados dos marinheiros e um som estranho, como de mar quebrando ao longe em agra penedia. Este som, semelhante ao disparar de artilheria por sotavento, aproximava-se gradualmente.

D'ahi a pouco ouvimos correr rapidamente a amarra pelos escovens. Era incrivel que tivessemos chegado tão depressa ao termo da nossa viagem. As seguintes palavras de mestre João, precedidas de uma praga, não nos deram vagar de fazer sobre isso largas conjecturas:

«*Ventre-Saint-Gris*... a amarra... vamos a pique!» [1].

---

[1] Textual.

Foi o que podémos perceber. E era sobejo.

O major C*** ficou immovel. Quanto a mim, o primeiro pensamento que me scintillou no espirito foi o despertar os nossos companheiros. Mas porque não haviam de morrer tranquillos? Deixei-os.

O brado do arraes fora seguido de um momento de tremendo silencio: depois senti que o chasse-marée fazia um singular movimento, como galgando pelo dorso de enorme vaga; após isto pareceu-me que subitamente parara, e ouvi de novo falar na tolda. Era a voz de Mr. Graham, o poeta agoureiro e esguio.

Este momento de incerteza foi horrivel. Então conheci bem a verdade de uma phrase de Milton: «*a escuridão visivel*». Nas trévas profundissimas em que estava via o reluzir do mar ao redor da véla branca em que jaziamos; e os olhos da minha imaginação enxergavam através da agua os rochedos de sorvedouros submarinhos, onde os nossos cadaveres deviam dentro em pouco achar uma sepultura desconhecida.

Não sei como, mas a verdade é que, no meio do terror de morte afflictiva e demorada, me veio á cabeça uma idéa ridiculamente consoladora. Foi esta a imagem de Mr. Graham, sumindo-se nas goelas de um

tubarão com a sua fabrica inteira de versos e a meia fabrica de Leeds que trazia distribuida pelos seus quatro casacões incommensuraveis.

Passou um minuto: passaram dous: passou terceiro; e a nossa véla enxuta, e o baixel perfeitamente tranquillo. A morte, se tinha de vir, era tão lenta e derreada como a melopeia da declamação inglesa.

Porventura, haviamos encalhado nalgum banco de areia, porque o chasse-marée evidentemente não abrira; aliás, o mar devia ter-nos já sorvido.

Lembrei-me de subir á tolda. Mas como? O logar onde nos achavamos representava uma verdadeira masmorra de castello feudal. O escotilhão por onde desceramos era mais alto do que um homem: além disso, o estrado da boca tinha sido ahi collocado, como a campa sobre um tumulo, e em cima do estrado sentiramos lançar uma lona breada para impedir a invasão das ondas que galgavam pelo tombadilho.

Esperei, pois, que amanhecesse, e que então obtivessemos a luz e a liberdade da munificencia de Micer Jean Legris. Entretanto, o major parecia mais tranquillo: a quietação do chasse-marée e a somnolencia da ante-manhan eram apparentemente a causa disto.

A alvorada assomou, emfim, no oriente: alevantou-se o estrado, e a luz branda do romper do dia veio alumiar o nosso calabouço marinho com uma claridade frouxa e suave. Não esperara debalde em mestre João: o *seekoenig* concedia-nos o favor de aspirarmos um ambiente puro e livre.

Subi á tolda. O sol surgia como um grande orbe vermelho fluctuante sobre as ondas levemente crespas. No sudoeste, uma nuvem negra e ampla parecia firmar-se em pé no horisonte, prolongando os cimos dentados pelas alturas do céu: era a procella, que fugia varrida pelo nordeste. A superficie enrugada do oceano tinha não sei que semelhante a gesto humano que sorri. Eu contemplava uma dessas raras alvoradas do navegante, em que, no aspecto do mar, se lê o nome de Deus, e, no sussurro da brisa, escuta o hymno da creação.

Onde estavamos nós? No recife de um ilhéu, vizinho das costas da Normandia, cujo nome se me varreu da memoria. A caldeira onde nos achavamos teria tres vezes o comprimento do chasse-marée e ainda menor largura. Olhei para a entrada, e os cabellos eriçaram se-me ao vê-la. Custava a perceber como o nosso baixel a atravessara sem se

fazer em pedaços: era um labyrintho de rochedos agudos quasi indelineavel.

Mestre João Legris, não sei por qual razão nautica, pretendera fundear juncto aos penedos que defendem a boca daquella ábra, até que chegasse a manhan. Ao lançar ancora, a amarra quebrara roçando sobre as rochas. Este successo desastrado arrancara da boca do arraes a energica exclamação, que tão terrivel fora ferir-me os ouvidos no meio das minhas dolorosas cogitações. Felizmente uma vaga monstruosa, erguendo o chasse-marée sobre o dorso, o arrojou por entre os parceis, talvez por cima delles, e nos salvou da morte, que aliás seria inevitavel.

A saída do recife deu mais trabalho aos nossos marinheiros do que lhes dera a entrada. O sol ía já mui alto quando abrimos todas as vélas ao vento. Este era de feição, e dentro em poucas horas aportámos a Granville.

NOTA

Esta decima-terceira edição, definitiva, das *Lendas e Narrativas* foi feita segundo a quarta, de 1877, a última da vida do seu autor; e nos casos duvidosos segundo as edições anteriores.

Segundo o critério adoptado no *Eurico* e na *História de Portugal*: as normas da ortografia de Herculano são aqui as mesmas, com pequenas diferenças em relação á *História*, a saber:

seria	e não	*seria*
seria	e não	*seria*
posera	e não	*pusera*
d'onde	e não	*donde*
elrei	e não	*el-rei*
têm (pl.)	e não	*teem*
cansado	e não	*cançado*

mas assim, todavia, no *Eurico*.

As edições posteriores a 1877 modernizaram ou corrigiram muitas grafias do autor, como:

civilização	por	*civilisação*
irmã	e	*irman*
bocca	e	*boca*
extender	e	*estender*

similhante e *semelhante*
quis e *quiz*
pais e *paiz*
çapato e *sapato*
dois (coisa) e *dous (cousa)*, etc.

Na acentuação fez-se a mesma cousa:

épocha por *epocha*
século e *seculo*
tentáculo e *tentaculo*
célebre e *celebre*
fôra, *côrte*, etc. e *fora*, *corte*, etc.

Também por vezes se alteraram as formas do autor com prejuizo até do sentido, a saber:

Tomo I, p. 11, l. 27-28 *orgulhoso sensato* por *orgulho insensato*
p. 22, l. 10 *dize-lhe que elle mentiu* por *diz-lhe elle que mentiu*
p. 30, l. 27 *sorriso* por *riso*
p. 39, l. 10 *florescente* » *florente*
p. 69, l. 25 *os personagens* por *as personagens*
p. 84, l. 23 *cala-te* por *cal-te*
p. 143, l. 22 *escarnecida* » *escarnida*
p. 175, l. 23 *grito* » *hiato*
p. 183, l. 1 *guerra* » *batalha*
p. 210, l. 21 *tal* » *al*
p. 236, l. 1 *commum* » *consum*

Tomo II,	p. 18, l. 12	*nunca*	por	*não*
	p. 47, l. 6	*uns bons*	»	*bons*
	p. 60, l. 21	*baculo*	»	*bago*
	p. 87, l. 11	*vulcão*	»	*bulcão*
	p. 126, l. 5	*aborrecido*	»	*aborrido*
	p. 253, l. 10	*imminente*	»	*eminente*
	p. 264, l. 19	*esse mariola*	»	*essa mariolada*
	p. 273, l. 11	*impossivel*	»	*possivel*

Restabelecemos sempre, é claro, a grafia e a acentuação do autor.

INDICE

A Dama Pé-de-Cabra

(SECULO XI)

Pag.

Trova primeira 7
Trova segunda 16
Trova terceira 33

O Bispo Negro

(1130) 57

A Morte do Lidador

(1170) 81

O Parocho da Aldeia

(1825)

Prologo 105
I — A aldeia e o presbyterio 118
II — Noitadas parochiaes 133
III — Uma escorregadella 144
IV — Alhos e bugalhos 175
V — Excurso patriotico 194
VI — Bartholomeu da Ventosa 220
VII — Tantaene animis? 247
VIII — Gloria ao padre prior! 271

De Jersey a Granville

(1831) 293

Nota 353

OBRAS

DE

Alexandre Herculano

Bobo (O) — Romance histórico.

Cartas (Inéditas) — 2 vols.

Composições várias.

Estudos sôbre o casamento civil.

Eurico, *O Presbítero* — Romance.

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols.

História de Portugal — Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos — 8 vols.

Lendas e Narrativas — 2 vols.

Monge de Cistér (O) — Romance. 2 vols.

Opusculos — 10 vols.

Poesias:

Livro I, A harpa do crente. — Livro II, Poesias várias. — Livro III, Versões: de Millevoye, Béranger, Delavigne, Lamartine, etc.